



**UFFS**  
**UNIVERSIDADE**  
**FEDERAL DA**  
**FRONTEIRA SUL**

**Campus Chapecó**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL**

Campus Chapecó

Licenciatura em História

**Poder, política e escrita da história na *Crônica Anglo-Saxônica*:  
uma análise dos reinos anglo-saxões dos séculos VII e VIII**

**KAUÊ JUNIOR NECKEL**

**Trabalho de Conclusão de Curso**

**Chapecó**  
**2018**

**KAUÊ JUNIOR NECKEL**

**Poder, política e escrita da história na *Crônica Anglo-Saxônica*:  
uma análise dos reinos anglo-saxões dos séculos VII e VIII**

Seminário de Trabalho de Conclusão de Curso II  
Ministrada pelo Prof. Dr. Vicente Neves Ribeiro  
Licenciatura em História – 9ª fase

Orientação: Prof. Dr. Renato Viana Boy  
LEME – Laboratório de Estudos Medievais  
REDE – Rede Latino-Americana de Estudos Medievais

**Chapecó  
2018**

**Resumo:** A seguinte pesquisa propõe produzir um estudo sobre as estruturas políticas, relações de poder e escrita da história dos reinos anglo-saxões nos séculos VII e VIII. Para entender tais estruturas, partiremos da *Crônica Anglo-Saxônica*, principal fonte que este trabalho contemplará. A *Crônica Anglo-Saxônica* é um conjunto de manuscritos que começa a ser escrita no século IX a mando de Alfredo, o Grande (849 – 899), até então rei de Wessex, sendo escrita até o ano de 1154. Estes manuscritos relatam a história da ilha britânica, desde o nascimento de Cristo até o período em que deixam de ser escritos. Este trabalho lida com pontos relacionados a historiografia sobre os anglo-saxões, tomando a *Crônica Anglo-Saxônica* como base e também a história política, uma vez que a questão do reino é vigente em nossos problemas de pesquisa. Quanto ao recorte temporal, analisaremos os séculos VII e VIII, partindo no início do século VII quando os reinos anglo-saxões estão fragmentados politicamente e terminando em 793, quando os vikings invadem os reinos anglo-saxões, causando uma ruptura política. Como problemas de pesquisa se lançarão às fontes variadas questões que envolvem a caracterização do conceito de reino anglo-saxão, a troca de informações políticas entre os reinos, a análise da hierarquização do reino e de suas estruturas, as relações de poder e a influência política da coroa no reino. Além disso, também nos apropriaremos questões que envolvem a historiografia do documento, tentando analisar como se constitui uma escrita da história em forma de crônica, como o poder e a política se comportam nesse tipo de escrita e qual a perspectiva de escrita do reino de Wessex sobre os outros reinos. O método de análise se fará do seguinte modo: o primeiro capítulo será voltado a análise da fonte, o segundo será analisado os reinos mais mencionados e o terceiro com os reinos menos mencionados. Assim, aplicar estas problemáticas à história política é também tratar de relações de poder no que neste trabalho se propõe: o reino. Desta forma, estudar este período é perceber a mutação que o poder pode sofrer entre diferentes reinos anglo-saxões. Analisar estas concepções de reino para os anglo-saxões, sobretudo em uma fonte que começa a ser escrita no século IX, é também analisar historiograficamente nosso objeto. Portanto, propomos contemplar problemas de pesquisa que envolvem tanto a história política quanto a historiografia, verificando as relações entre escrita e poder presentes nos nossos espaços de investigação, os reinos anglo-saxões.

**Palavras-chave:** *Crônica Anglo-Saxônica*, história política, historiografia.

**Abstract:** The following research purposes to produce a study about the political structures, relations of power and writing of history of the anglo-saxon kingdoms in the 7th and 8th centuries. To understand those structures, we'll start from the *Anglo-Saxon Chronicle*, main source that this work will contemplate. The *Anglo-Saxon Chronicle* it is a set of manuscripts that starts to be written in the 9th century by the command of Alfred, the Great (849 – 899), until then king of Wessex, being written until the year of 1154. These manuscripts reports the history of british isles, since the born of Christ until the period that leaves its written. This work deal with points related to the historiography of the anglo-saxons, taking the *Anglo-Saxon Chronicle* as a foundation and also the political history, once the question of 'kingdom' is present in our research problems. As to the temporal clipping, we'll analyze the 7th and 8th centuries, starting from the beginning of 7th century when the anglo-saxon kingdoms are politically fragmented and finishing in 793, when the vikings invade the anglo-saxon kingdoms, causing a political rupture. As research problems it will be launch to the source multiple questions that involves the carachterization of the concept of anglo-saxon kingdom, the exchange of political informations between the kingdoms, the analysis of the hierarchy of the kingdom and its structures, the relations of power and the political influence of the crown to the kingdom. Besides, we'll also appropriate of questions that involves the historiography of the document, trying to analyze how constitutes a writing of history in the shape of chronicle, how the power and the politics behaves in this type of writing and which perspective of writing the kingdom of Wessex has over the other kingdoms. The method of analysis it will be done in the following mode: the first chapter will be turned to the analysis of the source, the second one it will be analyze the kingdoms with more mentions and the third with the kingdoms with less mentions. So, apply these problematics in a political history is also care to relations of power in what this work purposes: the kingdom. In this way, study this period is to perceive how the mutation that the power has between differents anglo-saxon kingdoms. Analyze these conceptions of kingdom for the anglo-saxons, especially in a source that starts to be written in the 9th century is also analyze historiographically our object. Therefore, we'll purpose to contemplate research problems that involves as well the political history as far the historiography, verifying the relations between writing and power presents in our space of investigation, the anglo-saxon kingdoms.

**Keywords:** *Anglo-Saxon Chronicle*, political history, historiography.

## **Agradecimentos**

Agradeço primeiramente ao meu orientador, Prof. Renato Viana Boy. O prof. Renato está comigo desde que iniciei esta pesquisa, há quase quatro anos, sempre me apoiando, me orientando, me guiando e me aguentando. Posso dizer que me formei como historiador sob sua direta influência, esta monografia não seria nada sem sua ajuda. Agradeço muito a relação que temos, que saiu do âmbito profissional e se constituiu em uma bonita e sólida amizade. Foram ótimos anos de orientação, jamais me esquecerei.

Agradeço a banca arguidora desta monografia, Prof. Igor S. Teixeira da UFRGS e Prof. Ricardo Machado da UFFS. A leitura desta foi incrível, dando valiosas indicações ao trabalho. Agradeço, em especial, ao Prof. Ricardo que também me influenciou muito durante a graduação. Durante a pesquisa, sempre me indicou precisas leituras, além de ter sido o melhor professor de Teoria e Metodologia da História que pude ter. Também sou muito feliz por ter sua amizade, ela significa muito.

Um obrigado também ao LEME – Laboratório de Estudos Medievais, núcleo UFFS. Dentre todas as idas e vindas de membros, o LEME se tornou um local que me proporcionou interessantes reflexões. Muito do que foi produzido aqui está relacionado com os sólidos debates que tivemos. Estendo o agradecimento também aos diversos colegas medievalistas que encontrei em todos os congressos que tive o prazer de estar presente. Lá, além de conhecer o que está sendo produzido sobre Idade Média no Brasil também me fez entender como a história medieval é rica em perspectivas e em objetos.

Sou eternamente grato aos meus pais, Claci e Nelson. Além de me darem o presente da vida, também fizeram com que ela fosse mais bela e mais doce. Nestes quatro anos, foram meu apoio, meu exemplo e meu porto seguro. Obrigador por tudo. Obrigado também à minha irmã, Kauany, que com seu sorriso e suas sardas me fizeram encarar a vida de graduando com mais divertimento.

Por fim, agradeço a todos os meus amigos, dos quais seria injusto nomeá-los, pois não há espaço para todos. Vocês foram a válvula de escape de um mundo acadêmico, muitas vezes pesado e atarefado. Todos os momentos que tivemos me deram alegria e uma leveza, um sentimento de que tudo acabaria bem. E acabou. Obrigado.

## Sumário

Poder, política e escrita da história na <i>Crônica Anglo-Saxônica</i> : uma análise dos reinos anglo-saxões dos séculos VII e VIII	
Introdução.....	7
Capítulo 1: A <i>CRÔNICA ANGLO-SAXÔNICA</i> COMO OBJETO HISTÓRICO E HISTORIOGRÁFICO.....	13
<i>A Crônica Anglo-Saxônica</i> .....	14
Alfredo e a <i>Crônica</i> .....	14
<i>A Crônica Anglo-Saxônica</i> e sua circulação em ambiente monástico.....	18
<i>Crônica Anglo-Saxônica</i> : narrativa, temporalidade e memória.....	22
<i>A Crônica Anglo-Saxônica</i> e seu espaço na historiografia medieval.....	27
Capítulo 2: UMA ANÁLISE SOBRE OS REINOS ANGLO-SAXÕES MENOS MENCIONADOS: KENT, ESSEX, ÂNGLIA ORIENTAL E NORTÚMBRIA.....	31
O cenário político no século VII.....	31
Kent.....	34
Essex.....	41
Ânglia Oriental.....	43
Nortúmbria.....	48
Capítulo 3: UMA ANÁLISE SOBRE A SOBERANIA: MÉRCIA E WESSEX NA <i>CRÔNICA ANGLO-SAXÔNICA</i> .....	60
Protagonismos e antagonismos.....	60
Mércia.....	62
Wessex.....	79
Considerações finais.....	101
Referências.....	107
<b>Mapas</b>	
Reinos anglo-saxões e ocupação escandinava no início do reinado de Alfredo, o Grande.....	18
Os reinos anglo-saxões em finais do século VII.....	34

## INTRODUÇÃO

Para a realização deste trabalho, a *Crônica Anglo-Saxônica* será a fonte a ser analisada para notar as relações de poder e estruturas políticas dos reinos anglo-saxões nos séculos VII e VIII. Este é um documento com sua escrita iniciada no século IX, no reinado de Alfredo, o Grande (849 – 899), até então rei de Wessex. A partir das informações trazidas por Peter Hunter Blair (1997, p. 339) é dito que neste documento procura se fazer um relato de todos os acontecimentos importantes para o povo anglo-saxão desde o início da era cristã até o ano de 1154, quando a fonte deixa de ser escrita. A *Crônica Anglo-Saxônica* possui sete diferentes manuscritos, dos quais seis são escritos em anglo-saxão (ou Inglês antigo) e o sétimo possui duas versões, uma em anglo-saxão e outra em latim.

Segundo Blair (1997, p. 337) o mais velho dos manuscritos é chamado de A, no qual é dividido em dois, o A<sup>1</sup>, que é a *Parker Chronicle* – chamada por este nome pois pertenceu a um colecionador de documentos do século XVI chamado Matthew Parker, antes de ser transferida aos museus – relata os acontecidos do ano 1 até o ano 1070. O A<sup>1</sup> está atualmente na biblioteca do Corpus Christi College, em Cambridge, Inglaterra<sup>1</sup>. A segunda parte do manuscrito A é chamada A<sup>2</sup>, que consta em poucos fragmentos do que foi destruído em um incêndio no ano de 1731. Este A<sup>2</sup> é assim chamado por ser uma cópia do A<sup>1</sup>, provavelmente feita em Winchester no século XI. Este manuscrito foi compilado como apêndice a *História Eclesiástica do Povo Inglês* de Venerável Beda. O A<sup>1</sup> coloca-se como o objeto que Alfredo, em seu tempo, distribuiu cópias em centros religiosos de Wessex. Entre os outros manuscritos, há o B, que retrata os anos de 977 ao ano 1000, onde Blair (1997, p. 338) afirma que foi escrito em mão única neste tempo. O manuscrito C, que foi escrito por diversas mãos no século XI e retrata até 1066. Outros dois manuscritos, o D e o E foram escritos provavelmente em York, o manuscrito D retrata até o ano de 1079 e contém diferentes mãos em sua escrita. O manuscrito E foi escrito em mão única até 1121. Por último, o manuscrito F foi escrito até 1154, sendo este a edição bilíngue (Latim e Inglês antigo, o anglo-saxão) que começa a ser escrita de forma independente em Canterbury, no ano de 1100.

A versão da *Crônica Anglo-Saxônica* que usaremos é uma versão compilada dos manuscritos em inglês traduzida do idioma anglo-saxão (inglês antigo), pelo Rev. James

---

<sup>1</sup> Atualmente este manuscrito encontra-se na biblioteca do Corpus Christi College, na Inglaterra, com acesso ao seu documento original restrito. As versões digitalizadas e cópias, entretanto, são abertas à consulta pública. O presente trabalho utiliza-se da compilação destes manuscritos feitas digitalmente, assim não podendo resgatar informações que podem aparecer como fruto do trato manual. As referências à fonte neste trabalho, portanto, se farão em cima das versões digitais.

Ingram (Londres, 1823) com edição e comentários adicionais pelo Dr. J. A. Giles (Londres, 1847). O texto da edição está baseado no que foi publicado como “The Anglo-Saxon Chronicle” (Everyman Press, Londres, 1912), que está sob domínio público nos Estados Unidos. Usaremos a edição eletrônica da fonte que estava disponível em: <http://omacl.org/Anglo/> até abril de 2018, saindo do ar desde então. Esta edição foi traduzida pelo Rev. James Ingram em 1823, com notas posteriormente adicionadas por J. A. Giles em 1847. A versão digital foi editada, verificada e preparada por Douglas B. Killings em julho de 1996 ficando disponível até 2018.

Investigando em uma produção que começa no século IX durante o reinado de Alfredo, o Grande, verificaremos a partir de uma visão sobre os séculos VII e VIII. O recorte de nossa pesquisa se foca nas descrições presentes na *Crônica* referentes aos séculos VII e VIII, feitas durante o reinado de Alfredo, o Grande (849 – 899). O início do século VII é tomado como o período em que há maior fragmentação dos reinos anglo-saxões na ilha britânica. Este será nosso ponto de partida, uma vez que é nele que notaremos esta fragmentação como profundamente vinculada a um exercício de relações de poder a partir da escrita da *Crônica Anglo-Saxônica* no século IX. O início do século VII dentre os reinos anglo-saxões, é retratado como o período que conta com uma divisão do poder maior dentre os reinos anglo-saxões. A própria *Crônica Anglo-Saxônica*, por exemplo, não deixa claro um reino propriamente estabelecido quando fala de passagens do final do século VI. Esta fragmentação está ligada muito provavelmente com o fato que os reinos anglo-saxões ainda estavam se estabelecendo na ilha britânica.

Ao tomar a *Crônica Anglo-Saxônica* como objeto de análise historiográfica, devemos nos delimitar também à sua produção. A *Crônica Anglo-Saxônica* começou a ser escrita na corte de Alfredo, o Grande, em Wessex no século IX e é continuada até 1154. É importante notarmos que o panorama político no século IX era outro quando comparado aos séculos VII e VIII, período de nossa delimitação. No momento de escrita da *Crônica Anglo-Saxônica*, o reino de Wessex era o único sobrevivente dentro do panorama político anglo-saxão sob as invasões escandinavas que tiveram seu início em fins do século VIII.

A migração dos povos anglo-saxões começa a ocorrer ainda no século V, em passagens que a própria *Crônica Anglo-Saxônica* retrata. Esta migração do século V está ligada com a maioria dos movimentos migratórios ocorridos no momento que o Império Romano se enfraquecia no ocidente. Nesta toada, os anglos, saxões e jutos, movimentaram-se do norte da Germânia em direção a atual Grã-Bretanha. Este movimento é conhecido como o *adventus*. Na *Crônica Anglo-Saxônica*, o *adventus* é retratado tendo a figura de Hengist, Horsa e Esc,



três figuras reais dos chamados “velhos saxões”. Estes personagens são tomados como precursores da chegada dos povos germânicos a ilha britânica no século V. O *adventus* é assim conhecido pois causou um grande impacto na distribuição étnica dentro da ilha britânica. Os bretões, povos de origem celta que antes ocupavam o território entraram em conflito com os anglo-saxões, de origem germânica, sendo empurrados cada vez mais a oeste, tendo até o final do século VIII, com o estabelecimento definitivo dos anglo-saxões na ilha, ocupado apenas uma região da Cornualha e a região a oeste do *dique de Offa*, que hoje pertence ao País de Gales.

Este conflito é tomado como ruptura na própria visão a respeito da história da ilha britânica. Como produção historiográfica do período, o monge galês<sup>2</sup> Gildas (494 – 570) produz sua conhecida obra *De Excidio Britanniae* (em português: *A Ruína da Bretanha*) retratando a figura do anglo-saxão como uma figura de invasor. Sir Frank Stenton (2001, p. 7-8) nos dá a ideia de que esta migração foi de causa reversa. De acordo Stenton, o movimento migratório dos anglo-saxões para a ilha britânica aconteceu porque os bretões já haviam descido ao sul para ocupar partes da Europa continental. Esta migração dos bretões inclusive é presente na região da Bretanha francesa. O movimento de migração dos bretões no século IV-V empurrou os francos ao Reno – que posteriormente seria a raiz do estabelecimento do Reino dos Francos e pouco depois do Império Carolíngio – e toma forma no sentido que os bretões chegaram a ocupar regiões da Saxônia e da Jutlândia. Para Stenton (2001, p. 7) foi essa chegada dos bretões aos territórios dos anglos, saxões e jutos que possibilitou um “efeito reverso” na migração e estes povos chegaram a ocupar a ilha britânica, causando o *adventus*. Este movimento é descrito como um sinal dos fins dos tempos pelo monge galês Gildas e presente na *De Excidio Britanniae*, questões escatológicas são retratadas junto ao *adventus* anglo-saxão do século V. O ponto é que este movimento é descrito de maneira breve na *Crônica Anglo-Saxônica*. De acordo com Stenton (2001, p. 5) “a passagem é obviamente de uma extrema simplificação de uma situação muito complexa. Mas ocorreu quase duzentos anos antes da *História Eclesiástica do Povo Inglês* de Beda e mais de trezentos anos antes de qualquer manuscrito existente da *Crônica Anglo-Saxônica*”<sup>3</sup>. Stenton portanto, justifica que o *adventus* foi retratado de forma simplista tanto na *Crônica* quanto na *História Eclesiástica*

<sup>2</sup> Não há uma dicotomia própria para a diferença entre galês e bretão no século V, tomaremos galês e bretão como uma única etnia. Para isto, sugerimos consultar HIGHAM, Nicholas J. **Britons in Anglo-Saxon England**. Woodbridge: The Boydell Press, 2007.

<sup>3</sup> “The passage is obviously an extreme simplification of a very complex situation. But it is nearly two hundred years earlier than the *Historia Ecclesiastica* of Bede, and more than three hundred years earlier than any extant manuscript of the *Anglo-Saxon Chronicle*.” Grande parte da bibliografia usada por nós está em inglês, tal pois as traduções são feitas livremente, de nossa autoria.

por conta do longo período de tempo. Quando olhamos para a *Crônica Anglo-Saxônica*, não temos muitas referências dos acontecimentos, entretanto, ele é ainda mencionado. O prefácio dos manuscritos que acessamos nos dá uma ideia inicial do *adventus*, mas é a partir das menções do ano de 449 (*ASC*, p. 1, 449)<sup>4</sup> que começa a narrativa da chegada dos anglo-saxões na ilha britânica. As menções de batalhas entre anglo-saxões e galeses continuam com frequência até o início do século VII, sendo considerado o *adventus* um processo que vá nos dar a ideia de uma continuidade.

O processo de ocupação dos anglo-saxões, apesar de começar no século V, ganha notoriedade apenas no século VI. É no século VI quando a principal figura de legitimação das relações de poder do reino de Wessex viveu. O problema de pesquisa que elaboramos é: na *Crônica Anglo-Saxônica* os reinos são tratados como instituições políticas estabelecidas? Neste aspecto é importante considerar a passagem sobre o ano de 519:

519: Neste ano Cerdic e Cynric tomaram o governo do reino de Wessex; no mesmo ano eles lutaram com os bretões em um lugar agora chamado de Charford. A partir daquele dia reinaram os filhos dos reis de Wessex. (*ASC*, p. 1, 519)<sup>5</sup>

Aqui, a primeira menção em relação a um reino estabelecido ocorre. Um dos principais problemas de nossa pesquisa é perceber esta questão do reino estabelecido enquanto instituição política na forma que é retratado na *Crônica Anglo-Saxônica*, cabendo a passagem de 519 como uma passagem significativa para nossas proposições de pesquisa. Além disso, para o ano de 519 é feita uma primeira menção às figuras de Cerdic e Cynric, que serão os principais nomes para legitimação de uma linhagem real feita pelos reis de Wessex e Mércia nos séculos VII e VIII. Tal é a forma da linhagem estabelecida por Cerdic e Cynric que o próprio rei Alfredo, o Grande, busca uma legitimação de sua linhagem nestas figuras. No entanto, as menções a reinos estabelecidos no século VI na *Crônica Anglo-Saxônica* limitam quase que exclusivamente nas figuras de Cerdic e Cynric. É no início do século VII, entretanto, que é o período de nosso ponto de partida nesse trabalho.

A partir das descrições dos séculos VII e VIII, lançaremos um olhar sobre as relações de poder e estruturas políticas montadas na escrita da *Crônica Anglo-Saxônica*. Estas relações

---

<sup>4</sup> As menções a passagens da *Crônica Anglo-Saxônica* serão padronizadas da seguinte forma: *ASC*, representando a abreviação em inglês de *Anglo-Saxon Chronicle*, a *Crônica Anglo-Saxônica*, p. 1 é a parte que o trecho está inserido na versão digital da fonte que temos acesso e seguido do ano de referência da citação na fonte.

<sup>5</sup> A.D. 519. This year Cerdic and Cynric undertook the government of the West-Saxons; the same year they fought with the Britons at a place now called Charford. From that day have reigned the children of the West-Saxon kings.

de poder serão o principal guia de nossa pesquisa, nos dedicaremos a investigar como tais relações de poder se constituem e qual a posição de determinados personagens nesta cadeia de relações. Nossa análise, no entanto, vê as relações de poder como o local de trocas de informações políticas entre as Coroas dos reinos anglo-saxões. As relações de poder aqui são constituídas no sentido de uma análise de como o poder se constitui nos determinados reinos anglo-saxões e quais trocas de informações políticas os reinos realizam, verificando conceitos como os de influência da coroa, soberania do reino em determinado território. Ao leitor de nosso trabalho, será significativa a percepção de diversos nomes envolvidos nestas relações de poder, desde reis legitimados nos reinos anglo-saxões, até *ethelings*<sup>6</sup> e outras posições políticas reais que estão mencionadas constantemente na *Crônica Anglo-Saxônica*. Questões como o que é um reino, qual a posição dos reinos anglo-saxões nas relações de poder nele estabelecidas serão feitas a partir da escrita da *Crônica Anglo-Saxônica*. Além destas, é importante mencionarmos que as relações de poder estabelecidas nos reinos anglo-saxões estão retratadas a partir da *Crônica Anglo-Saxônica*, fonte escrita no reino de Wessex. Portanto, é um estudo também de perspectiva, uma vez que o próprio espaço de escrita da *Crônica Anglo-Saxônica*, o reino de Wessex, é um objeto de profunda preocupação na percepção das relações de poder determinadas entre os outros reinos anglo-saxões. O estudo do reino como um objeto político, analisando suas relações de poder e estruturas políticas serão, portanto, a principal preocupação de nossa investigação. Todas estas questões lidam também com problemas voltados a um estudo historiográfico de escrita da *Crônica Anglo-Saxônica* e voltado também à história política, já que nos preocuparemos a resolver as hipóteses criadas em relação a posição do reino nestas relações de poder. A política é um objeto que está presente tanto no nosso espaço de escrita, a corte de Alfredo, o Grande, quanto em nosso objeto de escrita, a *Crônica Anglo-Saxônica*, instrumento político, e nossa própria visualização dos problemas de pesquisa, que é buscar o estabelecimento do reino dentro destas relações de poder e estruturas políticas. Assim, entender a constituição historiográfica da *Crônica Anglo-Saxônica* é a principal intenção no primeiro capítulo deste trabalho. Ali, compreenderemos a escrita do documento na corte de Alfredo no que se remete aos séculos VII e VIII. Além disto, será feito um exercício entendendo sua constituição narrativa, de sua temporalidade e de sua memória, para entender em bases metodológicas a fundação de nosso documento. Ademais, ainda no primeiro capítulo serão complementadas reflexões sobre a figura de Alfredo, o Grande na *Crônica*, além da trajetória do documento em seus quase

---

<sup>6</sup> O termo será melhor esclarecido durante o capítulo 3 desta monografia, quando trataremos dos conflitos internos envolvendo o Reino de Wessex.

trezentos anos de escrita e das influências anteriores à escrita, como a importância da *Historia Ecclesiastica do Povo Inglês*, de Venerável Beda (672 – 735), para a construção da *Crônica Anglo-Saxônica*.

Neste sentido, a figura de Alfredo não foi voltada exclusivamente a produção da *Crônica Anglo-Saxônica*. A *Crônica* é tomada como um objeto de escrita de legitimação de seu reinado. Outra fonte, entretanto, foi buscada para consolidar sua figura enquanto figura real, a *Vida do Rei Alfredo*, esta com uma autoria definida, o bispo John Asser (? – 908/909). Esta intensa fabricação de documentos escritos que chegaram até nós é tomada como a *Renavatio Alfrediana*, ou o renascimento Alfrediano<sup>7</sup>. Ou seja, foi o período da história inglesa da Alta Idade Média que mais nos produziu fontes de análise do mundo anglo-saxão. A *Crônica Anglo-Saxônica* neste sentido, ganha notoriedade ao ser uma das fontes compiladas neste período.

Para isto, a análise política presente na *Crônica Anglo-Saxônica*, será feita uma divisão em dois vieses, entre os reinos com menos menções e os reinos com mais menções. Para os reinos com menos menções daremos o segundo capítulo deste trabalho. Kent, Essex, Ânglia Oriental e Nortúmbria, figuram aqui como reinos com algumas passagens curtas na *Crônica*. Nos prestaremos a fazer uma análise que envolva a visão que o reino de Wessex aplica sobre estes reinos no período, notando trocas de reinados, regicídios e objetos de legitimação de poder retratados na *Crônica Anglo-Saxônica*. No outro lado, será feita a mesma análise voltada ao reino de Wessex e Mércia como dois reinos que constantemente estão lutando pela hegemonia política dentre os reinos anglo-saxões no período delimitado por nossa pesquisa. Aqui, nos preocuparemos em verificar como a análise das relações de poder de Mércia se constituem numa escrita do reino de Wessex, o mesmo acontecerá quando investigarmos o reino de Wessex retratando sua própria história. Nos dedicaremos a isto no terceiro capítulo deste trabalho, com o intuito de representar esta luta pela soberania e a forma que ela é retratada na *Crônica Anglo-Saxônica*.

Finalizaremos nossa pesquisa nas descrições da *Crônica Anglo-Saxônica* referentes aos acontecimentos passados em fins do século VIII, com a invasão viking. Tomada como uma ruptura política (Stenton, 2001, p. 239), as invasões vindas dos escandinavos mudaram completamente o panorama político anglo-saxão. As relações de poder estabelecidas entre os reinos anglo-saxões – preocupação maior de nossa pesquisa – mudam completamente, uma vez que há um inimigo político diferente que agora ocupa a ilha britânica, os vikings. Estas

---

<sup>7</sup> Cf. em: SANTOS, Dominique Vieira Coelho dos; SOUZA, Anderson de. *Renovatio Alfrediana- As intervenções culturais de Alfred, O Grande*. **Revista Brathair**, São Luís, v. 13, n. 1, p.74-85, nov. 2013.

invasões têm seus primeiros relatos nas passagens de 787 (ASC, p. 2, 787) e 793 (ASC, p. 2, 793), os quais contam, de uma forma narrativa completamente diferente, o início da ocupação escandinava na ilha britânica. Esta mudança narrativa, inclusive, aparece para os escritores da *Crônica Anglo-Saxônica* no século IX este é o inimigo que mais deve ser chamada a atenção. Estas motivações políticas entre escandinavos e anglo-saxões são estabelecidas através de uma chave completamente oposta de descrição de acontecimentos, escritas em bases narrativas distintas, quando comparadas com as descrições estabelecidas entre os reinos anglo-saxões nos séculos VII e VIII.

Ainda, é importante mencionarmos que há uma dicotomia clara nas relações entre os vikings e o rei Alfredo. Esta dicotomia reflete claramente na escrita da *Crônica Anglo-Saxônica*. De acordo com Patrick Wormald (1991, p. 132). “A revisão de texto “nortenha” da *Crônica Anglo-Saxônica* para o ano de 793 [...] tem um evento tão traumático sendo tão dramaticamente anunciado como a chegada dos vikings”<sup>8</sup>. Esta mudança da narrativa é a motivação para o fim de nossa pesquisa, uma vez que as relações entre anglo-saxões e escandinavos estão fora do escopo e da delimitação que nós preparamos para a análise da *Crônica Anglo-Saxônica*. O que nos interessa são as relações estabelecidas entre os próprios reinos anglo-saxões.

Com isto em mente, notamos que este trabalho além de ter um viés de história política, é um trabalho que vai lidar constantemente com a questão historiográfica que a *Crônica Anglo-Saxônica* está envolvida. Ao analisarmos a *Crônica Anglo-Saxônica* notamos também uma escrita vinculada a preocupações ativas do século IX, sobretudo do reinado de Alfredo, o Grande. A questão historiográfica é presente, pois muitas das preocupações encontradas no reinado de Alfredo também refletiram nas descrições dos séculos VII e VIII. Notamos que para uma escrita da história as preocupações do presente da escrita estão tão vinculadas às ideias e preocupações do século IX, período de escrita da *Crônica* do que para os séculos VII e VIII. É necessário entendermos também o espaço de escrita da *Crônica Anglo-Saxônica* e sua trajetória historiográfica para notarmos a questão do reino e suas relações de poder nos séculos VII e VIII retratados na *Crônica Anglo-Saxônica*.

## **A CRÔNICA ANGLO-SAXÔNICA COMO OBJETO HISTÓRICO E HISTORIOGRÁFICO**

---

<sup>8</sup> The “northern” recension of the *Anglo-Saxon Chronicle* for the year 793 [...] has so dramatic an event so dramatically announced as the coming of the Vikings.

### ***A Crônica Anglo-Saxônica***

A *Crônica Anglo-Saxônica* é um documento que começa a ser escrito no século IX, durante o reinado de Alfredo, o Grande, no reino de Wessex. O documento é escrito em anglo-saxão (ou inglês antigo) e não possui uma autoria, tendo sua escrita começado em algum momento do reinado de Alfredo e se estendido até o ano de 1154, quando deixa de ser escrita.

Apesar de ter começado a ser escrita somente no século IX, relatar os acontecimentos desde o início da era cristã, procurando criar uma narrativa de relatos de acontecimentos até o período em que é escrita e a partir disto sua escrita é mais detalhada. O principal recorte que este trabalho se atentará dentro da *Crônica Anglo-Saxônica* são os séculos VII e VIII, que apesar de seus acontecimentos terem sido escritos posteriormente ao tempo em que aconteceram, eles estão de certo modo atrelados entre si. Portanto, cabe ao historiador ter o olhar crítico para absorver e dissociar as informações, uma vez que esta fonte é escrita a mando de uma Coroa – o que já é significativo para os relatos – e de certo modo influencia nossas problemáticas, sendo elas ligadas a história política. Deste modo, perceber as estruturas de poder e cadeias políticas em suas relações é também perceber até onde vai o comprometimento da *Crônica* com as informações que ela mesmo retrata, nos atentando sumariamente a seus acontecimentos relacionados a estas trocas de poder.

### **Alfredo e a *Crônica***

Um tema a ser tratado com cautela quando nos relacionamos com a *Crônica Anglo-Saxônica* é a participação de Alfredo. Crucialmente importante para o estudo da *Crônica*, sobretudo quando nos referenciamos a sua origem e intenção – analisando assim os séculos VII e VIII, que são séculos predecessores ao início da escrita da *Crônica*, no século IX – é perceber a influência de Alfredo na escrita. Neste ponto, diferentes problemáticas são levantadas. Richard Abels, no livro *Alfred the Great: War, kingship and culture in Anglo-Saxon England* reflete sobre isso:

Quem escreveu a *Crônica Anglo-Saxônica* e por quê, ainda remanesce como questões em aberto. Muito depende de como se responde a elas. A controvérsia central gira em torno do papel, se um dia Alfredo e sua corte, na compilação da *Crônica*, tiveram a intenção de mostrar como uma ‘propaganda’ de Alfredo e sua casa. (2013, p. 16)<sup>9</sup>

<sup>9</sup> Who wrote the *Anglo-Saxon Chronicle* and why remain open questions. Much depend upon how answers them. The central controversy has revolved around the role, if any, of Alfred and his court in the compilation

O ponto chave em relação às problematizações levantadas para a *Crônica* mostra-se no contexto de que Alfredo e sua corte tiveram a intenção de fazer uma propaganda para seu reinado. Estes fatores influenciam diretamente na construção dos fatos, pois deve-se manter um olho crítico a participação de Alfredo no que é registrado. Quando nos debruçamos sobre a intenção deste trabalho, este ponto tem ainda mais crucialidade. Uma vez estudando as estruturas políticas e relações de poder, a partir de uma fonte chave no contexto anglo-saxão, deverá manter-se um mínimo de distância dos objetos propostos para absorver as informações relacionadas aos reinados corretamente. Uma vez que, apesar de a *Crônica* ser *Anglo-Saxônica*, ela foi escrita no reino de Wessex e sobretudo, sob influência de Alfredo, o olhar sobre os reinos adjacentes a Wessex deve ser, assim, muito mais preciso e cuidadoso. Nisto, ao olharmos para a fonte, temos diversas construções *a posteriori*. Ainda Abels reflete sobre isso:

Há um século atrás (início do século XX), acreditava-se que o próprio Alfredo tinha uma mão na composição da *Crônica Anglo-Saxônica*. Os cuidadosos estudos lexicais de Janet Bately provaram o contrário. Sir Frank Stenton, por outro lado, pensou que a *Crônica* seria uma compilação privada originada de condados do sudoeste, talvez a mando dos *ealdormen* de Alfredo. (2013, p. 16)<sup>10</sup>

Vejamos aqui uma divergência. Richard Abels mostra dois vieses historiográficos relacionados à construção da *Crônica*. Enquanto um lado vê um mando direto de Alfredo, o outro, caminha em direção contrária e percebe que foi uma iniciativa do Conselho de Alfredo. Apesar de ambos, em sua essência, divergirem, há a participação, mesmo que indiretamente de Alfredo, o Grande.

Há de se pensar que uma vez um documento de tamanha influência, como a *Crônica Anglo-Saxônica*, esteja sendo escrito, abre-se intervalos de interpretação sobre sua a própria convicção da escrita do documento. Estes intervalos podem ser interpretados como conspirações de poder – que a própria *Crônica* relata diversas vezes – e deslegitimação de um rei.

No outro lado, ao ser um produto mandado por Alfredo, abre-se também

---

of the *Chronicle* and whether it was intended as “propaganda” for Alfred and his house.

<sup>10</sup> A century ago it was widely believed that Alfred himself had a hand in the composition of the *Anglo-Saxon Chronicle*. The careful lexical studies of Janet Bately have proved otherwise. Sir Frank Stenton, on the other hand, thought the *Chronicle* to be a private compilation originating in the southwestern shires, perhaps at the behest of one of Alfred's ealdormen.

problemáticas. É percebida que, neste ponto, a participação de Alfredo dentro da *Crônica* pode ser respondida como o seu ato de exímio propagandístico. Entretanto, há ainda um ponto central de discussão: o de que a *Crônica* não relata apenas os fatos do reinado de Wessex, tampouco os fatos de um único período. A *Crônica Anglo-Saxônica* é escrita até o século XII, período este que é recheado de diversos conflitos, incluindo a formação da coroa dos anglo-saxões a partir do próprio Alfredo, o Grande, até a invasão normanda de 1066 contra o rei Haroldo Godwinson na batalha de *Hastings*. Envolve-se aqui, diversos contratempos, pois ainda o domínio viking na Inglaterra e conflitos com galeses e celtas aparecem como fundamentais num documento que relata fatos. Tendo em consideração a isto, infelizmente, a abordagem de Richard Abels acaba se remetendo apenas ao período de começo da escrita da *Crônica*. Abels (2013, p. 16) considera: “Para a *crônica*, é menos uma história do povo inglês e mais um surgimento do reino de Wessex e da casa de Alfredo”<sup>11</sup>. Assim, conforme Abels, o começo da escrita da *Crônica* se dá muito mais para o intuito propagandístico., conforme Abels.

Fato é que a propaganda é um objeto comum dentro da historiografia inglesa do medievo. Isto pode ser confirmado junto a Antonia Gransden no livro *Propaganda in English Medieval Historiography*:

O exemplo mais antigo de uma história que pode ser oficial é a versão Alfrediana da *Crônica Anglo-Saxônica*. Seu autor é desconhecido mas é improvável ele ser um monge ou ao menos um residente de um monastério e ele estava provavelmente conectado com a corte do Rei Alfredo. O elemento propagandístico na *Crônica* sugere que ela foi comissionada por Alfredo para registrar as conquistas da casa de Wessex em geral e da própria Alfredo em particular, com uma ênfase especial nos triunfos militares. (1975, p. 370)<sup>12</sup>

Gransden, desta forma, confirma a tese junto a Richard Abels, afirmando que esta visão propagandística sobre a *Crônica Anglo-Saxônica* estava ligada diretamente a Alfredo e sua corte. A especialidade de Gransden aqui neste artigo, é uma visão sobre a própria historiografia dos documentos medievais ingleses, dando ênfase a esta discussão sobre a ligação da *Crônica* com Alfredo.

Uma contraposição de fatos, entretanto, aparece quando um outro historiador, Peter

<sup>11</sup> For the *Chronicle* is less a history of English people than the rise of Wessex and the house of Alfred.

<sup>12</sup> The earliest surviving example of a history which may well be official is the Alfredian version of the Anglo-Saxon chronicle. Its author is unknown but he is unlikely to have been a monk, or at least one resident in a monastery, and he was probably connected with the court of King Alfred. The propagandist element in the *Chronicle* suggests that he was commissioned by Alfred to record the achievements of the house of Wessex in general and of Alfred himself in particular, with especial emphasis on military triumphs.



Hunter Blair, aborda a *Crônica Anglo-Saxônica* no livro *Anglo-Saxon England*:

Não há evidência que o próprio Alfredo esteve diretamente preocupado com a compilação do que é compreensivelmente chamado de *Crônica Anglo-Saxônica*, mas é visto como provável que o crescimento do interesse durante seu reino no registro de história contemporânea deve algo ao seu encorajamento geral do aprendizado. (1997, p. 335)<sup>13</sup>

A problematização em torno da participação de Alfredo na compilação da *Crônica* apesar de ser, em muitas vezes, um problema de pesquisa que difere na visão de anglo-saxonistas, é um consenso que a presença de Alfredo está diretamente ligada com a compilação de fatos. Este consenso se mostra válido ao percebermos que uma produção vinda de um reino – Wessex – afeta não apenas no que se remete ao passado deste reino, mas também influencia a visão da *Crônica* mediante os outros reinos e povos que habitavam a ilha britânica.<sup>14</sup>

Ao visualizarmos os dois tomos que nos interessa diretamente, a parte 1 e a parte 2 da *Crônica Anglo-Saxônica* que temos acesso, podemos perceber esta parcialidade. Tais fatos demonstram-se recorrentes na prática de escrita da *Crônica*. Olhando tanto a “Parte 1: 1 – 748” quanto a “Parte 2: 750 – 919”<sup>15</sup> é perceptível muito mais fatos relacionados ao reino de Wessex do que aos outros. Como mais adiante frente será problematizado, a própria tomada de poder de dois reis anglo-saxões que tiveram relativa importância no período – Cynewulf de Wessex e Offa de Mércia – foram visualizadas de maneiras opostas. A participação de Cynewulf (*ASC*, p. 2, 755) é muito mais detalhada em referência a sua tomada de poder. A *Crônica* não deixa de mencionar a tomada de Offa à coroa (*ASC*, p. 2, 755), entretanto, os detalhes em relação a Cynewulf são muito mais detalhados. C. J. Arnold possui uma abordagem parecida quando se refere à *Crônica*, reforçando nossa tese: “A *Crônica*, em suas versões variadas, foi compilada em Wessex, então é mais informativa sobre o desenvolvimento deste reino em particular e menos sobre os outros” (1988, p. xvi)<sup>16</sup>.

<sup>13</sup> There is no evidence that Alfred himself was at any time directly concerned in the compilation of what is comprehensively called *Anglo-Saxon Chronicle*, but it seems probable that the growth of interest during his reign in the recording of contemporary history owed something to his general encouragement of learning.

<sup>14</sup> É importante ressaltar que o objetivo deste trabalho não é perceber fatos congruentes no que é apontado na *Crônica Anglo-Saxônica*, mas sim perceber o que é transmitido através do documento.

<sup>15</sup> A divisão em duas partes é feita desta forma pois assim é demonstrado na versão digital da *Crônica Anglo-Saxônica* que tenho acesso. As referências a fonte far-se-ão da seguinte forma: (*ASC*, p. X, ano), sendo *ASC* a abreviação do inglês para *Anglo-Saxon Chronicle*, isto é, a *Crônica Anglo-Saxônica*.

<sup>16</sup> The *Chronicle*, in its various versions, was compiled in Wessex, so it is particularly informative about the development of that kingdom, but less so about others.



Estas ocorrências, portanto, relatam fielmente a até onde vai o comprometimento da própria *Crônica*. Uma vez que ambas as informações possuírem características de chegadas de indivíduos ao poder – formando novas dinastias – uma é mais detalhada que a outra. Isto também pode estar diretamente relacionado com o intuito de Alfredo em sua possível participação na *Crônica Anglo-Saxônica*. Ora, se o objetivo de Alfredo for fazer uma propaganda tanto de seu reinado como do próprio reino de Wessex, as informações prioritárias contendo em tais manuscritos deveriam estar relacionadas ao seu próprio objeto de propaganda. Não haveria sentido, portanto, dar um espaço prioritário aos conflitos nas coroas



Figura 1: Reinos anglo-saxões e ocupação escandinava no início do reinado de Alfredo, o Grande. Disponível em: MEDEIROS, Elton Oliveira Souza de. **O REI, O GUERREIRO E O HERÓI BEOWULF E SUA REPRESENTAÇÃO NO MUNDO GERMÂNICO**. 2006. 140 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-graduação em História Social, Departamento de História, Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2006. p. 126

de Mércia, Nortúmbria, Essex ou qualquer outro reino anglo-saxão do período se o objetivo do documento fosse fazer uma propaganda de si mesmo enquanto governante. O fato de informações relacionadas ao reino de Wessex estarem em protagonismo na *Crônica* é justamente o mesmo objetivo da abordagem de Alfredo no documento. Portanto, se retomarmos o próprio Richard Abels – especialista em Alfredo, o Grande – no que concerne à problemática da participação de Alfredo ou a iniciativa pessoal de um Conselho na compilação da *Crônica*, podemos perceber que o caráter de participação de Alfredo se faz muito mais presente em relação a uma iniciativa do próprio Conselho. É necessário mencionarmos que nenhum documento é isento de posicionamento no que está relacionado a sua autoria, sendo assim, precisa-se olhar as possibilidades da participação de Alfredo como necessárias à análise das informações contidas na *Crônica Anglo-Saxônica*.

### **A *Crônica Anglo-Saxônica* e sua circulação em ambiente monástico**

Uma parte deste projeto propagandístico de Alfredo sai das mãos também de quem o lê. Bibliografias iniciais ajudam a interpretar que o principal espaço de circulação da *Crônica Anglo-Saxônica* foi o regime monástico. Isto, justamente por sua escrita se dar neste ambiente, entra em somatória com o ambiente da coroa de Alfredo, onde permanece em seus primeiros anos de escrita, no século IX. Uma boa ideia de uma reflexão sobre a circulação dos manuscritos da *Crônica* estão contidas em Blair (1997, p. 337-338), onde ele afirma das origens e posteriores circulações dos manuscritos.

A problemática da circulação dos manuscritos, portanto, é um dos pontos-chave para entender o público-alvo do documento. É claro que as informações trazidas por Peter Hunter Blair já dizem muita coisa, de que a principal circulação do documento – pelo menos os originais – foi num regime monástico, não atingindo assim o público em geral, ou seja, não sendo uma fonte divulgada a este público.

Antes de nos atentarmos às problemáticas da contemporaneidade da escrita, uma questão interessante é sobre a língua. Todos os manuscritos foram escritos em anglo-saxão, com exceção do último, escrito também em latim. Aparece aí um relevante instrumento de análise, já que nos ambientes vernaculares, os documentos que circulavam em sua esmagadora maioria, foram escritos em latim, já que mesmo no início da escrita do documento, no século IX, o latim já tomava preferência na língua falada nos mosteiros. Blair (1997, p. 334) afirma que está escrita em anglo-saxão da *Crônica Anglo-Saxônica* é o seu grande valor, pois as informações ali contidas não teriam uma legitimação religiosa, já

que sua escrita é em anglo-saxão, não em latim. É percebido aí que o principal propósito da *Crônica* no que diz respeito a sua ligação a Alfredo é uma legitimação política, tal fato seja que a circulação no ambiente monástico gira em torno da *Crônica* como instrumento de reafirmação política.

O fato de parte destas informações sobre a língua se darem em anglo-saxão também cai sobre o fator de que quando do começo de sua escrita no século IX, a escrita começou no ambiente da corte de Alfredo. Blair (1997, p. 334) afirma a existência de bispos estrangeiros na corte para a escrita da própria *Crônica*.

Podemos tirar daí dois pontos importantes: o primeiro, é de que sua escrita na língua anglo-saxã também era objetivada com um propósito de que o documento não foi um documento religioso e sequer eclesiástico, foi praticamente um documento de estado. Isto se dá, principalmente, pelo próprio Alfredo declarar a si mesmo rei dos anglos e dos saxões, ou seja, não faria sentido escrever algo propagandístico em latim, já que mesmo pelo regime de circulação posteriormente fosse em regime monástico, o documento serviria como instrumento de legitimação do poder político de Alfredo. A língua anglo-saxã neste contexto de escrita então, inicialmente, tem sido analisada com um intuito de reafirmação deste instrumento propagandístico, para finalmente no último manuscrito começar a ser escrito em latim.<sup>17</sup> O segundo ponto, é que a existência de bispos estrangeiros na corte de Alfredo atuaria junto a reafirmação deste poder de Alfredo como rei de Wessex quanto pela própria falta de mão-de-obra dentro da própria Inglaterra<sup>18</sup>. Blair (1997, p. 334) afirma: “Quando ele escreveu, ele não apreendeu apenas de bispos de sua terra, alguns daqueles de quem ele trouxe para sua corte para ajudá-lo em seus planos eram estrangeiros, mas havia outros que ele foi capaz de encontrar na Inglaterra”<sup>19</sup>. Segundo P. H. Blair, estes bispos estrangeiros foram Grimbold, um

<sup>17</sup> Esta diferença temporal do começo da escrita em latim pro começo da escrita da *Crônica Anglo-Saxônica* é praticamente de 300 anos. Percebendo os manuscritos posteriores ao século IX, que esta pesquisa não terá sua atenção profunda, é visualizado o caráter de mudança do sentido da escrita da *Crônica*. O que inicialmente serviria com intuito propagandístico, posteriormente aparece como um guia de registro de eventos do povo inglês. O detalhamento dos eventos do século IX até o ano de 1154 se dá tanto por sua escrita ser contemporânea aos próprios eventos quanto pelo intuito de Alfredo, o Grande – e posteriormente Eduardo, o Velho – ainda não terem estabelecido o Reino da Inglaterra, apesar de ser, à época de Alfredo, apenas a caracterização do “reino dos anglo-saxões”, unificação esta começada por Alfredo o Grande e terminada por seu filho, Eduardo, o Velho. Uma vez este “Reino dos anglo-saxões” estabelecido, a *Crônica* poderia aparecer justamente como um instrumento de afirmação de sua imagem no regime monástico, que posteriormente se torna o ambiente de escrita do documento.

<sup>18</sup> O termo é colocado entre aspas por não haver um Reino da Inglaterra oficialmente formado. Isto entra claramente em contraposição com os anglo-saxonistas estudados por nós, uma vez que a grande maioria usa, sem pudor, o termo *Inglaterra anglo-saxônica* (ou *Anglo-Saxon England*). Posteriormente, defenderemos a problemática do uso do termo Inglaterra voltadas aos séculos VII e VIII.

<sup>19</sup> When he wrote, there were again learned bishops in the land and though some of those whom he brought to his court to assist him in his educational plans were foreigners, there were others whom he had been able to find in England.

franco vindo de Reims, Asser, que era galês<sup>20</sup> e John, que foi mandado pelos Velhos Saxões (ou saxões da Germânia). Dentre os bispos da ilha, haviam quatro mércios: Plegmund, que virou arcebispo de Canterbury, Werferth, bispo de Worcester e dois padres, Athelstan e Werwulf.<sup>21</sup> Estas mãos entretanto não interferiram diretamente na escrita da *Crônica*, já que justamente nesta etapa, foi escrita na corte de Alfredo com, possivelmente, sua participação direta.

Estas circulações dos manuscritos pelos regimes monásticos posteriormente a Alfredo e Eduardo podem também serem justificadas como plausível de transformação do intuito do documento. Entretanto, apesar de o documento circular entre monastérios no século IX e início do X, Campbell (1986, p. 185) afirma que possivelmente o documento pode ter voltado à corte real no século XI, quando Eduardo, o Confessor, teria trazido o documento para sua corte para ser usado como referência para o início da escrita do *Doomsday Book*<sup>22</sup>, que posteriormente continuou sendo escrito a partir de William, o Conquistador. Estas informações, portanto, apresentam-se como vinculadoras a de que o documento, mesmo depois de Alfredo ainda no século IX não perdeu sua importância. Tanto que os eventos continuam a ser apresentados e muitos destes eventos são, também, políticos.

Ainda neste ponto, Barbara Yorke, na introdução de sua obra *Kings and Kingdoms of Early Anglo-Saxon England*, analisa as informações contidas na *Crônica* quando vinculadas à invasão dos anglo-saxões na ilha, ainda no século V. A análise dela varia no que tange à *Crônica Anglo-Saxônica* ser um documento de legitimação de estado. Entretanto, Yorke (2003, p. 4) destaca o seguinte ponto:

A chegada de Cerdic e Cynric é dita que ocorreu em 494 ou 495, mas pode ser demonstrado que a cronologia dos primeiros reis dos saxões do oeste foi artificialmente revisada e há vestígios de ser um pouco desajeitada, por remanescer como tópicos repetitivos da *Crônica Anglo-Saxônica* [...] isto pode ser explicado por mostrar até o quão tarde os anglo-saxões queriam

<sup>20</sup> Diferentemente dos outros bispos, Asser possui um papel mais importante a cumprir, pois juntamente a escrita da *Crônica Anglo-Saxônica* também é escrita a “Vida do Rei Alfredo” – originalmente *Vita Ælfredi Regis Anglo Saxonum* – de autoria de Asser. Esta que aparece como uma propaganda da própria imagem do rei Alfredo como rei-guerreiro. Diferentemente da *Crônica*, este documento foi escrito em latim. Para mais informações, ver SANTOS, Dominique Vieira Coelho dos; SOUZA, Anderson. Aelfred Venerabilis Rex: A construção da imagem do Rei-Guerreiro na Vita Ælfredi Regis Angul Saxonum. **Roda da Fortuna**, v. 1, n. 2, p.66-79, 30 dez. 2012.

<sup>21</sup> Blair afirma que muito do território de Mércia escapou dos ataques vikings ao tempo da escrita da *Crônica*, por isso, os Mércios foram chamados muito mais como caráter de necessidade. Ver: BLAIR, Peter Hunter. Alfred and the Anglo-Saxon Chronicle. In: BLAIR, Peter Hunter. **Anglo-Saxon England**. 4. ed. Londres: The Folio Society, 1997. (A History of England).

<sup>22</sup> Este documento é a principal referência para o estudo das informações normandas na Inglaterra do século XI. Não nos atentaremos especificamente a este documento por estar longe de nosso objeto de pesquisa e não contemplar, diretamente, nossas problemáticas.

saber da fundação de seus reinos.<sup>23</sup>

A questão de nossa abordagem não é a chegada de Cerdic e Cynric à ilha e sim a preocupação dos escritores do documento em relação a fundação de seus reinos. Daí, muito pode se tirar que o principal ponto da escrita da *Crônica Anglo-Saxônica* é sua legitimação do poder de Alfredo. Explica-se portanto, tanto a circulação monástica – em virtude desta preocupação com o passado, sendo o ambiente monástico um ambiente propício ao resgate do passado – quanto a preocupação de reis posteriores – como Eduardo, o Velho no século IX e Eduardo, o Confessor no século XI – isto é, a preocupação deste resgate e desta circulação, são fatores que podem explicar o sentido do documento: a legitimação do reinado. Esta legitimação serve em dois pontos: um como base para a escrita de documentos de reinos posteriores – como o *Doomsday Book* – e outro para a propaganda do próprio reino de Wessex, talvez este o intuito principal de Alfredo quando dado o início da escrita do documento.

Por fim, esta justificação de uma circulação do regime monástico serviu como base estrutural, seja para a escrita do documento, seja para a legitimação de sua intenção. Alfredo, o Grande começa o documento com a intenção de propaganda de imagem de seu reinado, ideia esta que é retomada por seu filho Eduardo, o Velho, para o fortalecimento de sua imagem como rei dos anglo-saxões – aqui, tomados como rei de um povo, e não de um reino propriamente estabelecido – e dois séculos depois para a legitimação de Eduardo, o Confessor, como rei da Inglaterra. Temos aí a consciência do poder propagandístico deste documento, que servirá como guia principal em relação às problemáticas tomadas do reino de Wessex nos séculos VII e VIII, este, ponto principal de nossa pesquisa.

### ***Crônica Anglo-Saxônica: narrativa, temporalidade e memória***

Dentro de um maior entendimento sobre o papel da *Crônica Anglo-Saxônica* no período que esta pesquisa se propõe estudar, a análise da narrativa, da temporalidade e da memória aparecem como essenciais para compreender as problematizações dentro do espaço anglo-saxão.

No que concerne a narrativa, Peter Burke em *A história dos acontecimentos e o*

---

<sup>23</sup> The arrival of Cerdic and Cynric is said to have occurred in 494 or 495, but it can be demonstrated that the chronology of the earliest West Saxon kings was artificially revised and traces of the rather clumsy revision remain in the repetitive entries within the *Anglo-Saxon Chronicle* [...] The accounts as they survive show how later Anglo-Saxons wanted to see the foundation of their kingdoms.

*renascimento da narrativa* dá um exemplo da *Crônica Anglo-Saxônica* como um lugar de narrativa fluida: “Assim como a descrição, a narrativa poderia ser caracterizada como mais ou menos “fluida” ou “densa”. No final fluido do espectro, temos a observação crua em um volume dos anais como a *Crônica Anglo-Saxônica*” (1992, p. 347). Burke conceitua a *Crônica* neste espaço de narrativa fluida justamente por seus acontecimentos serem diretos e datados., vejamos um exemplo:

716: Neste ano, Osred, rei dos Nortúmbrios, foi morto perto das fronteiras do sul. Ele reinou onze invernos depois de Ealdferth. Cenred então o sucedeu no governo, e o manteve por dois anos; então Osric, que o manteve por onze anos. Neste mesmo ano, morreu Ceolred, rei dos Mércios. Seu corpo jaz em Lichfield; assim como Ethelred, o filho de Penda, em Bardney. Ethelbald o sucedeu no reino de Mércia, e o manteve por quarenta invernos. Ethelbald era filho de Alwy, Alwy filho de Eawa, Eawa filho de Webba, do qual a genealogia já foi escrita. O venerável Egberto por esta época converteu os monges de Iona para a fé correta, na regra da Páscoa, e na tonsura eclesiástica. (*ASC*, p. 1, 716)<sup>24 25</sup>

Neste trecho, fica clara a intenção de Burke ao descrever a *Crônica Anglo-Saxônica* como narrativa fluida. Pode-se perceber a quase exclusividade de narrar os acontecimentos em uma ótica direta. Aqui é narrada a data do acontecimento, a sucessão do governo, o período de governo de cada rei, a genealogia dos reis e ainda rapidamente é narrada a conversão de determinado grupo para a fé cristã. Esta narrativa, portanto, mostra-se direta e simplificada, dando ainda mais trabalho ao historiador leitor da fonte, uma vez que a percepção dos silêncios numa narrativa direta será muito mais recorrente. A ausência de informação aqui se faz justamente o ponto de interesse do historiador, colocando-a em convergência com os pontos em que se menciona alguma informação, proporcionando várias formas de encarar o que se percebe como informação historiográfica válida na *Crônica Anglo-Saxônica*.

Para além de Peter Burke, esta distinção de pensar a narrativa vinculada a ideia de crônica enquanto objeto historiográfico também está presente em Hayden White. O

<sup>24</sup> A.D. 716. This year Osred, king of the Northumbrians, was slain near the southern borders. He reigned eleven winters after Ealdferth. Cenred then succeeded to the government, and held it two years; then Osric, who held it eleven years. This same year died Ceolred, king of the Mercians. His body lies at Lichfield; but that of Ethelred, the son of Penda, at Bardney. Ethelbald then succeeded to the kingdom of Mercia, and held it one and forty winters. Ethelbald was the son of Alwy, Alwy of Eawa, Eawa of Webba, whose genealogy is already written. The venerable Egbert about this time converted the monks of Iona to the right faith, in the regulation of Easter, and the ecclesiastical tonsure.

<sup>25</sup> Alguns nomes foram traduzidos para o português, como “Æthelred” para “Etelredo”, “Æthelbald” para “Etelbaldo” e “Æcbert” para “Egberto”, outros foram mantidos no idioma original. Esta escolha foi feita por se tratar de nomes que já foram aportuguesados em bibliografias anteriormente consultadas, outros, que não estavam presentes nestas bibliografias foram mantidos em sua forma original.



historiador norte-americano, ao tentar estabelecer um sentido na ordem narrativa da própria história também remete pequenos trechos sobre qual a importância da crônica na própria construção historiográfica. De acordo com White

O arranjo de eventos selecionados da crônica no interior de uma estória suscita os tipos de questões que o historiador deve prever e responder no curso da construção de sua narrativa. As questões são dessa ordem: “Que aconteceu depois?” “Como isso aconteceu?” “Por que as coisas aconteceram desse modo e não daquele?” “Em que deu no final tudo isso?” Essas perguntas determinam as táticas narrativas que cabe ao historiador empregar na construção de sua estória. (2008, p. 21)

É necessário portanto entender a estrutura narrativa da própria crônica ao entender qual sua implicância no processo historiográfico instituído. A partir de White, entendemos a construção de uma crônica enquanto aspecto de construção narrativa que vai diferir do próprio acontecimento em alguns pontos. Segundo o historiador norte-americano, ao ler os relatos históricos, é necessário perceber de que forma a sua narrativa está estabelecida, para entendermos o processo histórico que o cerca. Este exercício assim, pode ser aplicado na *Crônica Anglo-Saxônica* e sua constituição enquanto documento, uma vez que este tipo de narrativa é base para a construção de nosso documento de análise.

Ao que se refere a temporalidade, um estudo interessante para analisar o processo temporal da escrita da *Crônica Anglo-Saxônica*, é perceber a questão da história universal. Conforme trazido em Allen (2003, p. 17-42) a popularização da percepção do tempo neste tipo de narrativa tem como ponto de partida um dos três pontos de referência a seguir: a criação do mundo a partir da Bíblia (*Gênesis*), o estabelecimento do Império Romano<sup>26</sup> e o nascimento de Jesus Cristo. Michael Allen faz um profundo estudo sobre as diferentes temporalidades na narrativa destes três tópicos. Em relação a temporalidade a partir do *Gênesis*, Allen toma como referência a *Crônica de Eusébio-Jerônimo*, do século IV onde aparece como a primeira fonte com esse tipo de contagem do tempo. O estabelecimento do Império Romano, entretanto, aparece como contagem do tempo para a *Cidade de Deus*, fonte compilada por Paulo Orósio e Santo Agostinho. Esta narrativa portanto, tem como marco a política, diferentemente da narrativa de *Eusébio-Jerônimo*, onde o marco principal é essencialmente religioso.

O que interessa à *Crônica Anglo-Saxônica*, entretanto, é a narrativa a partir do nascimento de Jesus Cristo. Neste sentido, Allen faz uma breve análise desta temática:

---

<sup>26</sup> ALLEN, Michael. Universal History 300 – 1000: Origins and Western developments. In: DELIYANNIS, Deborah. **Historiography in the Middle Ages**. Koninklijke: Brill, 2003.

Os anos da fundação de Roma dá ritmo à cronologia subsequente do mundo. A chegada de Cristo sob Augusto [...] toma sentido em favor da dispensa de novos desastres seculares, onde isso pode ser mais levemente balanceado em favor da vinda do Redentor (2003, p. 27)<sup>27</sup>

A citação de Allen pode ser expressada como a presença de um marco temporal para a análise desta história universal. É este elemento, portanto que está presente na *Crônica Anglo-Saxônica*, desta forma, é possível tomar três exemplos claros ao olharmos para a *Crônica*:

60 a.C.: Antes da encarnação de Jesus Cristo em sessenta anos, Caio Júlio César, primeiro imperador dos romanos buscou a terra da Bretanha, e ele massacró os bretões em batalha, e os possuiu; e, no entanto, ele não foi capaz de estabelecer nenhum império lá (*ASC*, p. 1, 60 a.C)<sup>28</sup>

Neste fragmento da *Crônica*, é percebido o único fato que é contado anterior ao nascimento de Cristo. Aqui, percebe-se como exemplo a chegada de Caio Júlio César a ilha britânica. O fato a ser percebido neste fragmento, é a datação de sessenta anos “antes de Cristo”, ou seja, o marco factual da escrita da *Crônica* é justamente o nascimento de Jesus Cristo.

6: Do começo do mundo até este ano passaram cinco mil e duzentos invernos (*ASC*, p. 1, 6)<sup>29</sup>

Para este fragmento percebe-se também a preocupação da escrita da *Crônica* com a criação do mundo. Entretanto, este é um dos poucos fragmentos que aparece o *Gênesis* referenciado. Sendo a maioria dos fatos tendo a própria datação contada a partir do nascimento de Jesus Cristo. Um outro fato que chama atenção é a cronologia contada a partir de invernos. Para isto, o tradutor da versão da fonte que usamos, Rev. James Ingram (1823), chama atenção na nota 10 da primeira parte <sup>30</sup>da *Crônica*:

<sup>27</sup> The years from Rome's founding pace the subsequent chronology of the world. The arrival of Christ under Augustus begins Orosius's final book and a new dispensation of favour in which even secular disasters weigh lighter for the coming of the Redeemer.

<sup>28</sup> B.C. 60. Before the incarnation of Christ sixty years, Gaius Julius the emperor, first of the Romans, sought the land of Britain; and he crushed the Britons in battle, and overcame them; and nevertheless he was unable to gain any empire there.

<sup>29</sup> A.D. 6. From the beginning of the world to this year were agone five thousand and two hundred winters.

<sup>30</sup> Gibbon regrets this chronology from the creation of the world, which he thinks preferable to the vulgar mode from the Christian era. But how vague and uncertain the scale which depends on a point so remote and undetermined as the precise time when the world was created. If we examine the chronometers of different writers we shall find a difference, between the maximum and the minimum, of 3368 years. The Saxon chronology seems to be founded on that of Eusebius, which approaches the medium between the two extremes.

Gibbon discorda desta cronologia da criação do mundo, preferindo o modo vulgar da era cristã. Mas o quão vago e incerto é esta escala depende de um ponto tão remoto e indeterminado como é o tempo exato que o mundo foi criado. Se nós examinarmos a cronometragem de cada escritor nós devemos perceber uma diferença, entre máximo e mínimo, de 3368 anos. A cronologia saxônica parece ser sido fundada em Eusébio, que aparece como no meio entre os dois extremos (INGRAM, 1823 in *ASC*, p. 1, n. 10)<sup>31</sup>

Ingram desta forma faz referência à Edward Gibbon, provavelmente em sua obra *Declínio e Queda do Império Romano*, onde seu argumento sustenta a ideia trazida anteriormente por conta da contagem por Eusébio e sobretudo a partir da problemática da datação a partir da criação do mundo.

1: Otaviano reinou sessenta e seis invernos; e no quadragésimo segundo ano de seu reinado, Cristo nasceu. Então, três reis magos vieram do leste para adorar Cristo; e as crianças em Belém foram mortas por Herodes em perseguição a Cristo. (*ASC*, p. 1, 1)<sup>32</sup>

O ano 1 da *Crônica Anglo-Saxônica* é o principal marco para entender a temporalidade do manuscrito. Aqui é contado como o nascimento de Cristo aconteceu. Desta forma, somente o fato de o nascimento de Cristo estar relatado na *Crônica* é um fator para se perceber que este fato é o marco temporal da cronologia do documento. A *Crônica*, assim, não foge da tradição cristã medieval referente à história universal, tendo o fator cronológico do nascimento de Cristo como marco inicial.

Portanto, diferentemente da contagem da *Crônica de Eusébio-Jerônimo*, onde o tempo é contado a partir do *Gênesis*, dando margem a erros cronológicos, a *Crônica Anglo-Saxônica* é contada a partir do nascimento de Cristo. Este fato preocupa-se com a figura do redentor como algo relevante o suficiente para aparecer como marco temporal.

Na questão do desenvolvimento do espaço de memória, perceber a maneira de como a *Crônica Anglo-Saxônica* retrata seus eventos é partir de uma conjectura de espaço de memória coletiva. Parte desta hipótese se constrói em cima de dois principais fatores sobre a escrita da *Crônica*: o primeiro é de que, em função do longo espaço de tempo em que sua

<sup>31</sup> Allen (2003, p. 23) também aponta esta problemática: “Na soma final da cronologia, Jerome claramente seguiu Eusébio na vinda de Cristo ao mundo, entretanto, ele fala diferentemente quando referencia-se à marcação do tempo de volta para a Criação do mundo, isto percebeu-se como um problema em fatos do ano de 5579”. A contagem a partir do *Gênesis* portanto não é precisa, muito em vista da interpretação pessoal de cada escrita da criação do mundo, diferenciando-se mesmo entre Eusébio e Jerome.

<sup>32</sup> A.D. 1. Octavianus reigned fifty-six winters; and in the forty-second year of his reign Christ was born. Then three astrologers from the east came to worship Christ; and the children in Bethlehem were slain by Herod in persecution of Christ.

escrita ocorreu – isto é, quase quatro séculos –, partir de uma memória escrita em âmbito individual não se tornaria um subtópico pertinente. O segundo fator é o próprio ambiente de escrita, uma vez a *Crônica* escrita numa corte sob a supervisão de uma Coroa – na figura de Alfredo – o espaço de memória – apesar de o documento ser objetivamente propagandístico – se dá num âmbito de troca de informações, seja entre os bispos anteriormente mencionados, seja mesmo entre os diferentes métodos de escrita, assim, a memória construída na *Crônica* é necessariamente coletiva.

Como aporte teórico para sustentação destas reflexões aqui trazidas, Maurice Halbwachs discorre afirmando que “toda memória é transmitida socialmente e toda memória coletiva é uma memória de grupo” (HALBWACHS *apud* LE JAN, 2016, p. 6). Esta memória de grupo pode ser muito bem percebida ao traçar o paralelo com as diferentes mãos que a *Crônica Anglo-Saxônica* se beneficiou em sua escrita, uma vez que o objetivo de escrita da *Crônica* apesar de começar como propaganda no século IX, sofreu diversas mutações durante seus séculos de escrita. Estas mutações estão presentes nas reflexões sobre sua participação neste espaço de memória coletivo.

Ainda no subtópico da memória coletiva, Régine Le Jan trata também do espaço de esquecimento como um espaço de memória. Para Le Jan (2016, p. 6) “a instrumentalização da memória coletiva permite esquecer o resto, e isso deveria interessar aos historiadores”. Esta reflexão é pertinente ao traduzir a questão da narrativa fluida dentro da *Crônica Anglo-Saxônica*, uma vez que a percepção do que não foi colocado deve se fazer presente, seja para retratar as ausências dentro da narrativa, ou mesmo para perceber o que pode ter sido intencionalmente esquecido.

Praticar uma percepção em cima do que não é escrito está, portanto, diretamente ligado com o que Alfredo propõe ao criar a *Crônica Anglo-Saxônica*. Fazer uma propaganda do próprio reino cabe, para Alfredo como o lugar de onde se evidencia a existência do reino de Wessex. Esta propaganda ao historiador está diretamente preocupada com o limite deste espaço de esquecimento. O historiador, ao perceber a *Crônica Anglo-Saxônica*, deve constantemente fazer o exercício de perceber o que não está ali.

## **2.5. A *Crônica Anglo-Saxônica* e seu espaço na historiografia medieval**

Para perceber o lugar da *Crônica Anglo-Saxônica* dentro da historiografia medieval é necessário retroceder a outras fontes do período e entender o próprio sentido da crônica universal e da história universal. A crônica universal e a história universal como gêneros

historiográficos podem ser percebidos através da escrita de Toro Vial:

Ao longo de toda a Idade Média constatamos a existência de um tipo particular de crônicas. Estas crônicas não se referem a uma nação em particular nem contam a história de uma região determinada. Também não se consagram a resenhar as gestas dos barões, dos bispos ou dos abades. Pelo contrário, são relatos que pretendem abarcar toda a história da humanidade, desde a Criação do mundo até a época do seu autor, incluindo em si as histórias particulares das personalidades, povos, reinos e até mesmo o império. São as que foram chamadas de “crônicas universais”, usando uma terminologia moderna, posto que na época não recebiam tal nome, mas sim títulos genéricos como *chronicae* ou *historiae*, segundo o que o próprio autor quisesse chamá-las. (2015, p. 158)

Após esta breve explicação temos o sentido de inclusão da *Crônica Anglo-Saxônica* no contexto da historiografia medieval. Como já problematizado sobre a temporalidade de nosso documento no subtópico anterior, no espaço das crônicas universais, a *Crônica Anglo-Saxônica* coloca-se como um objeto que foi construído em bibliografias anteriores. Para isto, as percepções que faremos sobre estas outras fontes serão breves, no entanto, cruciais para perceber os elementos contido na própria *Crônica*. Neste sentido, a principal fonte que entra em diálogo com a *Crônica Anglo-Saxônica* é a *História Eclesiástica do Povo Inglês*, escrita por Venerável Beda (673 – 735), no século VII.<sup>33</sup>

A *História Eclesiástica do Povo Inglês* é um documento escrito pelo monge Venerável Beda e finalizado em 731. Esta fonte é dividida em cinco livros tratando sobre a história do povo inglês do ponto de vista eclesiástico. De acordo com Wormald (1991, p. 70) Venerável Beda compilou este documento sob influência do rei Ceolwulf da Nortúmbria (729 – 737), o próprio Beda admite a “dedicatória” a Ceolwulf logo no início do Livro I. Entretanto, o principal objetivo de Venerável Beda ao escrever a *História Eclesiástica* foi tentar criar uma identidade única ao anglo-saxão. Talvez o principal objetivo deste documento seja este, instituindo pela primeira vez uma “identidade” ao anglo-saxão, na forma da compilação de uma história eclesiástica. O próprio Frank Stenton admite no clássico livro *Anglo-Saxon England* a importância de Beda para o estabelecimento do povo anglo-saxão na ilha britânica. De acordo com Stenton (1971, p. 8-9) “A contribuição chefe de Beda à história das invasões anglo-saxãs é o estabelecimento do que ele acreditou ser um relacionamento entre invasores e

<sup>33</sup> Ainda neste sentido, outras fontes se colocam como importantes para entendermos os elementos contidos na *Crônica*. As informações trazidas por Barbara Yorke (2003, p. 3) em seu livro *Kings and Kingdoms of Early Anglo-Saxon England* afirmam que a presença das crônicas escritas Kent, como a *Historia Brittonum* (do latim: *História Britânica*), escrita por Nênio – monge galês do século IX – e o *De Excidio Britanniae* (do latim: *A ruína da Bretanha*) de Gildas – monge galês do século VI – são fontes que, em alguma escala, possuíram sua influência na escrita da *Crônica Anglo-Saxônica*.

os vários povos ingleses de seus próprios dias.”<sup>34</sup> Stenton desta forma, sinaliza a importância da *História Eclesiástica* de Beda como base de informações para a construção de outras fontes.<sup>35</sup>

O nosso objetivo ao entender a estrutura contida na *História Eclesiástica*, é perceber sua influência na *Crônica*. De acordo com as informações contidas em Barbara Yorke (2003, p. 1-25) muitas das informações trazidas na *Crônica* estão citadas e/ou diretamente relacionadas com a *História Eclesiástica*. Desta maneira, Yorke faz uma breve reflexão sobre a chegada dos anglo-saxões na ilha britânica, onde ela relaciona a *Crônica* com a *História Eclesiástica*:

A *Crônica Anglo-Saxônica* também contém a chegada de Cerdic e Cynric, Stuf e Wihtgar e Ælle e seus filhos, os fundadores, respectivamente, dos reinos de Wessex, reino da Ilha de Wight e o reino de Sussex. [...] Beda introduz sua informação sobre Hengist e Horsa com a frase “eles disseram...” (do anglo-saxão: *perhibentur*), uma forma que ele usou em sua história quando ele estava escrevendo sobre uma história oral que se coloca como inverificável. Os comentários de Beda sugerem que nós devemos usar a informação do advento no reino de Kent com cautela e certamente quando olhamos completamente a narrativa da fundação de Kent e das atividades de Cerdic e Cynric, que podem ser vistas como forma de questionamento de sua validade histórica. [...] Ainda, a *Crônica* descreve uma vitória em 508 por Cerdic e Cynric sobre um rei bretão chamado Natanleod, depois do qual o distrito de *Natanleaga* foi batizado. (2003, p. 4)<sup>36</sup>

Esta reflexão, portanto, é concomitantemente favorável a nossa hipótese de uso da *História Eclesiástica* como fonte de informações da escrita da *Crônica*. A hipótese se reforça principalmente porque Barbara Yorke se insere como uma especialista em Venerável Beda, sendo que a própria *História Eclesiástica do Povo Inglês* foi a fonte principal da escrita de seu livro *Kings and Kingdoms of Early Anglo-Saxon England*. Barbara Yorke, desta forma, trabalha com a hipótese da influência de Beda em outras fontes do período, citando inclusive a *Historia Brittonum* de Nênio e a *De Excidio Britanniae* de Gildas.

<sup>34</sup> Bede's chief contribution to the history of the Anglo-Saxon invasions is a statement of what he believed to be the relationship between the invaders and the various English peoples of his own day”

<sup>35</sup> Para consultar mais sobre o estabelecimento de Venerável Beda enquanto historiador, recomendamos: BROWN, George Hardin. **A Companion to Bede**. Woodbridge: The Boydell Press, 2009.

<sup>36</sup> The *Anglo-Saxon Chronicle* also contains accounts of the arrival of Cerdic and Cynric, Stuf and Wihtgar and Ælle and his sons, the founders respectively of the kingdoms of the West Saxons, the Isle of Wight and the South Saxons. [...] Bede introduced his information about Hengist and Horsa with the phrase ‘they are said...’ (*perhibentur*), a formula he used elsewhere in his history when he was drawing on unverifiable oral tradition. Bede’s comment suggests that we should use the information on the Kentish *adventus* with caution and certainly when one looks at the fuller narratives of the foundation of Kent and at the activities of Cerdic and Cynric one can see further reasons for questioning their historical validity [...] Thus the *Chronicle* describes a victory in 508 by Cerdic and Cynric over a British king called Natanleod after whom, it is said, the district *Natanleaga* was named.

Entretanto, deve-se perceber as influências na própria *História Eclesiástica* para remeter este objeto na forma que aplica sua influência na *Crônica*. Conforme Yorke (2003, p. 1-25), a *História Eclesiástica* foi escrita com o objetivo de criar uma imagem identitária no povo anglo-saxão, ou seja, para os anglo-saxões entenderem a si mesmos em forma de universalidade e donos de um território que seria, no momento da vida de Venerável Beda, ocupado recentemente, uma vez que eles são as junções de três povos, os anglos, os saxões e os jutos. Nesta maneira, o objetivo da escrita da *História Eclesiástica* é um objetivo diferente da escrita da *Crônica*, uma vez que esta última começa a ser escrita com o objetivo de legitimar e exaltar o reinado de Alfredo, em Wessex.

Entretanto, coloca-se pontos específicos de condução da escrita da *História Eclesiástica*, conforme Toro Vial (2015, p. 158-183) a escrita da *História Eclesiástica do Povo Inglês*, de Beda, coloca-se inserida numa tradição maior de escrita de diversas “histórias eclesiásticas” dispostas no contexto do ocidente medieval, desde o século III. Portanto, a tradição da escrita da *Crônica Anglo-Saxônica*, uma vez remetida a escrita da *História Eclesiástica do Povo Inglês*, que esta por sua vez, possui suas influências da *Crônica de Eusébio-Jerônimo*, documento este, já referenciado por nós nas páginas anteriores. Toro Vial afirma o uso das escritas de Beda como ato de legitimação do passado:

Outros, em contrapartida ultrapassam seu presente histórico, prosseguindo com uma série de considerações escatológicas até a chegada do Anticristo e o Juízo Final. Assim outorgam à sua obra um sentido novo, em que se criam o presente, o passado e o futuro. Exemplo disso são as crônicas de Beda, o Venetável e de Oto de Freising. (2015, p. 161)

Assim, entender a inserção de Beda neste passado em questão é também entender a inserção do conteúdo escrito na *Crônica Anglo-Saxônica* no que é escrito na *História Eclesiástica*. A *Crônica Anglo-Saxônica* portanto, coloca-se como parte de uma cadeia bibliográfica e tradição manuscrita no contexto do ocidente medieval na Antiguidade Tardia. Ou seja, é necessário entender que o conteúdo que a *Crônica Anglo-Saxônica* pretende retratar, apesar de pertencer a um povo já delimitado, os anglo-saxões, num período já delimitado, do ano um até o ano de 1154, e numa geografia já delimitada, a ilha britânica, ela pertence tradicionalmente a um contexto geral de escrita medieval, e tem em seu próprio gênero literário uma escrita que pertence a uma tradição já concebida.

## UMA ANÁLISE SOBRE OS REINOS ANGLO-SAXÕES MENOS MENCIONADOS: KENT, ESSEX, ÂGLIA ORIENTAL E NORTÚMBRIA

### O cenário político no século VII

Ao visualizarmos o século VII como o ambiente de reflexão a partir da *Crônica Anglo-Saxônica*, perceberemos termos que envolvem a história política, necessitando entender a fragmentação dos reinos. Dado como ponto de partida do nosso trabalho, a fragmentação dos reinos foi, em todos os termos, a principal característica que marca o início do século VII na Britânia anglo-saxã.

Não apenas dividido na chamada “heptarquia”, os reinos mostraram-se ainda mais fragmentados do que o que Henry de Huntingdom procurou retratar no século XII ao conceituar a heptarquia. Neste sentido, ao trazer a problemática da fragmentação dos reinos é necessário olhar os dois vieses de análise, o das produções de anglo-saxonistas que nos atentaremos e o da própria *Crônica Anglo-Saxônica*. O conceito de Huntingdom em sua obra *Historia Anglorum* procura contextualizar a “Inglaterra Anglo-Saxônica”<sup>37</sup> até o século IX como a “heptarquia”. O conceito é atribuído aos reinos da Inglaterra Anglo-Saxônica onde a atual Inglaterra seria fragmentada em sete reinos distintos, sendo três reinos saxões (Reinos de Essex, Wessex e Sussex), três reinos anglos (Reinos da Nortúmbria, Anglia Oriental e Mércia) e um reino juto (Reino de Kent). Este conceito é muito problematizado e é um consenso no que corresponde a historiografia anglo-saxã de o rejeitar. De acordo com Simon Keynes:

---

<sup>37</sup> Apesar de ser determinante a Inglaterra Anglo-Saxônica ainda ser chamada de “Inglaterra”, este fato se dá recorrentemente nas articulações teóricas e discussões historiográficas de boa parte dos autores consultados por nós. O Reino da Inglaterra é formado no século X sob Athelstan mas é constituído enquanto reino apenas no ano de 1066, após a batalha de Hashtings, sendo unificado de uma vez por todas sob William, o Conquistador (também chamado de Guilherme, o Conquistador) junto ao domínio dos normandos, sendo comum o uso do termo Inglaterra a partir daí. A unificação política que depois vem a resultar no processo que constitui efetivamente o Reino da Inglaterra possui sua gênese ainda no reinado de Alfredo, o Grande. Após Alfredo proclamar-se rei dos anglos e dos saxões, ele começa um processo de efetivação da identidade do anglo-saxão em detrimento aos vikings, que durante seu governo em finais do século IX, ocupavam boa parte do território inglês junto à Danelaw. Apesar disso, autores como Venerável Beda na *História Eclesiástica do Povo Inglês* constroem este argumento efetivamente em cima de uma identidade inglesa, esta identidade entretanto não está diretamente conectada com o Reino da Inglaterra propriamente estabelecido enquanto objeto de unificação política. Os autores anglo-saxonistas usados por nós, entretanto, usam este termo recorrentemente para se referirem à chamada *Early Anglo-Saxon England* que seria o período que compreende o início do *adventus* até a chegada dos vikings em 793, período ativo no nosso recorte de pesquisa. Neste período, a fragmentação dos reinos anglo-saxões é extremamente ativa, não havendo um processo de unidade política, havendo justamente o contrário, como esta monografia busca demonstrar. Esta problemática muito pode se comprometer com o próprio espaço de escrita dos anglo-saxonistas que consultamos: a esmagadora maioria dos autores são ingleses e formados em um regime historiográfico correspondente à escola inglesa. Este fator, no nosso ponto de vista, é determinante aos escritos principalmente sobre o nascimento da identidade do inglês, uma vez que está sendo escrito diretamente por autores que são ingleses.



Os conceitos da “heptarquia” e da “bretwalda” são tão profundamente arraigados na historiografia da Inglaterra Anglo-Saxônica que eles não podem ser removidos de qualquer discussão sobre o tópico; mas é questionável que qualquer conceito tenha muito significado no século VIII ou IX, e é preciso ser dito que existem outras formas de aproximação às complexidades da história política deste período, que procedem de diferentes premissas dos quais prometem explicar desenvolvimentos em diferentes termos. (2008, p. 19)<sup>38</sup>

Portanto, não usaremos o termo da heptarquia e da *bretwalda* justamente por serem conceito que atualmente requerem uma série de especificações terminológicas, sendo, *a priori*, criadas no século XII a partir de Henry of Huntingdom.<sup>39</sup>

Tendo a visualização, num primeiro momento da *Crônica Anglo-Saxônica* em sua singularidade em relação a fragmentação dos reinos, percebemos que muitos dos reinos citados pelas nossas bibliografias não estão concisamente retratados na *Crônica*. Entretanto é necessário nos atentarmos às questões levantadas também pelos anglo-saxonistas. Procuremos, então, nos atentarmos a citação de Thacker:

As unidades mais duradouras que sobreviveram no período foram, cada um com seus bispos e bispados, incluindo no norte, com Bernícia e Deira (que durante o século foram unidas em um reino, a Nortúmbria) e no centro-sul Wessex, Mércia, Kent, Ânglia Oriental, Essex e Sussex. De tempos em tempos nós lemos também sobre reis de Hwicce, Lindsey, Ilha de Wight, Ânglia Média, e, mais duvidosamente de Magonsæte e Surrey, junto com o reino de South Gwyre onde nós escutamos de um *princeps*. (2008, p. 463)<sup>40</sup>

Desta forma, muito do que foi construído na historiografia a partir do século XIX inclui, na leitura do século VII, a adição de mais reinos além dos que estão mencionados na *Crônica Anglo-Saxônica*. Esta hipótese se alonga a outros historiadores. Peter Hunter Blair afirma:

<sup>38</sup> The concepts of the 'Heptarchy' and of the 'Bretwalda' are so deeply engrained in the historiography of early Anglo-Saxon England that they could never be removed from any discussion of the subject; but it is questionable whether either concept would have had much meaning in the eighth or the ninth century, and it must be said that there are other ways of approaching the complexities of political history in this period, which proceed from different assumptions and which promise to explain developments in somewhat different terms.

<sup>39</sup> Mais informações podem ser vistas em KEYNES, Simon. England, 700-900. In: MCKITTERICK, Rosamond. **The New Cambridge Medieval History**. Cambridge: Cambridge University Press, 2008. Vol II, p. 18-42.

<sup>40</sup> The most enduring units, those which survived throughout this period, each with their own bishop or bishops, included in the north Bernicia and Deira (for much of the century uneasily united as Northumbria), and in the midlands and the south Wessex, Mercia, Kent, East Anglia, Essex and Sussex. From time to time we read also of kings of the Hwicce, Lindsey, the Isle of Wight, Middle Anglia, and, more dubiously, the Magonsæte and Surrey; among the South Gwyre we hear of a princeps.

Nada menos que doze reinos existiram na Inglaterra ao redor do ano 600. Não há razão para pensar que eles foram em qualquer forma tribais ou nacionais em sua origem. Não parece haver relações significantes entre a distribuição dos reinos anglo-saxões e a Romano-Britânica *civitates* que os precederam, salvo no caso de Kent e possivelmente Sussex, mas em ambas as instâncias, a geografia física pode muito bem ter sido o fator decisivo, e em geral pode ser pensado que a maioria dos reinos anglo-saxões começaram através de conquistas militares e desintegração de qualquer autoridade central dos quais deve ter existido no tempo da invasão. Entre 600 e 865 houve substanciais avanços em direção à unidade política como a autoridade veio para se posicionar com três ou quatro reinos mais poderosos, dos quais os reis estavam aptos a reduzir o status de seus vizinhos mais fracos para suas províncias dependentes. (1997, p. 189-190)<sup>41</sup>

Estas formações políticas não lidam diretamente com a problemática de autonomia política, sendo possível questionar o seu próprio estabelecimento de reino, como mais a frente será um objeto de análise específica em relação a situação de cada reino anglo-saxão. Entretanto, estes reinos não são caracterizados como reinos propriamente na *Crônica*, justificando assim nossa priorização em relação aos reinos de Wessex, Nortúmbria (junto a Bernícia e Deira), Mércia, Kent, Ânglia Oriental e Essex, visando que nosso trabalho é um trabalho que lida com a perspectiva que a *Crônica Anglo-Saxônica* aplica sobre esta história política que se cria no século VII e VIII. Portanto, esta fragmentação dos reinos anglo-saxões se constrói muito em volta de outros reinos que são mencionados pelas formações de historiadores com estudo voltado a história anglo-saxônica, mas não a *Crônica Anglo-Saxônica* propriamente.<sup>42</sup> Levando ao fato de que estamos construindo um trabalho em cima, sobretudo, de uma perspectiva – a de Wessex aplicada a outros reinos – teremos esta situação como carro-chefe de nossas problematizações. Desta forma, para a concepção da fragmentação dos reinos anglo-saxões do século VII, será esta a perspectiva de trabalho que

<sup>41</sup> Not less than twelve kingdoms existed in England about the year 600. There is no reason to think that they were in any way tribal or national in origin. There does not seem to be any significant relationship between the distribution of the Anglo-Saxon kingdoms and the Romano-British *civitates* which had preceded them, save in the case of Kent and possibly Sussex, but in both these instances physical geography may well have been the deciding factor, and in general it may be thought military conquest and the disintegration of any centralising authority which may have existed at the time of the invasion. Between 600 and 865 there was a substantial advance towards political unity as authority came to lie with the three or four more powerful kingdoms whose rulers were able to reduce the status of their weaker neighbours to that of dependent provinces.

<sup>42</sup> É interessante mencionar que existem obras que vão lidar com o outro lado da moeda na construção de uma unidade dos reinos anglo-saxões. A obra *The Anglo-Saxon State* de James Campbell, por exemplo, vai buscar nas construções de finais do século IX uma formação unitária em relação a identidade política dos reinos, primeiro sob a figura de Alfredo e Wessex para depois se tornar o que seria a Inglaterra. As hipóteses dos autores que foram tomados por nós até aqui giram justamente no contrário, a de uma fragmentação de um reino, a partir de um recorte temporal também diferenciado, onde este é o principal cenário nos séculos VII e VIII, objetos desta pesquisa. A obra de Campbell pode ser vista em: CAMPBELL, James. **The Anglo-Saxon State**. Londres e Nova York: A&C Black, 2000.

usaremos, deixando um subtópico deste capítulo as construções dos reinos que não tiveram uma menção clara na *Crônica Anglo-Saxônica* como reinos formados.



Figura 2: Os reinos anglo-saxões em finais do século VII. Mapa disponível em KEYNES, Simon. **England, 700-900**. In: MCKITTERICK, Rosamond. *The New Cambridge Medieval History*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008. Vol II, p. 22.

## Kent

O primeiro reino a ser tratado pela nossa pesquisa ao percebermos as estruturas políticas e relações de poder dentre os reinos anglo-saxões nos séculos VII e VIII é o reino de Kent. Dentro da *Crônica Anglo-Saxônica*, o reino tem sua primeira menção no fragmento de 488.

488: Este ano Esc sucedeu ao reino; e foi rei dos homens de Kent durante vinte e quatro invernos. (*ASC*, p. 1, 488)<sup>43</sup>

De acordo com Barbara Yorke (2003, p. 26-27), o governo de Kent é retratado de forma diferente em cada fonte, porém tanto na *Crônica Anglo-Saxônica*, quanto na *História Eclesiástica* e na *História Brittonum* o governo formou-se principalmente na figura de Hengist e Horsa<sup>44</sup> tendo a menção de Esc (filho de Hengist) como o primeiro rei de Kent.

<sup>43</sup> A. D. 488. This year Esc succeeded to the kingdom; and was king of the men of Kent twenty-four winters.

<sup>44</sup> Hengist e Horsa foram os dois primeiros governantes dos anglos, saxões e jutos da Germânia a colocarem o

Yorke também afirma que o reino de Kent possuiu raízes dos jutos, sendo o único dos reinos que possuíram mais relevância a ter raízes primariamente jutas. Tradicionalmente como nos outros reinos anglo-saxões, as origens do governo de Kent se dão em cima da figura dos dois expoentes, Hengist e Horsa. Esc, portanto, seria o primeiro rei da dinastia de Kent, que, dentro da *Crônica Anglo-Saxônica*, não possui menções de que houve mudanças nestas dinastias, entretanto, não se traça a genealogia de reis posteriores a Esc, indicando possíveis quebras dinásticas.

Nosso objetivo, entretanto, é perceber como se deu esta atribuição genealógica do governo de Kent tendo como marco inicial os séculos VII e VIII. Dentro disto, o primeiro fragmento que menciona o reino de Kent no século VII é no ano de 616:

616: Este ano morreu Etelberto, rei de Kent, o primeiro dos reis ingleses a receber o batismo: ele era filho de Ermenric. Ele reinou cinquenta e seis invernos, e foi sucedido por seu filho, Eadbald. [...] Este Eadbald renunciou a seu batismo, e viveu de maneira pagã. (*ASC*, p. 1, 616)<sup>45</sup>

Neste fragmento, nos atentaremos a duas passagens principais, a da figura de Etelberto e de sua conversão. Neste sentido, Yorke (2003, p. 26-27) apoia-se na figura de Etelberto como o rei que dá certa visibilidade ao reino de Kent nos documentos. Em relação a sua conversão, entretanto, a escritora se posiciona que isso se deve muito a influência dos francos, afirmando que no fim do século VI e início do VII, o reino de Kent possuía alguma ligação com a dinastia merovíngia. Segundo Yorke (2003, p. 28) “Apesar de Etelberto ter se casado com uma princesa franca, embora não uma princesa prestigiosa, as circunstâncias da conversão de Etelberto sugerem que ele prestou algum esforço para se afastar do poder franco”<sup>46</sup>. Desta maneira, vemos que a influência dos francos sob a figura de Etelberto foi significativa, mas não grande o suficiente para ele se afastar da identidade do reino de Kent e se aproximar da identidade franca. Esta discussão, também aparece em Stenton (1971, p. 15), onde o autor afirma que “o sistema social de Kent, como é revelado nas primeiras leis de

---

pé na ilha britânica. A *Crônica Anglo-Saxônica* no fragmento de 449 afirma que os governantes vieram a convite de um rei bretão, Wurtgern para ajudar na guerra dos bretões contra os pictos. Entretanto o fragmento relata que os governantes anglo-saxões decidiram ficar ali e tomar da Britânia suas terras, relatando assim o início da migração anglo-saxã para a ilha. Esta migração portanto, é atribuída principalmente as figuras de Hengist e Horsa como lideranças. Mais informações podem ser vistas em YORKE, Barbara. **Kings and Kingdoms of Early Anglo-Saxon England**. 2. ed. Londres e Nova York: Routledge, 2003.

<sup>45</sup> A.D. 616. This year died Ethelbert, king of Kent, the first of English kings that received baptism: he was the son of Ermenric. He reigned fifty-six winters, and was succeeded by his son Eadbald. [...] This Eadbald renounced his baptism, and lived in a heathen manner;

<sup>46</sup> Although Æthelbert married a Frankish princess, albeit a not particularly prestigious one, the circumstances of Æthelbert's conversion suggest that he was at some pains to distance himself from too close an association with Frankish power.

Kent, é definitivamente de características Francas, contrastando em pontos essenciais com costumes Anglos e Saxões. As afinidades entre os sistemas de campo de Kent e da Renânia dá outra pista com pontos na mesma direção”<sup>47</sup>. Portanto, notamos que é um consenso historiográfico que as matrizes de construção política de Kent são ligadas muito mais a um mundo franco, de descendência germânica do que propriamente ao mundo anglo-saxão, com base nos anglos e saxões.

A cristianização do monarca Etelberto também aparece como um objeto envolto em fragilidade. Esta identidade com a cristandade não possui influência de caráter religioso, mas provavelmente a influência seria sobretudo de caráter político, pois na passagem que a *Crônica* fala, o filho de Etelberto, Eadbald volta as suas origens não-cristãs. A *Crônica Anglo-Saxônica*, porém, não se preocupa em retratar os motivos da conversão de Etelberto e sim sua raiz dentro da cristandade. Esta análise entretanto não se apoia na questão da fé, mas sim nas consequências políticas que uma possível conversão dá. Isto provavelmente acontece pois durante a escrita da *Crônica* no século IX, o cristianismo já era um elemento extremamente presente nas estruturas de poder da sociedade anglo-saxônica. Possivelmente, este fato é concretizado por que do governo de Eadbald no início do século VII até Alfredo, no século IX, os governos anglo-saxões passaram por diferentes mutações políticas, sendo a fé eclesiástica motivada pela instituição igreja um objeto de legitimação política nos reinados. A cristandade, portanto, já era um objeto firme o suficiente na corte de Wessex durante o século IX, provavelmente motivada através desta validação da igreja em seu caráter político.

Seguindo a cronologia, as menções a Kent na *Crônica Anglo-Saxônica* são detalhadas principalmente as dinastias reais nos anos seguintes. No fragmento de 640 é relatada a morte de Eadbald, traçando a genealogia de sua família:

640: Neste ano morreu Eadbald, rei de Kent, depois de ter reinado vinte e cinco invernos. Ele teve dois filhos, Ermenred e Erkenbert; e Erkenbert reinou ali depois de seu pai. Ele derrubou todos os ídolos de seu reino e foi o primeiro de todos os reis ingleses a decretar um jejum antes da Páscoa. Sua filha era chamada de Ercongota – santa dama de um senhor ilustre! Do qual sua mãe foi Sexburga, a filha de Anna, rei de Essex. Ermenred também teve dois filhos, que foram martirizados por Thunnor. (*ASC*, p. 1, 640)<sup>48</sup>

<sup>47</sup> The social system of Kent, as it is revealed in the very early Kentish laws, is definitely of Frankish character, contrasting at essential points with both Saxon and Anglian custom. The affinities between the field-systems of Kent and the Rhineland give another clue which points in the same direction.

<sup>48</sup> A.D. 640. This year died Eadbald, King of Kent, after a reign of twenty-five winters. He had two sons, Ermenred and Erkenbert; and Erkenbert reigned there after his father. He overturned all the idols in the kingdom, and first of English kings appointed a fast before Easter. His daughter was called Ercongota -- holy damsel of an illustrious sire! whose mother was Sexburga, the daughter of Anna, king of the East-Angles. Ermenred also begat two sons, who were afterwards martyred by Thunnor.

Um tema relevante neste fragmento também é a continuação do reino no governo de Erkenbert. Não é clara quando a *Crônica* se refere a “derrubada dos ídolos” imposta por Erkenbert. Entretanto, se observarmos que Erkenbert decretou jejum antes da Páscoa, pode ser interpretado que o rei anglo-saxão reintroduziu a cristandade no reino.

É perceptível, portanto, a autoridade do rei neste fragmento. Entretanto, Yorke (2003, p. 29) afirma que nenhum rei posterior a Etelberto, em Kent, possuiu tanta influência nas decisões do governo, mas que seus governos não devem ser subestimados. Mesmo em governos posteriores, o reino de Kent possuiu alguma influência e prestígio dentre os reinos anglo-saxões.

Posteriormente no fragmento do ano de 664, relata-se a morte de Erkenbert e a subida ao governo de Egbert. Em 673, a *Crônica Anglo-Saxônica* relata que Egbert morreu. Entretanto, não sugere nenhum outro governante ao reino de Kent. Após isto, chegamos ao um ponto mais específico.

676: Neste ano Hedda sucedeu ao bispado, Escwin morreu e Centwin obteve o governo de Wessex. Centwin era filho de Cynegils, Cynegils de Ceolwulf. Ethelred, rei dos mércios, neste meio-tempo tomou as terras de Kent. (*ASC*, p. 1, 676)<sup>49</sup>

Este ponto indica que o território de Kent foi tomado por Ethelred de Mércia. Isto explica a falta de esclarecimento em relação à sucessão do reino de Kent em 673, indicando possíveis tumultos políticos dentro do próprio reino, facilitando a invasão de Mércia. De acordo com Yorke (2003, p. 30) “As razões do ataque não são esclarecidas por Bede; aplicação da soberania ou uma tentativa de desencorajar a influência de Kent [...] são possibilidades”<sup>50</sup>. As possibilidades, portanto, giram em torno do aumento do poder de Kent ou mesmo da fragilidade do poder. A *Crônica* não deixa claro este conflito. Muito provavelmente isto relega ao fato de que a escrita da *Crônica Anglo-Saxônica* ter a *História Eclesiástica do Povo Inglês* de Venerável Bede como documento-chave para a sua escrita, não adicionando neste fragmento, partes novas.

No fragmento de 685, entretanto, o reino de Kent é mencionado novamente, afirmando que Lothhere, seu então rei, havia morrido. Este fato provavelmente é concretizado sob o ponto de partida de que Kent teria buscado, entre 673 e 685, autonomia perante Mércia.

<sup>49</sup> A.D. 676. This year, in which Hedda succeeded to his bishopric, Escwin died; and Centwin obtained the government of the West- Saxons. Centwin was the son of Cynegils, Cynegils of Ceolwulf. Ethelred, king of the Mercians, in the meantime, overran the land of Kent.

<sup>50</sup> The reasons for his attack are not given by Bede; enforcement of overlordship or an attempt to discourage Kentish influence [...] are possibilities.

Barbara Yorke (2003, p. 31) afirma que a influência de Kent seria muito grande para o poder de Mercia se manter estável na região. Sendo que, apesar de enfraquecida, a casa real de Kent ainda mantinha certa proximidade com a casa real de Essex. Yorke ainda afirma que Kent também possuía certa influência em Sussex. A historiadora afirma que “Ealdric levantou Sussex contra seu tio, Hlothere, e esteve hábil a lhe tirar o trono” (2003, p. 29)<sup>51</sup>. Segundo a historiadora, em 685 a morte de Lothhere – escrito por ela como Hlothere, porém sendo o mesmo monarca<sup>52</sup> – seria feita a partir de um conflito interno motivado por Ealdric. A *Crônica Anglo-Saxônica*, entretanto, sequer menciona a figura de Ealdric. O documento menciona questões que diferem da bibliografia consultada por nós:

687: Neste ano foi Mull entregue as chamas em Kent, e doze outros homens com ele; após o que, no mesmo ano, Ceadwall invadiu o reino de Kent. (ASC, p. 1, 687)<sup>53</sup>

Yorke (2003, p. 30) menciona que em 686 Mull juntou forças com Caedwalla de Wessex para invadir o reino de Wessex. Sendo que Mull fica no governo de Kent apenas durante alguns meses, tendo morrido em 687. Neste mesmo ano, o reino de Kent foi vítima de diversas invasões, tanto vindo de Caedwalla quanto vindas do reino de Essex. A historiadora afirma uma mudança de interesses em Kent, com a abdicação de Caedwalla,<sup>54</sup> ocorrendo até 694 investidas vindo de Essex. A estrutura política chega a ser confusa, pois a *Crônica Anglo-Saxônica* relata, no fragmento de 690, que haviam dois reis de Kent, Wihtred e Webherd. No fragmento de 694, entretanto, somente é mencionado que Wihtred permaneceu como rei de Kent.

694: Neste ano as pessoas de Kent contratualizaram com Ina, dando a ele 30,000 pesos em amizade, por que eles haviam queimado seu irmão Mull. Wihtred foi quem sucedeu no governo de Kent e o manteve por trinta e três invernos, ele era filho de Egbert, Egbert de Erkenbert, Erkenbert de Eadbald, Eadbald de Ethelbert. E assim que ele foi rei, ele ordenou um grande conselho para o encontrar no lugar que é chamado de Bapchild; no qual foi presidido – o encontro – por Wihtred, Rei de Kent, o Arcebispo de Canterbury, Brihtwald, e o Bispo Tobias de Rochester; e com ele foram coletados abades e abadessas, e muitos homens sábios, todos para consultarem sobre a vantagem das igrejas de Deus que estão em Kent. (ASC,

<sup>51</sup> Eadric raised the South Saxons against his uncle, Hlothere, and was thereby able to deprive him of the throne.

<sup>52</sup> Algumas mudanças gramaticais em inglês antigo podem ser verificadas em ATHERTON, Mark. **Complete Old English (Anglo-Saxon)**. Londres: The McGraw-Hill Companies, 2010. Pp. 9-13.

<sup>53</sup> A.D. 687. This year was Mull consigned to the flames in Kent, and twelve other men with him; after which, in the same year, Ceadwall overran the kingdom of Kent.

<sup>54</sup> A *Crônica Anglo-Saxônica* menciona, no fragmento de 688 que Caedwalla foi para Roma receber o batismo.

p.1, 694)<sup>55</sup>

O fragmento continua, dando a fala de Wihtréd como algo que construiria todas as estruturas políticas formadas ao redor de Kent, onde nos atentaremos mais tarde sobre este tópico. Ao que se remete aos fragmentos da *Crônica Anglo-Saxônica*, após este ano o reino parece ter obtido certa estabilidade, onde não se encontra relatos de conflitos. As próximas menções são do ano de 725, relatando a morte de Wihtréd, sendo sucedido por Eadbert. No fragmento de 748 é mencionado a morte de Eadbert, sendo sucedido por Ethelbert que também era filho de Wihtréd, do qual a morte é relatada no fragmento de 760. Estas menções assumem caráter secundário provavelmente por que a escrita da *Crônica*, ao colocar os fatos majoritários centrados em Wessex – já que o intuito foi fazer uma propaganda do reinado de Alfredo no século IX, como já mencionado – deixando os conflitos políticos de Kent em espaços secundários a uma relação de poder focada num possível governo central – Wessex – na perspectiva de Alfredo.

Um ponto curioso do reino de Ethelbert de Kent foi sua cristianização. Esta cristianização está diretamente ligada as esferas de poder. Silva e Xavier (2016, p. 15) argumentam que no governo de Ethelbert, a predisposição a cristianização das esferas políticas em Kent era muito mais intensa. Este fato, comparado a outros reinados estaria ligado as relações de poder internas, sobretudo a uma participação da *ecclesia* – a igreja enquanto instituição política – teria encontrado uma forma de participar do âmbito monárquico, o que provavelmente pode ter respingado no governo de Ethelbert. Estas menções a cristianização de Kent, entretanto, não aparecem na *Crônica Anglo-Saxônica*, tampouco a nossa fonte menciona tais questões.

No ano de 774, a *Crônica* relata que houve um conflito entre os Mércios e os homens de Kent.

774: [...] Neste ano também apareceu nos céus um crucifixo vermelho, depois do pôr do sol. Os Mércios e os homens de Kent lutaram em Otford; e lindas serpentes foram vistas nas terras de Sussex. (*ASC*, p. 2, 774)<sup>56</sup>

<sup>55</sup> A.D. 694. This year the people of Kent covenanted with Ina, and gave him 30,000 pounds in friendship, because they had burned his brother Mull. Wihtréd, who succeeded to the kingdom of Kent, and held it thirty-three winters, was the son of Egbert, Egbert of Erkenbert, Erkenbert of Eadbald, Eadbald of Ethelbert. And as soon as he was king, he ordained a great council to meet in the place that is called Bapchild; in which presided Wihtréd, King of Kent, the Archbishop of Canterbury, Brihtwald, and Bishop Tobias of Rochester; and with him were collected abbots and abbesses, and many wise men, all to consult about the advantage of God's churches that are in Kent.

<sup>56</sup> A.D. 774. [...] This year also appeared in the heavens a red crucifix, after sunset; the Mercians and the men of Kent fought at Otford; and wonderful serpents were seen in the land of the South-Saxons.



A historiadora Barbara Yorke (2003, p. 31) afirma que este conflito se deu por que os interesses de Mércia – que seria então um governo soberano na ilha britânica ao momento – e os próprios interesses de Kent cresceriam dentro dos outros reinos, por isso a posição conflituosa. Dada a posição de Kent perante os outros reinos anglo-saxões, a influência de Kent vindo de finais do século VII encontraria sua estabilidade a partir de uma crescente, afetando assim a soberania de Mercia na ilha, que ao momento dos conflitos, perdia lentamente sua influência.

As últimas menções a Kent na *Crônica Anglo-Saxônica* foram no ano de 784, afirmando que então governava em Kent um rei chamado Elmund e em 794, dizendo que um rei chamado Eadbert – que também poderia ser conhecido por Pryn – teria tomado a coroa em Kent. Neste mesmo fragmento, é relatado a invasão dos vikings no reino da Nortúmbria, sendo assim, o ponto de parada que nossa pesquisa se propõe a fazer.

784: [...] Neste tempo reinou Elmund, rei em Kent, pai de Egbert, Egbert era o pai de Atulf. (*ASC*, p. 2, 784)<sup>57</sup>

794: [...] Eadbert, cujo outro nome era Pryn, obteve o reino de Kent; o conselheiro Ethelherd morreu nos calendários de agosto. Enquanto isso, os exércitos pagãos espalharam devastação sobre os Nortúmbrios e saquearam o monastério do Rei Everth na boca de Wear. Ali, entretanto, alguns de seus líderes foram mortos e alguns de seus barcos também foram quebrados em pedaços pela violência do clima; muitos da horda se afogaram e outros que chegaram vivos à costa foram logo despachados na boca do rio. (*ASC*, p. 2, 794)<sup>58</sup>

A invasão viking, desta forma, ganha redenção no sentido que muda a estruturas políticas de todos os reinos anglo-saxões, incluindo o reino de Kent. Através disto, o reino de Kent sofre diversas incursões começando no ano de 794 que vão levar a sua queda no decorrer do século IX, sob domínio do reino de Wessex.<sup>59</sup> Estas mudanças de estruturas políticas, entretanto, estão fora do escopo de pesquisa, uma vez que as relações do reino de Kent a partir daqui ganha um terceiro elemento, os vikings. Assim, é de nosso interesse notar as relações entre os próprios reinos anglo-saxões, que teriam seu fim a partir das invasões

<sup>57</sup> A.D. 784. [...] At this time reigned Elmund king in Kent, the father of Egbert; and Egbert was the father of Athulf.

<sup>58</sup> A.D. 794. [...] Eadbert, whose other name was Pryn, obtained the kingdom of Kent; and Alderman Ethelherd died on the calends of August. In the meantime, the heathen armies spread devastation among the Northumbrians, and plundered the monastery of King Everth at the mouth of the Wear. There, however, some of their leaders were slain; and some of their ships also were shattered to pieces by the violence of the weather; many of the crew were drowned; and some, who escaped alive to the shore, were soon dispatched at the mouth of the river.

<sup>59</sup> Ver KEYNES, Simon. The control of Kent in the Ninth Century. *Early Medieval History*, Cambridge, v. 2, n. 2, p. 111-131, 1993.

escandinavas.

Desta forma, encarar as relações de poder do reino de Kent é entrelaçar-se com as relações de poder de outros reinos. Como nos fragmentos da *Crônica* aqui mencionados, é perceptível que o que a *Crônica* diz é mais superficial em relação ao reino de Kent do que a outros reinos que posteriormente serão problematizados, sobretudo ao compararmos com Wessex. Novamente voltamos ao fato do espaço de escrita da *Crônica*, o reino de Wessex, em que se escreve a partir de sua própria perspectiva, dando ao reino de Kent um caráter secundário. Entretanto, este caráter não deixa de ser importante para a percepção que temos das relações de poder construídas em Kent. Tanto uma relação multi-territorial, estando próximos de reinos que exerceram certa influência política em Kent, com Mércia e Wessex em plano principal, e Essex e Sussex em plano secundário, formariam diferentes relações de poder para assumir o caráter de um poder central. Portanto, apesar dos esforços que Alfredo faz na escrita da *Crônica Anglo-Saxônica* ao passar uma imagem cheia de exaltação do reino de Wessex, a preocupação do mesmo com a realidade da escrita se torna evidente ao olharmos o reino de Kent. Reino este que na teoria possuiu influência parecida ou equivalente a Wessex na ilha britânica, mas que, ao olharmos para o nosso documento, percebemos uma priorização do que é contado a partir da perspectiva de Wessex sobre os eventos.

### Essex

Ao continuarmos nossas problematizações, teremos agora o reino de Essex como plano de fundo. Com base nos saxões, o reino de Essex – dos Saxões do Leste – foi um reino pouco mencionado na *Crônica Anglo-Saxônica*. Entretanto ainda possui sua carga de protagonismo. A primeira menção ao reino na *Crônica* parte da migração dos saxões para a ilha britânica, ainda no século V. Entretanto, a primeira menção a Essex com um reino e um rei na figura dele é apenas no ano de 604:

604: Neste ano Augustino consagrou dois bispos, Mellitus e Justus. Mellitus foi enviado por Augustino para pregar o batismo aos Saxões do Leste. Seu rei era chamado de Seabert, filho de Ricola, irmã de Etelberto, de quem Etelberto colocou lá como rei, Etelberto também deu Mellitus o bispado de Londres; e para Justus deu o bispado de Rochester, do qual está a vinte e quatro milhas de Canterbury. (*ASC*, p. 1, 604)<sup>60</sup>

<sup>60</sup> A.D. 604. This year Augustine consecrated two bishops, Mellitus and Justus. Mellitus he sent to preach baptism to the East-Saxons. Their king was called Seabert, the son of Ricola, Ethelbert's sister, whom Ethelbert placed there as king. Ethelbert also gave Mellitus the bishopric of London; and to Justus he gave the bishopric of Rochester, which is twenty-four miles from Canterbury.

A formação do reino de Essex provavelmente se deu a partir do ano de 604. Entretanto, o mais importante com relação a formação de reino é a genealogia de seus reis, genealogia esta que, de acordo com Yorke (2003, p. 45), não é mencionada em nenhum ponto da *Crônica Anglo-Saxônica* ou da *História Eclesiástica*, mas sim em documentos episcopais de Wessex do século IX.

A visão de Essex na *Crônica Anglo-Saxônica*, entretanto, deve ser feita com mais cuidado a partir das informações juntadas por nós com base em nossas referências bibliográficas. Yorke (2003, p. 46) também afirma que o governo de Essex durante o tempo de sua fundação foi aplicado indiretamente por Etelberto de Kent, rei este já problematizado por nós tendo em consideração o subtópico de Kent. Esta aplicação de poder se deu, principalmente, porque Ricola era irmã de Etelberto, e provavelmente foi colocada na casa real de Essex intencionalmente para o reino de Kent exercer sua influência sobre o reino de Essex. É interessante notar que, a partir desta perspectiva, a criação do reino de Essex foi meramente como um estado-fantoches para que o poder fosse realmente aplicado a partir de Kent. A legitimação do poder de Essex a partir de Kent se deu principalmente pela criação da dinastia a partir de Sledd, esse, ancestral comum da casa real de Essex.

É possível que a ascensão do poder da dinastia de Sledd na segunda metade do século VI foi conectada com a expansão de Kent em áreas saxãs que estavam na borda do Tâmis; qualquer arranjo real mais antigo está perdido para nós. (YORKE, 2003, p. 46)<sup>61</sup>

Desta forma, é necessário remontar que a criação do reino de Essex foi justamente feita a partir desta expansão do reino de Kent no início do século VII. Yorke ainda cita que as fronteiras de Essex já estavam totalmente dominadas por Wessex no século IX. Este fato pode ser determinante quanto a pouca citação do reino de Essex na escrita da *Crônica Anglo-Saxônica*. Uma vez esta escrita realizada na coroa de Wessex, não haveria por que, aos olhos de Alfredo, legitimar o passado de uma área que já era parte – e provavelmente também com uma identidade – do reino de Wessex. Este seria um problema majoritário na reconstrução do reino de Essex durante o século VII e VIII, uma vez que as menções do reino na *Crônica Anglo-Saxônica* não são completas – como as de Kent, Nortúmbria, Mercia e Wessex – e não são recorrentes, apesar de presentes. A falta de fontes que lidam com uma lista de reis no que corresponde ao reino de Essex dificulta esta reconstrução de sua história, sobretudo com a

---

<sup>61</sup> It is possible that the rise to power of the Sledd dynasty in the second half of the sixth century was connected with Kentish expansion into Saxon areas bordering the Thames; any earlier regnal arrangements for the province are lost to us.

falta de menções dentro da própria *Crônica*. A próxima menção ao reino de Essex dentro da *Crônica* só se dará no ano de 855, o que já foge do recorte temporal proposto por nosso trabalho.

Entretanto é interessante notar que a construção do reino de Essex se dá juntamente a construção do reino de Kent, uma vez que sua própria formação no início do século VII aconteceu junto a dinastia real que governava em Kent. Yorke entretanto, com algum esforço, consegue reconstruir a história de Kent no século VII a partir da construção de bispados, presentes aqui em Wessex, mas sempre ligados a Nortúmbria, esta, sede dos bispados anglo-saxões. Mesmo a menções do reino de Essex, portanto, forma-se em conjunto com o reino de Kent na questão política e com o reino da Nortúmbria na questão eclesiástica, mesmo estas menções não estarem claras na construção da *Crônica Anglo-Saxônica*. De acordo com Yorke (2003, p. 47-49) há uma luta entre os bispados de Mercia e de Kent para o controle de Essex, entretanto, fora em termos eclesiásticos este controle não está claro em termos políticos. Para Yorke (2003, p. 49), esta falta de clareza em termos políticos se deu porque “no final do século VII os governantes locais aparentemente se permitiram a serem esmagados por uma série de invasores estrangeiros”<sup>62</sup>, a historiadora sugere que o governo de Essex, durante o século VII inteiro se construiu a partir do governo de Kent, portanto, o rei de Kent também seria o rei de Essex justamente por esta dominação partida de seus vizinhos.

Este controle, entretanto, não se deu apenas junto ao reino de Kent. Yorke (2003, p. 50) também diz que o controle se deu também por parte de Mércia, logo no início do século VIII, tendo parte da terra que pertence a Essex pertencido a diferentes lordes de Mércia ou de Kent no período descrito.

Estes fatos não serem relatados na *Crônica Anglo-Saxônica* podem remeter a questão de que Essex não teve completamente sua independência, mas teve em certa escala uma identidade aparte de Kent e de Mércia. Este jogo de influência se deu principalmente por que Londres durante algum tempo pertenceu as terras do reino de Essex. A *Crônica*, entretanto, não deixa em termos claros também o controle de Essex, uma vez em que o manuscrito está voltado em grande parte a sucessão de reis. Assim a autonomia política de Essex sobre os outros reinos não foi de certa maneira completa, como a de seus reinos vizinhos. É necessário conotar o papel de co-protagonista de Essex no que se refere a política anglo-saxã do período, o que mesmo nas menções a Essex, não se compreendem a delimitar Essex como um reino, e sim como um povo, isto é, os *East Saxons*. Justamente nisto é que o protagonismo de Essex

---

<sup>62</sup> “at the end of the seventh century with the local rulers apparently allowing themselves to be trampled upon by a series of foreign invaders”

quanto a história política na *Crônica Anglo-Saxônica* produziu-se em geral em termos secundários, vide a falta de menção perante a maioria das informações contidas no manuscrito. Assim, não conseguimos delimitar em termos claros uma genealogia real dos reis de Essex, fator necessário para o estabelecimento de um reino na perspectiva da *Crônica Anglo-Saxônica*, uma vez que, como já falado, este é uma parte constantemente presente no que concerne ao estabelecimento de poder político que é retratado na *Crônica*.

### Ânglia Oriental

Um outro reino a ser analisado para perceber as relações de poder dos reinos anglo-saxões é o reino da Ânglia Oriental. Em relação a sua fundação, a historiadora Barbara Yorke (2003, p. 61) afirma a menção a reis da Ânglia Oriental em outras fontes do período, como a *Historia Brittonum*. Entretanto procuramos manter certa distância do que é escrito em fontes aparte dos povos anglo-saxões – neste caso, documento vindo dos povos bretões – por ser um retrato que não influenciará na nossa problemática principal de pesquisa, que é pensar a *Crônica Anglo-Saxônica* junto à ótica de Wessex no que corresponde ao tratamento dos fatos dos outros reinos anglo-saxões. Assim como o reino de Essex, o reino da Ânglia Oriental é pouco mencionado na *Crônica Anglo-Saxônica*, tendo como plano de fundo o povo dos anglos, um dos três povos a habitar a ilha britânica no século V. Dentro da *Crônica Anglo-Saxônica*, a primeira menção ao reino é do ano de 617. Voltamos, novamente, ao fragmento:

617: Este ano foi Ethelfrith, rei dos Nortúmbrios, morto por Redwald, rei dos Ânglios Orientais; e Edwin, o filho de Ella, o tendo sucedido no reino, ele subjugou toda Britânia, exceto os homens de Kent sozinhos, e eles expulsaram os Ethelings, os filhos de Ethelfrith, nomeados Enfrid, Oswald, Oswy, Oslac, Oswood, Oslaf e Offa. (*ASC*, p. 1, 617)<sup>63</sup>

Apesar de mencionado apenas como pano de fundo para serem retratados os eventos acontecidos na Nortúmbria, o reino de Ânglia Oriental é, aqui, mencionado pela primeira vez dentro das tratativas da *Crônica Anglo-Saxônica*. Isto leva a crer neste fragmento que sua fundação surgiu de um levante contra o rei Ethelfrith dos Nortúmbrios. O reino de Ânglia Oriental, portanto, seria o primeiro reino que teve essa busca por autonomia política mais clara. É necessário tomar cuidado, entretanto, na datação do próprio reino da Nortúmbria, sendo sua formação problematizada mais a frente.

---

<sup>63</sup> A.D. 617. This year was Ethelfrith, king of the Northumbrians, slain by Redwald, king of the East-Angles; and Edwin, the son of Ella, having succeeded to the kingdom, subdued all Britain, except the men of Kent alone, and drove out the Ethelings, the sons of Ethelfrith, namely, Enfrid, Oswald, Oswy, Oslac, Oswood, Oslaf, and Offa.

O fato de uma aliança entre os reinos de Kent e Ânglia Oriental também deve ser levado em consideração. Esta aliança foi firmada porque, de acordo com Yorke (2003, p. 62), quando Etelberto de Kent morre (em 616), quem assume o governo dos povos do sul é o próprio Redwald. Este seria principal motivo para o conflito de 617 entre os povos Nortúmbrios e reino de Ânglia Oriental, retratados neste fragmento da *Crônica*. O crescimento de poder dos reinos de Kent e Ânglia Oriental teria sido uma suposta ameaça para os reinos Nortúmbrios, que responderam começando um conflito com Redwald, tendo neste evento o rei Nortúmbrio em batalha. Yorke afirma que o reino de Ânglia Oriental recebeu também o apoio de Mércia, além do reino de Kent.

O reino da Ânglia Oriental, entretanto, é muito pouco mencionado nos documentos anglo-saxões, sobretudo na *Crônica Anglo-Saxônica*. De acordo com Yorke (2003, p. 58) este fato se dá por que as invasões vikings do século IX destruíram boa parte dos documentos oficiais remanescentes do reino. Em nossa perspectiva, as menções do reino da Ânglia Oriental estavam em segundo plano pelo fato, já mencionado aqui, de a *Crônica Anglo-Saxônica* procurar priorizar os eventos relacionados a Wessex em função do seu espaço de escrita na corte de Alfredo. A historiadora inglesa ainda diz que os fatos sobre o reino da Ânglia Oriental estão melhores retratados em outras fontes do período, sobretudo em quatro hagiografias (entre elas a *Vida de St. Cuthbert*, com a autoria atribuída a Venerável Beda), dando ênfase prioritariamente à *Vida de St. Guthlac*, de onde pode-se tirar mais informações sobre o reino.

A cronologia dos reis da Ânglia Oriental, entretanto, é completada pela própria Barbara Yorke (2003, p. 60), onde ela afirma que “Radwald deve ter morrido por volta de 627 quando seu filho Eorpwald parece começar a governar na Ânglia Oriental”<sup>64</sup>. A *Crônica Anglo-Saxônica*, entretanto, não menciona nenhum desses fatos. A próxima menção ao reino de Ânglia Oriental na *Crônica* é do ano de 640, onde, ao retratar as princesas do reino de Kent, é dito que o rei de Kent, Eadbald havia se casado com Sexburga, filha de Anna, rei de Ânglia Oriental. Como muitas das alianças entre reinos no período eram firmadas através de casamentos, a aliança entre o reino de Kent e de Ânglia Oriental teria sido consumada a partir do casamento entre Eadbald e Sexburga.

640: Neste ano morreu Eadbald, rei de Kent, depois de ter reinado vinte e cinco invernos. Ele teve dois filhos, Ermenred e Erkenbert; e Erkenbert reinou ali depois de seu pai. Ele derrubou todos os ídolos de seu reino e foi o primeiro de todos os reis ingleses a decretar um jejum antes da Páscoa. Sua

<sup>64</sup> Rædwald must have been dead by 627 when his son Eorpwald seems to have been ruling in East Anglia.

filha era chamada de Ercongota – santa dama de um senhor ilustre! Do qual sua mãe foi Sexburga, a filha de Anna, rei dos Ânglios Orientais. Ermenred também teve dois filhos, que foram martirizados por Thunnor. (*ASC*, p. 1, 640)<sup>65</sup>

Outro fato curioso a esta menção referente ao reino de Ânglia Oriental é, novamente, seu caráter secundário na descrição do fragmento. Isto pode indicar que o reino pode não ter exercido poderio militar durante o período, já que a maioria dos conflitos retratados na *Crônica Anglo-Saxônica*, são descritos a partir de relações conflituosas entre os próprios reinos, envolvendo a morte de reis ou o fim de reinados. Uma outra possibilidade é a falta de autonomia política do reino de Ânglia Oriental perante os outros reinos. Levando em conta as possibilidades de que neste período do século VII os reinos de Kent e Mércia rivalizavam na questão de influência a outros reinos. Isto pode ficar claro no sentido que o reino de Ânglia Oriental não conseguiu encontrar espaço o suficiente para ser mais influente politicamente, uma vez que pouco é mencionado dele no século IX, considerando a posterior escrita do nosso documento em relação aos fatos retratados.

O prosseguimento da genealogia do reino de Ânglia Oriental é continuado pela historiadora Barbara Yorke. Até Anna ter assumido o poder de Ânglia Oriental na década de 640, o reino teve outros reis. Segundo Yorke (2003, p. 62) “Eorpwald foi morto em 627 ou 628 por Ricbert que deve ter governado o país pelos próximos três anos [...] Em 630 ou 631 Sigebert, irmão de Eorpwald [...] que estava no exílio na Francia foi um sucessor cristão ao trono”<sup>66</sup>. Importante mencionar a cristianização do reino de Ânglia Oriental após este período, o que interfere diretamente ao pensar a legitimação política dos reis a partir da escrita da *Crônica Anglo-Saxônica*, fonte de natureza cristã. Esta legitimação proposta na *Crônica* é pensada para o próprio documento e seus leitores. Assim, a natureza cristã do poder pode ser relacionada com o tempo em que nossa fonte foi escrita e seu próprio espaço. Alfredo e a *Crônica* estão ligados principalmente por legitimações eclesiásticas, o que interfere diretamente ao pensar a política. A legitimação sendo eclesiástica afeta a natureza da escrita da *Crônica*, uma vez que a “questão eclesiástica” remete ao pensar a igreja como instituição política, excluindo questões que analisam a religião como rito ou cultura.

A próxima menção na *Crônica Anglo-Saxônica* é no ano de 655, onde rapidamente diz

<sup>65</sup> A.D. 640. This year died Eadbald, King of Kent, after a reign of twenty-five winters. He had two sons, Ermenred and Erkenbert; and Erkenbert reigned there after his father. He overturned all the idols in the kingdom, and first of English kings appointed a fast before Easter. His daughter was called Ercongota -- holy damsel of an illustrious sire! whose mother was Sexburga, the daughter of Anna, king of the East-Angles. Ermenred also begat two sons, who were afterwards martyred by Thunnor.

<sup>66</sup> Eorpwald was slain in 627 or 628 by one Ricbert who may then have ruled the country for the next three years [...] In 630 or 631 Sigebert, brother of Eorpwald [...] who had been in exile in Francia and was a Christian succeeded to the throne

que Ethelhere, irmão de Anna – então rei de Ânglia Oriental – foi morto junto a Penda de Mércia<sup>67</sup>. De acordo com Yorke (2003, p. 63), Anna da Ânglia Oriental teria morrido por volta de 655. Entretanto, após o reinado de Anna, é difícil medir as relações de poder do reino de Ânglia Oriental pelo menos até a metade do século VIII a partir da *Crônica*, vide suas poucas menções. Em muitos momentos, o reino sequer é mencionado em nosso documento. Barbara Yorke (2003, p. 63) afirma que “Os reinados dos próximos três reis – Æthelwald (655 – 663), Aldwulf (663 – 713) e Ælfwald (713 – 749) – são mais seguramente datados que seus predecessores mas, em contrapartida, são pobremente registrados”<sup>68</sup>.

Um outro ponto presente na análise do reino da Ânglia Oriental é a análise do sítio arqueológico de Sutton Hoo. Esta análise pode responder algumas questões que Yorke não problematiza profundamente, já que sua análise é voltada às fontes escritas. Não nos atentaremos ao sítio propriamente, mas nos utilizaremos de bibliografias que possuem Sutton Hoo como fonte de suas análises. Na obra *An Archaeology of the early Anglo-Saxon Kingdoms*, de C. J. Arnold, a presença de Sutton Hoo é importante pois

alguns dos itens enterrados no monte em Sutton Hoo foram rotulados muito logo depois de sua descoberta, e presumivelmente as implicações de condecorações de ofício e, mais precisamente, as condecorações usadas pela realeza nas coroações foram plenamente apreciadas. (1997, p. 200)<sup>69</sup>

Assim, é necessário mencionar também a existência de fontes alternativas à *Crônica Anglo-Saxônica* e alternativas as próprias fontes escritas. A existência de Sutton Hoo é importante para nos atentarmos a outras visões vindas de diferentes objetos, sugerindo a necessidade de perceber análises vindas de origens alternativas no que tange às relações de poder. A existência de Sutton Hoo dentro do território da Ânglia Oriental, apesar de não afetar diretamente nosso objeto, é necessária ser mencionada justamente por ser relevante o suficiente para o estudo das relações de poder do reino.

É importante notar que o reino de Ânglia Oriental existiu e esteve estabelecido durante este tempo, entretanto os eventos do reino não foram registrados. Após isto, o reino de Ânglia

<sup>67</sup> Importante notar que à época da morte de Penda, a influência de Mércia nos outros reinos anglo-saxões já tinha crescido drasticamente. A influência dos Mércios não é forte apenas nos reinos anglo-saxões, mas Penda inclusive chega a fazer incursões militares contra os bretões e os pictos, fora da autonomia dos povos anglo-saxões. Mais informações podem ser vistas em TYLER, Damian J. **Early Mercia and the Britons**. In: HIGHAM, N. J. *Britons in Anglo-Saxon England*. Woodbridge: The Boydell Press, 2007. pp. 91-101.

<sup>68</sup> The reigns of the next three kings—Æthelwald (655–63), Aldwulf (663–713) and Ælfwald (713–49)—are rather more securely dated than those of their predecessors, but are in other ways more poorly recorded.

<sup>69</sup> Some of the items buried at Sutton Hoo mound were labelled regalia very soon after their discovery and presumably the implications of insignia of office and, more precisely, insignia used by royalty at coronations, were fully appreciated.



Oriental só é novamente mencionado na *Crônica Anglo-Saxônica* nas passagens referentes ao século IX, ultrapassando assim nosso recorte temporal para pesquisa.

### **Nortúmbria**

Formado em meados do século VII, o reino da Nortúmbria exerce um protagonismo a mais dentro das relações de poder dos reinos anglo-saxões no período que nossa pesquisa se propõe a estudar. Este protagonismo é principalmente devido ao fato de que sua própria fundação é fruto de um jogo de poder entre os tronos de Bernícia e Deira, sobre o qual deteremos nossa atenção mais adiante.

Antes de nos atentarmos a visão que a *Crônica Anglo-Saxônica* pretende aplicar sobre o nosso objeto, é necessário citarmos que outras fontes do período estiveram muito ativas referente à visão do próprio reino Nortúmbrio. Uma destas fontes é a *História Eclesiástica do Povo Inglês*, feita pelo Venerável Beda. O documento foi finalizado pelo monge enquanto o reino da Nortúmbria já estava estabelecido. De acordo com Yorke (2003, p. 72-74) Beda, ao escrever a *História Eclesiástica*, se propunha a estabelecer uma identidade do povo anglo-saxão, identidade feita principalmente em moldes políticos, mas também presente em modos culturais. Esta afirmação ganha ainda mais ênfase ao percebermos que os fatores a partir dos quais Beda escreve a *História Eclesiástica* estão no recém-formado reino da Nortúmbria. Além do mais, o próprio Venerável Beda era natural do reino da Nortúmbria e lá viveu toda a sua vida. É necessário mencionar estes fatores ligados à *História Eclesiástica* pelo fato de o livro de Beda ser a referência principal de escrita da *Crônica Anglo-Saxônica*. Walter Goffart (1988, p. 240) afirma que “A *História* de Beda apesar de seu título e sua grandiosa incorporação de um microcosmo inglês dentro de um macrocosmo de um tempo providencial, é predominantemente preocupada com a Nortúmbria”<sup>70</sup>. Porém, a própria historiadora Barbara Yorke (2003, p. 73) afirma que “a *Crônica Anglo-Saxônica* (manuscritos D e E) também parece ter tido acesso a anais mais antigos os quais devem ter tido uma fonte celta”<sup>71</sup>. Tanto Yorke quanto Goffart consideram que a análise de Beda está predominantemente vinculada a figura Nortúmbria, este fato ainda embasa as particularidades de cada fonte, colocando a *História Eclesiástica* de Beda, que no próprio prefácio já está sendo dirigida a um rei Nortúmbrio, Coenwulf, em um lado “nortúmbrio”, sendo oposta ao sentido que a *Crônica* propõe, que é vinculada sobretudo ao ponto de vista de Wessex sobre os

<sup>70</sup> Bede's *History*, in spite of its title and grandiose incorporation of English microcosm into the macrocosm of providential time, is predominantly concerned with Northumbria.

<sup>71</sup> “the Anglo-Saxon Chronicle (MSS D and E) also seems to have had access to early annals which may have had a Celtic source.”

acontecimentos do documento. No entanto, Yorke (2003, p. 73) afirma no mesmo parágrafo para ressaltar a relevância de outras fontes, como a *Historia Brittonum* de Nênio e a *História Regum* de Simão de Durham. De acordo com a autora são fontes que também são completas em termos de informações do reino da Nortúmbria no período. As teses de Yorke, neste sentido se sobrepõe ao de Goffart, com a ênfase de que Yorke é efetivamente uma anglo-saxonista, analisando as escritas de Venerável Beda no âmbito de uma formação historiográfica anglo-saxônica.

Para começarmos a análise da produção referente ao reino da Nortúmbria, é necessário nos atentarmos antes às formações dos reinos de Bernícia e Deira, ainda em meados do século VI. Importante fazermos uma análise etimológica do próprio nome do reino da Nortúmbria, que viria do inglês *Northumbria*, derivado do anglo-saxão *Norþanhymbra*, que significa “ao norte do Humber”, sendo o Humber um estuário no centro-leste da ilha britânica<sup>72</sup>.

De acordo com a historiadora Barbara Yorke (2003, p. 74), o reino da Nortúmbria é resultado da absorção do reino de Deira através da Coroa de Bernícia junta a outros reinos celtas menores, do sul da atual Escócia. A historiadora ainda aponta que apesar dos reinos serem tidos como anglos, eles também podem ter influência dos bretões e dos celtas, sendo isto apontado a partir de seus próprios nomes. Esta separação entre os dois reinos foi feita através do trisavô de Ælle de Deira que governava o reino em 597.

A presença destas análises sobre as origens do reino da Nortúmbria são realizadas por uma gama de autores. P. H. Blair em sua obra *A history of England* percebe num contexto político a origem e legitimação do governo dos reis anglo-saxões em seus respectivos reinos. Blair (1997, p. 185-188) sugere que o reconhecimento dos reis dentro de um contexto geral do reino deve ser problematizado. Inclusive, segundo Blair (1997, p. 185), “em nenhuma parte da Inglaterra Anglo-Saxônica e em nenhum momento de sua história, há qualquer traço a ser achado de um sistema de governo que nada conhece do estatuto dos reis”<sup>73</sup>, desta forma, é necessário nos atentarmos ao reconhecimento dos reis tanto quanto ao estabelecimento dos reinos.

Os primeiros registros do reino da Nortúmbria são justamente em fins do século VI em outras fontes do período. Entretanto, ao analisarmos a *Crônica Anglo-Saxônica*, a primeira menção aos governos dos reinos é do ano de 634.

<sup>72</sup> As informações relacionadas ao nome dos reinos em anglo saxão são de ATHERTON, Mark. **Complete Old English (Anglo-Saxon)**. Londres: The McGraw-Hill Companies, 2010.

<sup>73</sup> “In no part of Anglo-Saxon England and at no time in its history is any trace to be found of a system of government knowing nothing of the rule of kings”

634: Neste ano, Osric, a quem Paulino batizou, sucedeu ao governo de Deira. Ele era filho de Elfric, sobrinho de Edwin. E na Bernícia sucedeu-se Eanfrith, filho de Ethelfrith. Neste ano também o bispo Birinus pela primeira vez pregou o batismo aos Saxões do oeste, sobre o Rei Cynegils. E o dito Birinus foi lá sob o comando do Papa Honório; e ele foi bispo lá até o fim de sua vida. Oswald também neste ano sucedeu ao governo dos Nortúmbrios, e reinou nove invernos. (*ASC*, p. 1, 634)<sup>74</sup>

Para uma primeira análise deste fragmento, nos atentaremos às passagens relacionadas aos reinos supracitados. No que corresponde aos reinos de Bernícia e Deira, esta menção existe propriamente para estabelecer uma troca de reinado. Entretanto, a *Crônica Anglo-Saxônica* não é clara o suficiente na criação dos reinos. Isto pode ser atribuído por que as casas reais de Bernícia e Deira sempre estiveram distantes no que se refere ao governo de Wessex, onde a *Crônica* foi escrita. A própria Yorke (2003, p. 74-76) traça a genealogia das casas de Bernícia e Deira, dando a perceber a distância genealógica da casa de Wessex, que será problematizada mais adiante. Este trecho, entretanto, dá ênfase ao batismo do rei de Deira, Osric. Como já dito, a questão da conversão de reis é algo que a *Crônica Anglo-Saxônica* procura retratar constantemente. Este fato influencia diretamente as relações de poder estabelecidas nos reinos, já que a religião através da Igreja acaba se tornando parte ativa referente ao governo real.<sup>75</sup> No governo de Deira, a existência de Edwin, tio de Osric é problematizada pela autora Barbara Yorke (2003, p. 77), onde afirma que foi no governo dele que Deira acabou sucedendo às forças de Bernícia. Referentemente a estes dois reinos específicos, a historiadora aponta que com certa frequência haviam reis que governaram os dois reinos – provavelmente estes governos se influenciaram através de agressivas incursões militares vindas de ambos os lados. Um exemplo é o próprio Edwin de Deira, do qual conseguiu tomar o poder de Ethelfrith e reinar Bernícia e Deira ao mesmo tempo, no início do século VII. Estes fatos, entretanto, não são citados na *Crônica Anglo-Saxônica*, remetendo ao fato já citado por nós de que a escrita da *Crônica* é elaborada através da perspectiva de Wessex sobre outros reinos. Como já mencionada, a genealogia de Bernícia e Deira está muito distante de Wessex no século IX durante o governo de Alfredo, sendo assim, os fatos sobre estes reinos não são detalhadamente narrados. A parcialidade da *Crônica*, aqui, justifica-se

<sup>74</sup> A.D. 634. This year Osric, whom Paulinus baptized, succeeded to the government of Deira. He was the son of Elfric, the uncle of Edwin. And to Bernicia succeeded Eanfrith, son of Ethelfrith. This year also Bishop Birinus first preached baptism to the West- Saxons, under King Cynegils. The said Birinus went thither by the command of Pope Honorius; and he was bishop there to the end of his life. Oswald also this year succeeded to the government of the Northumbrians, and reigned nine winters. The ninth year was assigned to him on account of the heathenism in which those lived who reigned that one year betwixt him and Edwin.

<sup>75</sup> Num panorama geral, podemos ver esta relação entre Igreja e Coroa no nosso período de estudo em BLAIR, John. *Minsters in Church and State, c. 650 – 850*. In: \_\_\_\_\_. *The church in the Anglo-Saxon Society*. Oxford: Oxford University Press, 2005.

também pelo contexto de oposição entre a formação do eventual reino da Nortúmbria com o próprio Wessex. De acordo com J. R. Maddicott (2000, p. 25-27) até cerca de 685, o reino da Nortúmbria produzia uma política de expansão de fronteiras profunda. Esta expansão, que muitas vezes era também dirigida ao norte, com o reino entrando em conflito com o reino escoto da Dal Ríada e reinos pictos nas *lowlands* da atual Escócia. Entretanto, eventualmente, esta expansão de fronteiras também atingiu o sul, entrando em conflito aqui com reinos como Mércia e Wessex. Maddicott afirma que

A coincidência do método de expansão de Nortúmbria e Wessex pode não ser mais que isso: um caso de dois reinos encarando oportunidades comparáveis e respondendo de maneiras similares. Mas o desenvolvimento em novos territórios dos dois reinos pode também encorpar um elemento de consciente rivalidade para as ligações entre Nortúmbria e Wessex de 635 a 700 serem extraordinariamente próximas.<sup>76</sup> (2000, p. 27)

Desta forma, a falta de informações mais precisas na *Crônica* sobre a formação do reino da Nortúmbria no período pode ser resultado da rivalidade considerável entre Nortúmbria e Wessex no século VII. A política de expansão de fronteiras é permanente em Wessex, sendo inclusive praticada por Alfredo, já no fim do século IX. O fato de Alfredo ser, desta forma, o principal mantenedor da produção da *Crônica* pode afetar diretamente os relatos sobre o reino da Nortúmbria, uma vez que apesar dos conflitos internos estabelecidos no século VIII – como veremos mais a frente – ainda possuía um poder de expansão significativo.

Um segundo ponto que teremos uma atenção prioritária é a percepção de Oswald como o rei dos Nortúmbrios. Este fragmento poderia ser o marco inicial da junção das casas reais de Deira e de Bernícia sob a existência de um único monarca, neste caso, Oswald da Nortúmbria. O reinado dele durou de 634 até 642 e, de acordo com Barbara Yorke, “Oswald era filho de Ethelfrith e de Acha de Deira e aparentemente foi aceito como rei para a nobreza das duas províncias” (2003, p. 78)<sup>77</sup>. O Ethelfrith citado por Yorke é Ethelfrith de Bernícia, rei citado por nós anteriormente no fragmento da *Crônica*. A ligação entre os dois reinos representados pelas duas casas reais são feitas, então, a partir destes dois personagens, Ethelfrith e Acha, tendo seu filho, Oswald como o primeiro rei a ser citado como governante

<sup>76</sup> The coincidence of method in the expansion of Northumbria and Wessex may be no more than that: a case of two kingdoms facing comparable opportunities and responding in similar ways. But developments in the new territories of the two kingdoms may also embody an element of conscious emulation, for the links between Northumbria and Wessex from c. 635 to 700 were extraordinarily close

<sup>77</sup> Oswald was another son of Æthelfrith, but he was also the son of Acha of Deira and so apparently acceptable as king to the nobility of both provinces

soberano dos Nortúmbrios a partir da fusão das casas reais de Bernícia e Deira.

No entanto, muitos dos reis de Bernícia ou Deira são citados, anteriormente como governantes dos Nortúmbrios, dado pela *Crônica Anglo-Saxônica* como uma instituição só, aparte dos dois reinos. É o caso do próprio Ethelfrith no fragmento de 617:

617: Este ano foi Ethelfrith, rei dos Nortúmbrios, morto por Redwald, rei dos Ânglios Orientais; Edwin, o filho de Ella, o tendo sucedido no reino, ele subjugou toda Britânia, exceto os homens de Kent sozinhos, e eles expulsaram os Ethelings, os filhos de Ethelfrith, nomeados Enfrid, Oswald, Oswy, Oslac, Oswood, Oslaf e Offa. (*ASC*, p. 1, 617)<sup>78</sup>

Entre 617 e 634, não é apontado um rei para Bernícia ou Deira, no entanto, é atribuído a Ethelfrith o governo geral da Nortúmbria. Ethelfrith neste caso, pode ser tomado como um rei que investiu muito nas invasões a outros reinos, seja na Bernícia contra Deira ou contra a Ânglia Oriental, como falado no capítulo referente a este reino.

Esta falta de apontamento do rei de Bernícia pode ser explicada através de Blair (1997, p. 188) afirmando que “a velha linha real Bernícia nunca se conheceu como reis [...] a ancestralidade de dinastias anglo-saxãs é invariavelmente traçada para os deuses, como para Woden em sete das oito genealogias sobreviventes [...] da dinastia de Essex”<sup>79</sup>. Isto pode ser explicado pela falta de menções da *Crônica Anglo-Saxônica* em relação ao reino de Deira e Bernícia antes da unificação da Nortúmbria. A discussão de Blair, entretanto, é pertinente somente ao estudo da *Crônica Anglo-Saxônica*, uma vez que ele mesmo é um especialista neste documento. Quando as teses de Blair são aplicadas à *História Eclesiástica do Povo Inglês*, há um problema temporal em relação ao estabelecimento da cristandade no mundo anglo-saxão, pois Beda a escreve em meio a um processo que ainda estava se consolidando (finalizando a obra em 731), portanto, relacionar os reis cristãos com a superação de um passado pagão é um problema quase exclusivo de Beda. Este fator efetivamente não aparece na *Crônica*, pois o “pagão” retratado nesta obra deixa de se tornar o passado pré-cristão dos anglo-saxões e se torna um problema atual retratado nas crenças dos líderes escandinavos, vide a escrita da *Crônica* realizada em meio as invasões vikings no século IX.

A troca da soberania dos Nortúmbrios entre as casas de Deira e Bernícia ocorreu entre

<sup>78</sup> A.D. 617. This year was Ethelfrith, king of the Northumbrians, slain by Redwald, king of the East-Angles; and Edwin, the son of Ella, having succeeded to the kingdom, subdued all Britain, except the men of Kent alone, and drove out the Ethelings, the sons of Ethelfrith, namely, Enfrid, Oswald, Oswy, Oslac, Oswood, Oslaf, and Offa.

<sup>79</sup> “old Bernician royal line were never themselves known as kings [...] The ancestry of the Anglo-Saxon dynasties is invariably traced back to the gods, to Woden in seven of the eight genealogies [...] the East-Saxon dynasty”

os anos de 601 e 603. Atentamo-nos, portanto, aos seguintes fragmentos:

601: Neste ano o Papa Gregório mandou a mortalha para o Arcebispo Augustino na Britânia, com muitos doutores estudados para lhes prestarem assistência; o Bispo Paulino converteu Edwin, rei dos Nortúmbrios ao batismo. (*ASC*, p. 1, 601)<sup>80</sup>

603: Neste ano Æden, rei dos Escotos, lutou contra o povo de Dal Riada e com Ethelfrith, rei dos Nortúmbrios, em Theakstone; ele quase perdeu seu exército inteiro. Theobald também irmão de Ethelfrith, com toda seu exército, foi morto. Nenhum dos reis escoceses teve sede para trazer um exército contra esta nação. Hering, filho de Hussa, liderou o exército lá. (*ASC*, p. 1, 603)<sup>81</sup>

Aqui, é perceptível a mudança de rei no que se refere ao rei dos Nortúmbrios. Esta mudança entre Edwin em 601 e Ethelfrith em 603 se deu provavelmente a partir da invasão dos dois reinos, mas não da junção entre as duas casas através de alianças matrimoniais, como sugerido por Yorke e perceptível através do fragmento de 634. Como alternativa à Barbara Yorke, recorreremos a obra *A brief History of the Anglo-Saxons* de Geoffrey Hindley (2006, p. 263), onde diz o autor que a morte de Ethelfrith pelas mãos de Redwald foi motivada pelo exílio de Edwin, não deixando claro a posição do reino da Nortúmbria perante estas divergências entre os reis da Ânglia Oriental e das casas reais de Bernícia e Deira. A própria historiadora Yorke (2003, p. 75-78) afirma a mudança no caráter da junção entre as duas casas – de Deira e de Bernícia – para formarem o reino da Nortúmbria. Neste aspecto, portanto, tanto Yorke quanto Hindley convergem em opiniões sobre a formação dos reinos, reforçando nossa proposta central de influências dos reinos para a criação da Nortúmbria.

É necessário observarmos também o reino da Nortúmbria na junção das casas reais. Muitas das mudanças propostas pela junção entre Deira e Bernícia acontecem a partir do crescimento do poderio da própria monarquia. De acordo com Blair (1997, p. 188) “é próprio para enfatizar a hereditariedade do governo dos reis na Inglaterra Anglo-Saxônica, e deve ser declarado com igual ênfase que o princípio da primogenitura não fez parte na sucessão”<sup>82</sup>. Assim, nos atentaremos que a mudança real não se legitima, necessariamente, a partir de um filho primogênito. Isto é recorrente não apenas da Nortúmbria, mas também no que se refere a

<sup>80</sup> A.D. 601. This year Pope Gregory sent the pall to Archbishop Augustine in Britain, with very many learned doctors to assist him; and Bishop Paulinus converted Edwin, king of the Northumbrians, to baptism.

<sup>81</sup> A.D. 603. This year Aeden, king of the Scots, fought with the Dalreathians, and with Ethelfrith, king of the Northumbrians, at Theakstone; where he lost almost all his army. Theobald also, brother of Ethelfrith, with his whole armament, was slain. None of the Scottish kings durst afterwards bring an army against this nation. Hering, the son of Hussa, led the army thither.

<sup>82</sup> “it is proper to emphasise the hereditary aspect of the rule of kings in Anglo-Saxon England, it should be stated with equal emphasis that the principle of primogeniture played no part in the succession”

esta Coroa.

Esta mudança faz perceber as diferenças entre os caracteres da junção das casas reais em Ethelfrith em 603 e em Oswald em 634. Oswald, desta forma, tem mais sucesso na junção entre os dois reinos comparando a Ethelfrith, pois a partir dele o reino da Nortúmbria prossegue unificado. Olhar esta unificação a partir de Yorke faz com que o subtópico deste trabalho esteja mais claro. A historiadora afirma que “Oswald foi um herói particular para Beda” (2003, p. 78)<sup>83</sup>, dado o fato de que esta junção teve um maior caráter afirmativo junto a nobreza da Nortúmbria, efetivando Oswald como um rei que atua junto à própria nobreza. A figura heroica de Oswald se construiu após sua morte em 642, já que ele caiu em batalha para Penda de Mércia, este considerado um rei pagão. Após sua morte, Oswald da Nortúmbria foi venerado como um santo entre os anglo-saxões e também como um mártir, se colocando como um rei já cristianizado caindo para um rei pagão, neste caso, Penda de Mércia. O caráter da expansão de Oswald também está presente, pois a expansão do território do reino era ativa através do governo de Oswald. Hindley afirma que

em um reinado de oito anos, Oswald dominou tanto os negócios através da Britânia e do sul da terra dos Pictos que, na visão de Beda, ele conseguiu um *imperium*. Ele anexou os reinos de Lindsey, do qual Mércia também tinha interesse, e se casou com a filha de Cynegils de Wessex na condição de que seu pai se convertesse para a cristandade. (2006, p. 280)<sup>84</sup>

Desta forma, isto pode legitimar a santidade que Oswald possui dentre seus pares, sendo reconhecível inclusive pelo próprio Venerável Beda. A influência de Oswald nos reinos vizinhos se construiu não apenas em cima de relações políticas, mas também de relações religiosas, como a conversão de Cynegils de Wessex para a cristandade.

O sucessor de Oswald no governo da Nortúmbria foi Oswy. Esta passagem é relatada referente ao ano de 642:

642: Neste ano Oswald, rei dos Nortúmbrios, foi morto por Penda, rei dos Soutúmbrios em Mirfield no quinto dia de agosto e seu corpo foi enterrado em Bardney. Sua santidade e seus milagres estiveram posteriormente expostos em diversas ocasiões através desta ilha; suas mãos ainda estão incorruptíveis em Barnburgh. No mesmo ano que Oswald foi morto, Oswy,

<sup>83</sup> “Oswald was a particular hero to Bede.” É importante conotar, que, como já mencionado, a fonte principal da historiadora Barbara Yorke em sua obra *Kings and Kingdoms of Early Anglo-Saxon England* é a *História Eclesiástica do Povo Inglês* de Venerável Beda, entretanto as referências à *Crônica Anglo-Saxônica* são ativas e constantes na sua obra, estando assim extremamente próximas a nossa problemática de pesquisa.

<sup>84</sup> In a reign of eight years Oswald so dominated affairs throughout Britain south of Pictland that, in Bede's view, he achieved the *imperium*. He annexed the kingdom of Lindsey, where Mercia also had an interest, and married the daughter of Cynegils of Wessex on the condition that her father convert to Christianity.

seu irmão o sucedeu no governo dos Nortúmbrios, e reinou dois anos a menos que trinta anos. (*ASC*, p. 1, 642)<sup>85</sup>

Segundo Barbara Yorke (2003, p. 78-79), a troca de governo de Oswald para Oswy foi bem-aceita pelos Bernícios, mas não dentre os Deiros. Geoffrey Hindley também afirma que “politicamente a morte de Oswald dividiu os dois reinos” (2006, p. 285)<sup>86</sup>. Esta instabilidade, na visão de Hindley, fez com que em 644, o sobrinho de Oswy, Oswin assumisse um governo autônomo em relação à Nortúmbria, instaurando novamente o governo de Deira. A própria *Crônica Anglo-Saxônica* relata o acontecimento.

644: [...] Neste ano o sobrinho de Oswy (Oswin), o filho de Osric, assumiu o governo de Deira e reinou sete invernos. (*ASC*, p. 1, 644)<sup>87</sup>

O governo de Oswin continuou apenas até 651. Esta quebra no governo da Nortúmbria mostra que ainda havia personagens dentro da nobreza de Nortúmbria que eram fiéis aos antigos reinos, sendo liderados por suas respectivas casas reais. Fato é que a oposição mesmo que num curto período de tempo entre um governo de Deira e um governo de Nortúmbria (que clama sua unificação) confirma a tese de que apesar de continuar unificado nos anos posteriores, a unificação entre Bernícia e Deira resultando no reino da Nortúmbria foi um tanto quanto frágil. A *Crônica Anglo-Saxônica*, apesar de não retratar com clareza estes conflitos, dá prioridade à formação da Coroa da Nortúmbria, mesmo em seus momentos turbulentos. Isto comprova que, apesar de não vista com prioridade aos olhos de Wessex do século IX, os eventos da Nortúmbria ainda possuem sua relevância no que se refere à narrativa da *Crônica Anglo-Saxônica*, estabelecendo sua legitimidade enquanto objeto conectado a uma escrita da história anglo-saxônica.

O governo de Deira, entretanto, não conseguiu manter-se estável depois de Oswin. A própria *Crônica Anglo-Saxônica* retrata sua morte no fragmento de 651. É no ano de 653 que o governo de Nortúmbria tem, definitivamente, o controle do reino de Deira novamente. Este é o marco inicial da fundação do reino da Nortúmbria, sem rupturas referentes às autonomias políticas de outros reinos dentro do governo. O próprio Oswy da Nortúmbria é citado no ano

<sup>85</sup> A.D. 642. This year Oswald, king of the Northumbrians, was slain by Penda, king of the Southumbrians, at Mirfield, on the fifth day of August; and his body was buried at Bardney. His holiness and miracles were afterwards displayed on manifold occasions throughout this island; and his hands remain still uncorrupted at Barnburgh. The same year in which Oswald was slain, Oswy his brother succeeded to the government of the Northumbrians, and reigned two less than thirty years.

<sup>86</sup> Politically the death of Oswald split the two kingdoms.

<sup>87</sup> A.D. 644. [...] This year the son of Oswy's uncle (Oswin), the son of Osric, assumed the government of Deira, and reigned seven winters.



de 656 ao jurar fidelidade à cristandade diante de outros reis anglo-saxões. É a partir do ano de 656 que a força da cristandade está mais presente nas Coroas do que o paganismo. As citações em relação às forças pagãs de outros reinos não são mais recorrentes a partir daqui, sugerindo a cristianização das instituições políticas no correspondente ao reino da Nortúmbria. No entanto, Hindley (2006, p. 308-309) sugere que com a morte de Oswy, o poder de Mércia teria sido mais protagonizado em fins do século VII, deixando as relações do reino da Nortúmbria mais de lado.

Em relação a Nortúmbria, agora já unificada, no fragmento do ano de 705, é retratada a morte de Ealdferth, então rei dos Nortúmbrios:

705: Neste ano morreu Ealdferth, rei dos Nortúmbrios, no décimo nono dia anterior ao calendário de Janeiro, em Driffield e foi sucedido por seu filho Osred. (*ASC*, p. 1, 705)<sup>88</sup>

É importante notar que as ausências de citações referentes a reis, reinados ou aos próprios reinos dentro da *Crônica Anglo-Saxônica* podem sugerir uma estabilidade no poder. O reino da Nortúmbria, portanto, se manteve ativo, autônomo e unificado neste período em fins do século VII e início do século VIII. A historiadora Barbara Yorke (2003, p. 81), entretanto, sugere que houve uma luta pelo poder após a estabilização do reino da Nortúmbria entre o rei Oswy e um lorde chamado Rædvald. Neste fragmento não nos atentaremos às problematizações da historiadora, já que nada é mencionado destes eventos na *Crônica Anglo-Saxônica* e, visando que nosso trabalho lida com a perspectiva da *Crônica* sobre os eventos, deixaremos estas construções historiográficas feitas de fontes aparte da *Crônica* de lado.

Neste sentido, no início do século VIII, o governo da Nortúmbria já estava estabelecido. Entretanto, suas fronteiras nunca estavam completamente estáveis. Barbara Yorke (2003, p. 83) diz que, pelo fato de a Nortúmbria ser o reino anglo-saxão mais ao norte, era constante o envolvimento desta em hostilidades com os povos pictos e escotos, de origem céltica, vindos da atual Escócia. Mesmo assim, as divergências do reino da Nortúmbria não estavam completamente voltadas aos reinos do norte, mas houve conflitos com os próprios reinos anglo-saxões vizinhos. Estes antagonismos ganham estabilidade depois da unificação de Nortúmbria. Isto pode ser compreendido ao olharmos para a *Crônica Anglo-Saxônica* no fragmento do ano 716:

---

<sup>88</sup> A.D. 705. This year died Ealdferth, king of the Northumbrians, on the nineteenth day before the calends of January, at Driffield; and was succeeded by his son Osred.

716: Neste ano, Osred, rei dos Nortúmbrios, foi morto perto das fronteiras do sul. Ele reinou onze invernos depois de Ealdferth. Cenred o sucedeu ao governo e o manteve por dois anos; então Osric, o quem manteve por onze anos. (*ASC*, p. 1, 716)<sup>89</sup>

Yorke (2003, p. 83) afirma que no início do século VII “as campanhas contra os reinos celtas eram tão importantes – se não mais importantes – aos reis de Bernícia quanto suas relações com os outros reinos anglo-saxões”<sup>90</sup>. Tal ponto de vista se coloca como diferente ao de J. R. Maddicott (2000, p. 25-46), que visualiza neste período uma intensificação das relações de Nortúmbria com outros reinos anglo-saxões, incluindo Wessex. Observa-se aqui uma eventual estabilização política do reino da Nortúmbria já no início do século VIII, conforme retratado na *Crônica Anglo-Saxônica*, havendo certo rompimento com as práticas de legitimação políticas existentes nos reinos de Bernícia – como neste caso – ou de Deira. Como retratado no fragmento de 716, nada é mencionado em relação a conflitos com reinos vizinhos, dando a entender que, neste período, o governo da Nortúmbria se encontrava estável. Yorke (2003, p. 87) afirma que esta estabilidade se construiu a partir da casa de Oswy. Esta estabilidade ocorria mesmo através de medidas “desesperadas”, como quando Osred veio a assumir o trono de Nortúmbria ele ainda era uma criança. Apesar da estabilidade do poder, o governo da Nortúmbria possuiu sucessivas mortes de seus representantes reais em batalhas. Talvez este foi o motivo principal de Osred ter subido ao trono ainda quando era um menino. Isto é concretizado por Hindley (2006, p. 309) ao dizer que Osred ainda possuía qualidades já que Wilfried o adotou como filho espiritual, reforçando esta ligação da Coroa com a Igreja construídas a partir de Oswy. Esta adoção espiritual pode sugerir a ascensão ao poder de Osred na infância.

A próxima menção ao governo do reino da Nortúmbria na *Crônica Anglo-Saxônica* é apenas no ano de 738, ao indicar a mudança de rei:

738: Neste ano Eadbert, filho de Eata, o filho de Leodwald, sucedeu ao governo da Nortúmbria, e o manteve por vinte e um invernos. (*ASC*, p. 1, 738)<sup>91</sup>

De acordo com a anglo-saxonista Barbara Yorke (2003, p. 88) esta mudança nas

<sup>89</sup> A.D. 716. This year Osred, king of the Northumbrians, was slain near the southern borders. He reigned eleven winters after Ealdferth. Cenred then succeeded to the government, and held it two years; then Osric, who held it eleven years.

<sup>90</sup> That campaigns against the Celtic kingdoms were just as important—if not more important—to the kings of the Bernician dynasty as their relations with other Anglo-Saxon kingdoms

<sup>91</sup> A.D. 738. This year Eadbert, the son of Eata the son of Leodwald, succeeded to the Northumbrian kingdom, and held it one and twenty winters.

dinastias do governo da Nortúmbria no ano de 738 se deu a partir de uma rixa entre duas famílias nobres pelo poder, tendo a família de Eadbert saído vitoriosa. A historiadora também afirma que estes eventos estão mais bem retratados na *Historia Regum*, documento de raiz Nortúmbria e na *História Eclesiástica* de Beda, também escrito na Nortúmbria. Esta falta de maiores relatos sobre as trocas de poder Nortúmbrios podem ser explicadas pelo fato de o espaço de escrita da *Crônica* é o reino de Wessex no século IX, e não o reino da Nortúmbria propriamente, como já discutido.

A presença de Eadbert no reino da Nortúmbria foi, de acordo com Beda, o governo forte que Nortúmbria precisava (Yorke, 2003, p. 88-89). Este aumento no poderio Nortúmbrio aconteceu tanto militarmente quanto politicamente, já que o governo através de uma mão forte manteve estável em uma única pessoa. Nesta época, o reino da Nortúmbria presenciou o ápice de seu poder dentre os reinos anglo-saxões nos séculos VII e VIII. Este poder político da Nortúmbria se expande, inclusive, para o campo eclesiástico, notória a influência de Eadbert da Nortúmbria. A própria *Crônica Anglo-Saxônica* retrata este acontecimento:

757: Neste ano Eadbert, rei dos Nortúmbrios, recebeu a tonsura e seu filho Osulf, o reino, no qual ele o manteve por um ano. Ele em foi morto pelos seus próprios domésticos no nono dia antes do calendário de Agosto. (*ASC*, p. 2, 757)<sup>92</sup>

Neste sentido nota-se a forte influência do governo de Eadbert e como isso foi crucial para a falta de habilidade em governar de seu filho, Osulf, tendo em conta o fato de que ele não conseguiu manter seu reinado por muito tempo. A morte de Osulf dá início a suscetivos conflitos pelo poder por, pelo menos, nos próximos cinquenta anos. No próprio fragmento do ano de 759 (*ASC*, p. 2, 759) é retratado o sucessor de Osulf, Ethelwold Mull, o qual manteve o reino por seis anos a partir de 759. No governo de Ethewold Mull surgiram conflitos internos onde, no fragmento do ano 761 (*ASC*, p. 2, 761), a *Crônica Anglo-Saxônica* relata a morte de Oswin, provavelmente um nobre ligado a Coroa da Nortúmbria, conforme a *Crônica* dá a entender. Estes conflitos internos das Coroas continuam nos anos seguintes, conforme a *Crônica* relata. Após uma troca de governo em 765 de Ethelwold Mull para Alred, o fragmento do ano 774 sugere uma quebra nesta dinastia de Alred e uma volta a dinastia de Mull.

---

<sup>92</sup> A.D. 757. This year Eadbert, king of the Northumbrians, received the tonsure, and his son Osulf the kingdom; which he held one year. Him his own domestics slew on the ninth day before the kalends of August.

774: Neste ano os Nortúmbrios baniram seu rei, Alred, de York até Easter-tide e escolheram Ethelred, o filho de Mull como seu lorde, o qual reinou quatro invernos. (*ASC*, p. 2, 774)<sup>93</sup>

Os conflitos internos dos Nortúmbrios continuaram nos anos seguintes. Ethelred não consegue manter o governo da Nortúmbria isento de conflitos envolvendo membros de sua própria Coroa. Tais conflitos continuam a se intensificar, causando a morte do próprio Ethelred.

778: Este ano Ethelbald e Herbert mataram três alto-comandantes – Eldulf o filho de Bosa em Coniscliff; Cynewulf e Eggo em Helathyrn – no décimo-primeiro dia antes do calendário de abril. Então Elwald baniu Ethelred de seu território, tomou seu reino, e reinou dez invernos. (*ASC*, p. 2, 780)<sup>94</sup>

O estado do reino da Nortúmbria, neste período, era de uma guerra interna profunda, entre diferentes castas do poder político. Isto provavelmente se deu porque, remontando a origem do reino no século VII, não houve uma casa real específica para legitimar o poder do governante da Nortúmbria. Assim, os lordes com um poderio militar clamam a Coroa do reino e convocam seus exércitos, o que causou a morte dos mesmos como retratados no fragmento do ano 778 e de mais um lorde no ano de 780.

780: [...] os alto-comandantes de Nortúmbria conduziram às chamas o Conselheiro Bern em Silton, no nono dia anterior ao calendário de janeiro. (*ASC*, p. 2, 780)<sup>95</sup>

Elwald, entretanto, não consegue manter o poder por muito tempo, já que no fragmento de 789 é retratado sua morte por Siga (*ASC*, p. 2, 789). No ano de 790 é descrito que o então rei da Nortúmbria, Osred, havia sido banido e expulso do seu reino, voltando em 792 (*ASC*, p. 2, 790-792). Entretanto, ao voltar para o reino, Osred foi preso e morto. O caos político na Nortúmbria tem ainda mais um elemento somador, a invasão viking do ano de 793. É interessante notar que a devastação na Nortúmbria, em fins do século VIII, era tamanha que a narrativa perante a invasão dos escandinavos é mudada completamente:

<sup>93</sup> A.D. 774. This year the Northumbrians banished their king, Alred, from York at Easter-tide; and chose Ethelred, the son of Mull, for their lord, who reigned four winters.

<sup>94</sup> A.D. 778. This year Ethelbald and Herbert slew three high-sheriffs – Eldulf, the son of Bosa, at Coniscliff; Cynewulf and Eggo at Helathyrn – on the eleventh day before the calends of April. Then Elwald, having banished Ethelred from his territory, seized on his kingdom, and reigned ten winters.

<sup>95</sup> A.D. 780. [...] the high-sheriffs of Northumbria committed to the flames Alderman Bern at Silton, on the ninth day before the calends of January

793: Neste ano, vieram advertências terríveis sobre a terra dos Nortúmbrios, aterrorizando as pessoas lamentavelmente: estas eram imensas folhas de luz correndo pelo ar e redemoinhos e ardentes dragões pelo firmamento. Estes sinais enormes foram logo seguidos por uma grande fome: e não muito depois, no sexto dia antes das idas de janeiro no mesmo ano, as incursões angustiantes de homens pagãos fizeram um lamentável estrago na igreja de Deus na Santa-ilha através de rapina e massacre. Siga morreu no oitavo dia anterior ao calendário de março. (*ASC*, p. 2, 793)<sup>96</sup>

As estruturas políticas, a partir deste evento, encontram uma ruptura, dificultando nossa análise com maior especificidade sobre os acontecimentos. Neste sentido os eventos retratados na Nortúmbria a partir do ano de 793 – e mesmo anterior com seu caos político – são de invasões causadas pelo escandinavos, mudando inclusive o objeto da narrativa composta pelos escritores da *Crônica Anglo-Saxônica*. Esta mudança perante as invasões escandinavas se fazem mais ativas justamente por que, no momento da escrita, já no século IX no governo de Alfredo, o único reino que restara perante as incursões escandinavas na ilha britânica era o reino de Wessex, governado por Alfredo. Dado isto, o único inimigo em comum de Alfredo que se posicionava contra os reinos anglo-saxões eram os escandinavos, justificando assim a mudança do teor narrativo da *Crônica*.

Neste sentido, podemos encontrar uma solução no que se refere à narrativa. Hayden White, em sua obra *Trópicos do Discurso* reflete sobre o efeito da narrativa no acontecimento. Assim, segundo White,

o registro histórico é ao mesmo tempo compacto demais e difuso demais. De um lado, sempre existem mais fatos registrados do que o historiador pode talvez incluir na sua representação narrativa de um dado segmento do processo histórico. E, assim, o historiador deve “interpretar” os seus dados, excluindo de seu relato certos fatos que sejam irrelevantes ao seu propósito narrativo. De outro lado, no empenho de reconstruir “o que aconteceu” num dado período da história, o historiador deve inevitavelmente incluir em sua narrativa um relato de algum acontecimento ou conjunto de acontecimentos que carecem de fatos que poderiam permitir uma explicação plausível de sua ocorrência. (2001, p. 65)

A obra de White, neste contexto de análise da narrativa, entra em confluência com os fatos que estamos tentando mostrar aqui, ao reparar a mudança da narrativa da *Crônica Anglo-Saxônica*. Como os escritores da *Crônica* na corte de Alfredo procuram transmitir uma

<sup>96</sup> A.D. 793. This year came dreadful fore-warnings over the land of the Northumbrians, terrifying the people most woefully: these were immense sheets of light rushing through the air, and whirlwinds, and fiery dragons flying across the firmament. These tremendous tokens were soon followed by a great famine: and not long after, on the sixth day before the ides of January in the same year, the harrowing inroads of heathen men made lamentable havoc in the church of God in Holy-island, by rapine and slaughter. Siga died on the eighth day before the calends of March.

certa oposição aos escandinavos, essa transformação da narrativa pode ser explicada a partir de White, uma vez que acontecimento e narrativa são elementos opostos de uma mesma construção historiográfica. Outro fato é que a *Crônica* começa a ser escrita apenas em fins do século IX. Junto a isto, o acontecimento da invasão da Nortúmbria foi em 793. Esta disparidade temporal é explicada junto a White no correspondente as diferenças entre tempo e narrativa, acontecimento e narrativa e a própria carência de fatos da fonte no período. A maneira que os vikings foram citados na *Crônica* pode demonstrar uma manobra narrativa no relato dos acontecimentos referentes ao ano de 793.

Desta forma, o reino da Nortúmbria não encontra estabilidade no decorrer do século IX. Entretanto, não nos remeteremos aos conflitos estabelecidos aqui pois ultrapassam nosso recorte temporal para pesquisa. A própria existência do reino da Nortúmbria é descontinuada em muitos momentos de invasão viking na ilha. No entanto, o governo aparece como um personagem atuante no que se refere a sua participação nos séculos VII e VIII, sendo assim necessário o problematizar para entender as redes e relações de poder dos reinos anglo-saxões aqui explicadas.

## **UMA ANÁLISE SOBRE A SOBERANIA: MÉRCIA E WESSEX NA *CRÔNICA* *ANGLO-SAXÔNICA***

### **Protagonismos e Antagonismos**

Tendo como objetivo o entendimento do espaço do reino de Wessex e do reino de Mércia na *Crônica Anglo-Saxônica* é necessário retomarmos ao seu espaço de escrita. Apesar de, como o próprio nome diz, ser uma *Crônica* que remete aos anglo-saxões, o espaço que a *Crônica* é escrita é exclusivamente o reino de Wessex quando relata os séculos VII e VIII. Esta distinção é claramente notada quando comparamos a *Crônica Anglo-Saxônica* em relação aos relatos do reino de Wessex e do reino de Mércia. Durante este período, estes dois reinos apesar de diversamente constituídos e estarem em posições diferentes quanto à constituição política de seu próprio reino, são os dois reinos com mais protagonismo dentre os anglo-saxões.

Para isto é necessário entendermos a construção da imagem do reino de Wessex e de Mércia a partir do século IX, onde a *Crônica* começa a ser escrita. Em relação ao reino de Wessex, o historiador brasileiro Elton Medeiros faz uma reflexão sobre sua resistência.

Em 874 o último reino livre da ocupação era Wessex, governado por Alfred, o Grande. [...] Um elemento importante, que parece estar presente por toda história da Inglaterra durante a época das invasões, são as constantes disputas internas entre os diversos reinos anglo-saxões. Desde o início da era anglo-saxônica estas disputas se faziam presentes. (2006, p. 47)

Apesar de Medeiros ter em seu recorte o século IX, sua reflexão se faz necessária para compreendermos as relações tramadas entre os reinos anglo-saxões. Como explicitado por ele, as disputas internas entre os reinos anglo-saxões são constantes, este fator reflete diretamente na escrita da *Crônica Anglo-Saxônica* no século IX. O reino de Wessex e o reino de Mércia, para estas disputas internas são colocados como objetos de protagonismo (Wessex) e antagonismo (Mércia). É necessário retomarmos consciência que o espaço de escrita da *Crônica* é o reino de Wessex, como refletido por nós no primeiro capítulo deste trabalho. Este fator, portanto, interfere diretamente na forma e nas passagens registradas sobre os dois reinos na escrita do nosso documento.

Desta forma, nas páginas seguintes, se seguirão reflexões sobre como a *Crônica Anglo-Saxônica* constrói essa relação a partir de sua escrita. Com diversas passagens a trocas de reinados, será feita uma análise no sentido de visualizar como o reino de Mércia e o reino de Wessex estão estabelecidos politicamente e constantemente registrados na escrita da *Crônica*. É possível, portanto, visualizar como se construiu estas relações a partir das descrições dos reinos na *Crônica Anglo-Saxônica*, exercício este que será disposto neste terceiro capítulo do nosso trabalho.

## **Mércia**

Diferentemente dos outros reinos anglo-saxões do período, as origens do reino de Mércia não estão completamente claras dentro do olhar da *Crônica Anglo-Saxônica*. As primeiras menções ao reino de Mércia sugerem Penda como um de seus principais soberanos, em meados do século VII. Entretanto, Barbara Yorke (2001, p. 18) propõe, a partir de visões da *História Eclesiástica* de Beda e da *História Anglorum* de Henry of Huntingdom, que haveriam ainda formações do reino de Mércia anteriores à soberania de Penda. Portanto, a visão que a *Crônica Anglo-Saxônica* procura dar à formação de Penda como rei dos Mércios não cita diretamente o nome do reino, mas a figura do rei. Antes necessário de tratarmos do estabelecimento do reino de Mércia para percebermos suas relações de poder, é necessário entendermos a figura de Penda, dado ele ser um dos reis mais influentes do século VII entre os anglo-saxões.

A partir disto, a primeira menção na *Crônica Anglo-Saxônica* ao reino de Mércia

propriamente é a partir do governo de Peada, filho de Penda, justamente esta menção é feita a partir de sua morte, no ano de 655. Porém Charles-Edwards (2001, p. 89) sugere que o estabelecimento do reino de Mércia irrompe a partir da figura de Penda, surgindo assim, o primeiro soberano de um grande pedaço de terra no território pertencente aos anglo-saxões na Britânia. A escrita da história do reino de Mércia na *Crônica* começa junto a sua cristianização, uma vez vista esta priorização do “reino cristão” a partir dos olhos dos escritores da *Crônica Anglo-Saxônica* no século IX. Esta troca de Penda para Peada, entretanto, não foi uma completa ruptura, porém evidenciamos que é apenas ali que os fatos de Mércia começam a ser relatados. É importante conotarmos novamente o fato de que as informações relacionadas ao reino de Mércia estão em segundo plano, uma vez que este reino ser era o principal antagonista em relação às cadeias de poder produzidas a partir de Wessex na escrita da *Crônica Anglo-Saxônica*. Esta posição de antagonista de Mércia se deve ao fato de que o reino é propriamente uma soberania dentre os reinos anglo-saxões em boa parte dos séculos VII e VIII. Este antagonismo remete, então, muito mais a uma ameaça política à soberania de Wessex enquanto reino.

Neste sentido, daremos uma atenção em especial às formações do reino de Mércia pós-Penda, já que para a *Crônica* é ali que o reino é formalmente constituído. Desta forma, trataremos o reino de Mércia como ele é mencionado a partir da *Crônica Anglo-Saxônica*, deixando em segundo plano sua formação, uma vez que o fato é anterior a Penda<sup>97</sup> e anterior inclusive ao recorte de pesquisa proposto por este trabalho.

Uma outra fonte que rica em informações junto ao reino de Mércia é o *Tribal Hidage*. Entretanto, a mesma Barbara Yorke afirma que “a *Tribal Hidage* pode ser um cálice envenenado aos historiadores de Mércia” (2001, p. 20), reforçando o fato que mesmo que a *Crônica Anglo-Saxônica* seja uma fonte compilada em Wessex, ela seria de maior confiança em relação às as informações trazidas sobre ao reino de Mércia. Ao nosso trabalho ela ainda seria a matriz principal, uma vez que trabalhamos com a perspectiva dela – a *Crônica* – sobre os outros reinos.

Dados os fatos, a primeira menção ao reino de Mércia é sobre no ano de 655, como já dito:

---

<sup>97</sup> Não seria possível visualizar pontos de formação do reino de Mércia, uma vez que pouco é mencionado nas fontes consultadas por nós. Nem a *Crônica Anglo-Saxônica*, sequer a *História Eclesiástica do Povo Inglês* mencionam diretamente estes fatos, não sendo possível haver uma “constituição” do reino propriamente. Esta pouca menção muito tem ligação, chamando atenção novamente, ao espaço de escrita das duas fontes, vindas respectivamente de Wessex e Nortúmbria. A posição do reino de Mércia nestas produções historiográficas é a de um claro antagonismo, justificando as faltas de informações em relação a formação do reino.



655: [...] Do início do mundo até agora se passaram cinco mil e oitocentos e cinquenta invernos, quando Peada, o filho de Penda, assumiu ao governo dos Mércios. Em seu tempo veio junto a ele Oswy, irmão do Rei Oswald, e disse, que eles deveriam erguer uma igreja para a glória de Cristo, e honrar a São Pedro. E eles o fizeram e deram o nome de Medhamsted; porque uma já havia ali, chamado Meadswell. E eles começaram a parede do chão e escreveram sobre isso; depois disto eles comprometeram o trabalho a um monge, do qual o nome era Saxulf. Ele era muito amigo de Deus, e ele também era amado por todas as pessoas. Ele foi nobremente nascido no mundo, e era rico; ele é agora muito mais rico que Cristo; Mas o Rei Peada não reinou, por que ele tinha sido traído por sua própria rainha em Easter-tide. Este ano Ithamar, Bispo de Rochester, foi consagrado *Deus-dedit* para Canterbury, no vigésimo sexto dia de março. (*ASC*, p. 1, 655)<sup>98</sup>

Desta forma, como aconteceu no reino da Nortúmbria e em Ânglia Oriental, muitos reis não conseguiam continuar a estabilidade política, este é o caso de Peada que já ao assumir é traído dentro de sua própria corte. Peada de Mércia não fica sequer um ano no poder do reino de Mércia, sendo ele substituído por seu irmão, em 656. Para este acontecimento a construção da catedral antes prometida por Peada a Oswy é relatada detalhadamente no ano fragmento de 656 da *Crônica Anglo-Saxônica*. Isto pode ser levado em conta que este acontecimento foi de extrema importância aos povos anglo-saxões como um todo, uma vez que é feito uma narrativa minuciosa por parte dos escritores da *Crônica* para o descrever. Esta construção da catedral remete, possivelmente a uma dívida política com Oswy da Nortúmbria, pois de acordo com Hindley (2006, p. 344) a supremacia de Nortúmbria sobre Mércia esteve presente entre os anos 656 e 658. Esta supremacia é feita a partir do próprio Oswy da Nortúmbria, sendo confirmada pela clássica leitura do livro *Anglo-Saxon England* de Sir Frank Stenton (1971, p. 84) onde o autor diz que “Oswiu se tornou soberano, não apenas dos Mércios, mas de todos os povos ingleses do sul”<sup>99</sup>.

Um fragmento curioso da *Crônica Anglo-Saxônica* é o de 656. Extenso, o fragmento conta em detalhes – vindos provavelmente de uma fonte escrita desconhecida, predecessora a escrita da própria *Crônica* – a construção de uma catedral nos territórios de Mércia, envolvendo personagens como Wulfhere de Mércia e outros reis anglo-saxões. Não traremos

<sup>98</sup> A.D. 655. [...] From the beginning of the world had now elapsed five thousand eight hundred and fifty winters, when Peada, the son of Penda, assumed the government of the Mercians. In his time came together himself and Oswy, brother of King Oswald, and said, that they would rear a minster to the glory of Christ, and the honour of St. Peter. And they did so, and gave it the name of Medhamsted; because there is a well there, called Meadswell. And they began the groundwall, and wrought thereon; after which they committed the work to a monk, whose name was Saxulf. He was very much the friend of God, and him also loved all people. He was nobly born in the world, and rich: he is now much richer with Christ. But King Peada reigned no while; for he was betrayed by his own queen, in Easter-tide. This year Ithamar, Bishop of Rochester, consecrated Deus-dedit to Canterbury, on the twenty-sixth day of March.

<sup>99</sup> Oswiu became the overlord, not only of the Mercians, but of all the southern English peoples.

aqui o fragmento completo, mas traremos partes específicas, já que sua narrativa possui momentos até então incomuns na escrita da *Crônica Anglo-Saxônica*. Neste fragmento, inclusive, é notória a presença de diálogos envolvendo os personagens, onde em nosso recorte temporal de pesquisa sobre a perspectiva da *Crônica*, é o único fragmento do século VII com este tipo de narrativa.

656: Neste ano Peada foi morto; e Wulfhere, filho de Penda, o sucedeu no reino dos Mércios. Em seu tempo cresceu a abadia de Medhamsted, muito rica, do qual seu irmão a começou. O rei amou isto muito, pelo amor de seu irmão Peada, pelo amor de seu meio-irmão Oswy e pelo amor de Saxulf, o abade. Ele disse, assim sendo, que ele dignificaria e honraria isto pelo conselho de seus irmãos, Ethelred e Merwal; pelo conselho de suas irmãs, Kyneburga e Kyneswitha; pelo conselho de todos seus pares, instruídos e lúbricos, que haviam em seu reino. E então ele o fez. Então mandaram o rei atrás da abadia, da qual ele deveria ter ido imediatamente a ele. E então ele o fez. Então, disse o rei ao abade: “Amado Saxulf, eu mantenho através de vós pela bondade de minha alma; e eu claramente direi a vós o porquê. Meu irmão Peada e seu amado irmão Oswy começaram uma catedral; pelo amor de Cristo e São Pedro: mas meu irmão, como Cristo o desejou, partiu desta vida; eu assim sendo tratarei a vós; amado amigo; que eles com sinceridade prossigam com seu trabalho; e eu acharei prata e ouro para vós, terra e possessões, e tudo que lhe diz respeito” Então eles foram a abadia, e começaram a trabalhar. Assim ele se apressou, como Cristo o permitiu; então em alguns anos a catedral estava pronta. Assim, quando o rei ouviu isso, ele estava muito satisfeito; mandou homens através de toda a nação, atrás de todos seus nobres, atrás de seu arcebispo, atrás de seus bispos, atrás de seus *earls*<sup>100</sup> e atrás de todos amados por Deus; dos quais deveriam vir à Ele. E Ele previu o dia quando os homens deveriam santificar a catedral; Enquanto eles estavam santificando a catedral, havia o rei, Wulfere e seu irmão Ethelred, e suas irmãs, Kyneburga e Kyneswitha. A catedral foi santificada pelo Arcebispo Deusdedit de Canterbury, pelo Bispo de Rochester, Ithamar, pelo Bispo de Londres, que era chamado de Wina, pelo Bispo dos Mércios, do qual seu nome era Jeruman e pelo Bispo Tuda. E ali estava Wilfrid, padre, que antes era bispo; e ali estavam todos seus nobres que haviam no reino. (ASC, p. 1, 656)<sup>101</sup>

<sup>100</sup> Alguns nomes como *earls* ou *alderman* foram mantidos na língua inglesa. Esta manutenção do nome é metodológica, uma vez que os nomes em português, sendo “conde” para *earl* e “conselheiro” para *alderman* não necessariamente determinam a posição real do nome em inglês para as estruturas políticas dos reinos anglo-saxões. Em outros momentos, a palavra “conselheiro” aparece junto as traduções da *Crônica*, mas isto é feito em decorrência de que nestes momentos ela traduz a palavra *councilor*, com um sentido político completamente distinto do *alderman*. De acordo com Campbell (1986, p. 131) as posições reais variavam não somente de reino para reino, mas também entre diferentes reinados de um mesmo reino, procuramos padronizar estas posições junto a *Crônica*, assim escolhendo não traduzir determinadas posições reais por possuírem justamente este sentido distinto.

<sup>101</sup> This year was Peada slain; and Wulfhere, son of Penda, succeeded to the kingdom of the Mercians. In his time waxed the abbey of Medhamsted very rich, which his brother had begun. The king loved it much, for the love of his brother Peada, and for the love of his wed-brother Oswy, and for the love of Saxulf the abbot. He said, therefore, that he would dignify and honour it by the counsel of his brothers, Ethelred and Merwal; and by the counsel of his sisters, Kyneburga and Kyneswitha; and by the counsel of the archbishop, who was called Deus-dedit; and by the counsel of all his peers, learned and lewd, that in his kingdom were. And he so did. Then sent the king after the abbot, that he should immediately come to him. And he so did. Then said the king to the abbot: "Beloved Saxulf, I have sent after thee for the good of my soul; and I will plainly tell

E a narrativa continua em relação à construção da catedral. O objeto que chama a atenção na construção desta narrativa é a mudança no que se refere à simples descrição dos acontecimentos, o que era comum até então. No entanto, é certo que toda a construção da narrativa referente ao ano de 656 da *Crônica* foi uma construção feita pelos escritores de nossa fonte. Geoffrey Hindley sugere que

A supremacia de Nortúmbria sobre Mércia durou ao menos três anos. Em 657/8 um golpe por um grupo de nobres reestabeleceu a independência do reino sob o irmão de Peada, Wulfere. Agindo no conselho de suas irmãs Cyneburh e Cyneswith, seu irmão o futuro rei Ethelred (674 – 704) e o Arcebispo Deus-dedit de Canterbury, para citar apenas alguns exemplos, ele confirmou a fundação da Catedral de Medeshamstede. A entrada da *Crônica* destes eventos é imprecisa sobre as amorosas trocas entre Saxulf e o rei, que aprovou não só todas as coisas que o abade queria, mas todas as coisas que o rei sabia que ele queria. [...] O quanto de tudo isto realmente aconteceu nós não sabemos com certeza: tais “relatos criativos” e duvidosos eram de se esperar no arquivo de qualquer igreja bem administrada. (2006, p. 344)<sup>102</sup>

A mudança na narrativa, assim, pode ser justificada pela construção da catedral ser um objeto santificado. Como Hindley sugere, a relação entre a Coroa de Mércia, sob o governo de Wulfere, e a Igreja estava boa o suficiente para a construção da catedral. Inclusive a proximidade de Wulfere com o arcebispo Saxulf pode ter facilitado a construção, que seria um objeto influente tanto para o rei quanto para o bispo neste tipo de relação de poder. Mas ainda nos atentamos que a descrição destes detalhes são, em geral, construções da narrativa. Ao

---

thee for why. My brother Peada and my beloved friend Oswy began a minster, for the love of Christ and St. Peter: but my brother, as Christ willed, is departed from this life; I will therefore intreat thee, beloved friend, that they earnestly proceed on their work; and I will find thee thereto gold and silver, land and possessions, and all that thereto behoveth." Then went the abbot home, and began to work. So he sped, as Christ permitted him; so that in a few years was that minster ready. Then, when the king heard say that, he was very glad; and bade men send through all the nation, after all his thanes; after the archbishop, and after bishops: and after his earls; and after all those that loved God; that they should come to him. And he fixed the day when men should hallow the minster. And when they were hallowing the minster, there was the king, Wulfere, and his brother Ethelred, and his sisters, Kyneburga and Kyneswitha. And the minster was hallowed by Archbishop Deusdedit of Canterbury; and the Bishop of Rochester, Ithamar; and the Bishop of London, who was called Wina; and the Bishop of the Mercians, whose name was Jeruman; and Bishop Tuda. And there was Wilfrid, priest, that after was bishop; and there were all his thanes that were in his kingdom.

<sup>102</sup> Northumbrian supremacy in Mercia lasted barely three years. In 657/8 a putch by a group of ealdormen re-established the kingdom's independence under Peada's brother Wulfere. Acting on the advice of his sister Cyneburh and Cyneswith, his brother the future king Æthelred (674 – 704) and of Archbishop Deusdedit of Canterbury, to name but a few, he confirmed the foundation of the minster at Medehamstede. The *Chronicle's* entry on these events has fly-on-the-wall accuracy about the loving exchanges between Bishop-Abbot Seaxwulf and the king, who approved not only all the things the abbot wanted but all the things the king knew that he wanted. [...] How much if any of this happened we cannot possibly know for sure: such “creative accounts” and dubious charters were to be expected in the archive of any well-managed church establishment.

percebermos estas construções, o caráter de historicidade dela entra em sintonia com seu gênero literário. Esta construção é tanto historiográfica quanto literária, no que se refere à sua narrativa – e neste caso, exclusivamente a ela. Quando relacionados ao texto quando aparece como artefato literário, voltamos novamente a White para explicar estes eventos. Segundo o autor “os acontecimentos são *convertidos* em estória pela supressão ou subordinação de alguns deles e pelo realce de outros, por caracterização, repetição do motivo, variação do tom e do ponto de vista, estratégias descritivas alternativas e assim por diante” (2001, p. 100). Sobretudo no que corresponde ao ano de 656 na *Crônica Anglo-Saxônica*. O tom da narrativa, junto a sua própria construção, estão claramente presentes neste fragmento. Conforme Hindley citou, não podemos saber quando ou como estas construções foram feitas, mas sabemos que é uma tática estratégia da narrativa para citar – para neste caso, tentar descrever o acontecimento e o relacionar com a religião cristã – o acontecimento que parte de uma santificação da catedral.

Voltando a analisar o reino de Mércia na *Crônica Anglo-Saxônica*, a próxima menção ao reinado de Wulfhere é no ano de 661.

661: Neste ano, na Páscoa, Kenwal lutou em Pontesbury; e Wulfere, o filho de Penda, o perseguiu até Ashdown. Cuthred, o filho de Cwichelm, e o rei Kenbert, morreram em um ano. Através da Ilha de Wight também Wulfere, o filho de Penda, a penetrou e transferiu seus habitantes para Ethelwald, rei de Sussex, porque Wulfere o adotou em batismo. E Eoppa, um padre de massas, pelo comando de Wilfried e do rei Wulfere, foi o primeiro dos homens que trouxe o batismo para as pessoas da Ilha de Wight. (*ASC*, p. 1, 661)<sup>103</sup>

Este fragmento sugere que Wulfhere<sup>104</sup> continua a expansão militar que seu pai anteriormente havia impregnado. No entanto, Wulfhere possui um fator mais determinante que Penda, ao ser mais mencionado na *Crônica*. Como o fragmento de 661 sugere, Wulfhere procurou legitimar sua expansão através do viés cristão. Talvez este seja o principal motivo de Wulfhere ter sido citado mais vezes dentro da na *Crônica* que seu pai. A expansão de Wulfhere não se voltou simplesmente à ilha de Wight, de acordo com Hindley:

<sup>103</sup> A.D. 661. This year, at Easter, Kenwal fought at Pontesbury; and Wulfere, the son of Penda, pursued him as far as Ashdown. Cuthred, the son of Cwichelm, and King Kenbert, died in one year. Into the Isle of Wight also Wulfere, the son of Penda, penetrated, and transferred the inhabitants to Ethelwald, king of the South-Saxons, because Wulfere adopted him in baptism. And Eoppa, a mass-priest, by command of Wilfrid and King Wulfere, was the first of men who brought baptism to the people of the Isle of Wight.

<sup>104</sup> A grafia dos nomes pode variar dentro da escrita da *Crônica Anglo-Saxônica*, entretanto eles se refere à mesma pessoa. Isto não acontece somente no caso de Wulfhere, mas é recorrente durante todo o documento. Mais informações podem ser vistas nos estudos lexicais de Janet Bately. BATELY, Janet. **The Anglo-Saxon Chronicle: texts and textuals relationships**. Reading: University of Reading, 1991.

O rei Wulfhere invadiu a Ilha de Wight através de Wessex em 661, descartou todas as terras de Lindsey, vendeu a sé de Londres para um bispo nascido Franco e subordinou o rei de Essex e o governante menor de Surrey para seu governo. Provavelmente seu presente de Wight para o rei de Sussex foi de importância para a aceitação final do rei da cristandade como pregava St Wilfrid. Obtendo poder e dominância nesta escala através da ilha poderia fazer de Wulfhere um candidato para ser numerado entre a lista de governantes de Beda que mantiveram um *imperium*, ou as *bretwaldas* da *Crônica Anglo-Saxônica*. (2001, p. 344)<sup>105</sup>

Nesta sequência podemos perceber a importância de dois fatores. O primeiro o destaque da Ilha de Wight dentro do mapa da cristianização feito por Wulfhere e outro o próprio aumento expansão do processo de cristianização, saindo do reino de Mércia para outros reinos. Já no lado político, Sarah Zaluckyj no capítulo *Cearl, Penda and Wulfhere* do livro *Mercia: the anglo-saxon kingdom of central England* argumenta que “o poder de Wulfhere no sul da Inglaterra eventualmente removeu a influência de Oswiu [...] em 665, Wulfhere, assim como era rei de Mércia era soberano em Essex [...]”<sup>106</sup> (2001, p. 38), além disto, a mesma autora afirma que “Wulfhere decidiu invadir Nortúmbria em 674 para combater esta ameaça (a de Oswy)”<sup>107</sup> (2001, p. 39). As análises de Zaluckyj estão muito mais voltadas a uma visão política dos acontecimentos, verificando em que nível o poder de Wulfhere de Mércia se coloca em relação aos outros reinos. No outro lado, Geoffrey Hindley e mesmo Barbara Yorke procuram visualizar a chegada de Wulfhere junto ao viés da cristianização.

É fato que Wulfhere tenha ignorado os outros territórios encontrados para sua cristianização, priorizando a Ilha de Wight, o que poderia indicar, além da expansão da cristandade, a resistência de certos grupos da Ilha de Wight para a cristianização na metade do século VII. Este fato também é percebido por Yorke (2003, p. 105) onde , que afirma que “ao contrário de seu pai, Wulfhere era cristão e orientou a conversão de Mércia e um número de áreas adjacentes”<sup>108</sup>.

O sucessor de Wulfhere no trono de Mércia foi Ethelred. O fragmento da *Crônica Anglo-Saxônica* que traz a morte de Wulfhere também é um fragmento que possui uma

<sup>105</sup> King Wulfhere invaded the Isle of Wight through Wessex in 661, disposed of lands in Lindsey, sold the see of London to a Frankish-born bishop, and subjected the king of Essex and the minor ruler of Surrey to his rule. Probably his presentation of Wight to the king of the South Saxons was as important in that king's final acceptance of Christianity as the preached of St. Wilfrid. Wielding power and influence on this scale throughout the island would seem to make Wulfhere a candidate to be numbered among Bede's list of rulers who wielded the *imperium*, the *bretwaldas* of the *Anglo-Saxon Chronicle*.

<sup>106</sup> Wulfhere's power in southern England eventually eclipsed Oswiu's influence [...] By 665, Wulfhere, as well as being king of Mercia, was overlord of Essex.

<sup>107</sup> Wulfhere decided to invade Northumbria in 674 to counter this threat.

<sup>108</sup> Unlike his father, Wulfhere was a Christian and oversaw the conversion of Mercia and a number of her subject areas.

narrativa diferente, onde ele está relacionado diretamente com a construção da catedral de Medhamested.

675: Neste ano Wulfere, o filho de Penda, e Escwin, o filho de Cenfus, lutaram em Bedwin. No mesmo ano morreu Wulfere, e Ethelred o sucedeu no governo. Em seu tempo, ele mandou Wilfrid, para Roma e para o Papa que era chamado de Agatão, e o disse por palavra e por carta como seus irmãos Peada e Wulfere, e seu abade Saxulf tinham moldado uma catedral, chamada Medhamested; e eles tinham a libertado contra o rei e contra o bispo, desde qualquer serviço; ele o pediu para que ele confirmasse isso com sua escrita e sua benção. (*ASC*, p. 1, 675)<sup>109</sup>

O fragmento continua com a carta do Papa Agatão sobre a construção da catedral de Medhamested. Nos atentaremos aqui, à mudança no reinado de Mércia. Percebemos, a partir disto, que Wulfere morre no mesmo ano em que batalha. O governo de Mércia é passado então a seu irmão, Ethelred que .

Ethelred continua a expansão do território de Mércia sobre os outros reinos, conforme seu irmão mais velho Wulfere o fez, assim como seu pai, Penda. Esta expansão tem o reino da Nortúmbria como inimigo comum, entretanto, na passagem de 675, é demonstrada o domínio de Mércia sobre as terras de Kent.

676: Neste ano Hedda sucedeu ao bispado, Escwin morreu e Centwin obteve o governo de Wessex. Centwin era filho de Cynegils, Cynegils de Ceolwulf. Ethelred, rei dos mércios, neste meio-tempo tomou as terras de Kent. (*ASC*, p. 1, 676)<sup>110</sup>

Tanto a historiadora Barbara Yorke (2003, p. 105) quanto o anglo-saxonista Geoffrey Hindley (2006, p. 344-350) sugerem que o governo de Ethelred foi extremamente autoritário e expansivo ao que se conhece de moldes políticos ados governos anglo-saxões da época. Yorke afirma que a autoridade de Ethelred foi executada para expurgar a soberania de Nortúmbria sobre Mércia. A historiadora inclusive chega a mencionar que “sua vitória contra Egfrith da Nortúmbria em 679 na batalha do rio Trent terminou com a soberania de Nortúmbria ao sul do

<sup>109</sup> A.D. 675. This year Wulfere, the son of Penda, and Escwin, the son of Cenfus, fought at Bedwin. The same year died Wulfere, and Ethelred succeeded to the government. In his time sent he to Rome Bishop Wilfrid to the pope that then was, called Agatho, and told him by word and by letter, how his brothers Peada and Wulfere, and the Abbot Saxulf, had wrought a minster, called Medhamsted; and that they had freed it, against king and against bishop, from every service; and he besought him that he would confirm it with his writ and with his blessing.

<sup>110</sup> A.D. 676. This year, in which Hedda succeeded to his bishopric, Escwin died; and Centwin obtained the government of the West- Saxons. Centwin was the son of Cynegils, Cynegils of Ceolwulf. Ethelred, king of the Mercians, in the meantime, overran the land of Kent.

Humber” (2003, p. 105)<sup>111</sup>. Esta menção aparece na *Crônica Anglo-Saxônica*.

679: Neste ano Elwin foi morto, perto do rio Trent, no lugar onde Everth e Ethelred lutaram. Neste ano também morreu St. Etheldritha; e o monastério de Condingham foi destruído por fogo dos céus. (ASC, p. 1, 679)<sup>112</sup>

A luta de Ethelred contra Egfrith – onde na *Crônica* está grafado como Everth<sup>113</sup> – sugere esta expugnação da soberania de Nortúmbria sobre Mércia. A partir deste fragmento o governo dos Mércios começa a ganhar maior protagonismo dentro da *Crônica Anglo-Saxônica*.

O reinado de Ethelred entretanto, não é estável. Como conquistou muitas das terras ao sul do Humber, o reino de Mércia em fins do século VII é extenso no referente ao seu território. Esta tensão civil entre os habitantes subordinados ao reino de Mércia é exposta dentro da *Crônica Anglo-Saxônica* no fragmento de 697. “697: Neste ano os Soutúmbrios assassinaram Ostritha, a rainha de Ethelred, irmã de Everth.” (ASC, p. 1, 697)<sup>114</sup> Esta tensão ganha proporções maiores, especificamente no ano de 697, onde a rainha de Ethelred é morta. A *Crônica Anglo-Saxônica* ao creditar a morte aos Soutúmbrios, sugere esta tensão, pois quase todo território ao sul do estuário do Humber pertencia, então, ao reino de Mércia, graças às expansões lideradas por Penda de Mércia, Wulfhere de Mércia e o próprio Ethelred de Mércia. Esta tensão interna no reino de Mércia encontra episódios ativos no início do século VIII, conforme a *Crônica* indica:

704: Neste ano Ethelred, o filho de Penda, rei de Mércia, entrou em vida monástica, tendo reinado vinte e nove invernos; e Cenred o sucedeu no governo. (ASC, p. 1, 704)<sup>115</sup>

As divergências internas continuam com a abdicação de Ethelred. Os seus dois sucessores Cenred e Ceolred, não encontram um governo estável e um ambiente forte o suficiente para seu governo e sua expansão. De acordo com Yorke,

[...] é claro que neste século VII, reis Mércios foram governantes

<sup>111</sup> His victory against Egfrith of Northumbria at the battle of the river Trent in 679 ended Northumbrian overlordship south of the Humber.

<sup>112</sup> A.D. 679. This year Elwin was slain, by the river Trent, on the spot where Everth and Ethelred fought. This year also died St. Etheldritha; and the monastery of Coldingham was destroyed by fire from heaven.

<sup>113</sup> Voltamos novamente aos estudos lexicais de Janet Bately. BATELY, Janet. **The Anglo-Saxon Chronicle: texts and textuals relationships**. Reading: University of Reading, 1991.

<sup>114</sup> A.D. 697. This year the Southumbrians slew Ostritha, the queen of Ethelred, the sister of Everth.

<sup>115</sup> A.D. 704. This year Ethelred, the son of Penda, King of Mercia, entered into a monastic life, having reigned twenty-nine winters; and Cenred succeeded to the government.

formidáveis dos quais estavam aptos a exercerem uma soberania de vasto alcance em suas bases centrais. O sucesso militar parece deitar-se sobre a base de seu poder, e não há dúvidas de que também o fizeram de outros grandes soberanos, embora possa ser significativo que apenas os reis Mércios estavam representados ao chamar contingentes militares de seus reinos adjacentes. (2003, p. 105)<sup>116</sup>

Assim, o instrumento de análise militar que Barbara Yorke nos traz, causa maior facilidade na compreensão das relações de poder anglo-saxãs, sobretudo referente ao reino de Mércia. A soberania militar, através de invasões e domínios de reinos menores, fazia com que o governo de determinado monarca fosse bem-sucedido. As tensões no reinado de Ethelred indicam justamente isto, uma vez que não é citado conflitos do rei com outros governantes, pelo menos desde 679.

Continuando na linha de instabilidade que a Coroa de Mércia vinha sofrendo desde Ethelred, o governo de Cenred foi um tanto quanto breve. De acordo com a *Crônica Anglo-Saxônica*, no ano de 709 ele foi substituído por Ceolred no trono.

709: [...] Ceolred sucedeu ao reino de Mércia. Cenred foi para Roma e Offa foi com ele. Cenred estava lá no término de sua vida. (*ASC*, p. 1, 709)<sup>117</sup>

Hindley (2006, p. 345) afirma que o monarca sofreu diversas tentativas de golpe vindas de um de seus parentes, Ethelbald, que clamava ser um parente distante de Penda. Interessante notar é que o governo de Penda, nesta época, já havia acabado há mais de cinquenta anos e ainda servia como instrumento de legitimação de reinados. Estas menções ao governo de Penda não existem na *Crônica Anglo-Saxônica* estando citadas sumariamente na *Historia Eclesiástica* de Beda, o que contribui com nossa hipótese de que Penda não é mencionado por conta de sua raiz não-cristã. Mesmo na menção à troca de governos entre Ceolred e Ethelbald, não é dita esta retomada ao governo de Penda para legitimar seu próprio reino.

716: [...] Neste mesmo ano, morreu Ceolred, rei dos Mércios. Seu corpo jaz em Lichfield; assim como Ethelred, o filho de Penda, em Bardney. Ethelbald o sucedeu no reino de Mércia, e o manteve por quarenta invernos. Ethelbald era filho de Alwy, Alwy filho de Eawa, Eawa filho de Webba, do qual a

<sup>116</sup> it is clear that these seventh-century Mercian kings were formidable rulers who were able to exercise a wide-ranging overlordship from their Midland base. Military success seems to lie at the basis of their power, as it no doubt did for the other great overlords, though it may be significant that it is only the Mercian kings who are depicted as drawing military contingents from their subject kingdoms.

<sup>117</sup> A.D. 709. Ceolred succeeded to the kingdom of Mercia. And Cenred went to Rome; and Offa with him. And Cenred was there to the end of his life.



genealogia já foi escrita. (ASC, p. 1, 716)<sup>118</sup>

A historiadora Barbara Yorke (2003, p. 111) sugere uma perspectiva alternativa à troca do governo para Ethelbald. Segundo a historiadora, houve uma quebra na dinastia real quando Ethelbald chegou ao governo, havendo assim novas linhagens reais. A linhagem de Penda, desta forma, não estaria mais presente a partir de Ethelbald. Tal hipótese é confirmada por Sir Frank Stenton, onde o autor diz que “Ceolred – um jovem devasso [...] foi o último descendente de Penda que governou em Mercia e sua morte em 716 termina com a primeira fase da história de Mércia”<sup>119</sup> (1971, p. 203). Se o governo de Ethelbald quebra ou não uma linhagem real não nos interessa aqui, pois a perspectiva aplicada a partir da *Crônica Anglo-Saxônica* não indica nenhum instrumento para novas linhagens reais. A suposta quebra da linhagem é pensada de maneira que poderia sugerir que, para os escritores da *Crônica*, o governo de Ethelbald é tão legítimo quanto os outros.

Ethelbald continua com sua autoridade política, tentando retomar os reinados de seus antecessores, encontrando finalmente uma estabilidade política durante seu reinado. De acordo com a *The Wiley Blackwell Encyclopedia of the Anglo-Saxon England*, é sugerido que o governo de Ethelbald consegue encontrar a estabilidade obtida em fins do século VII (2014, p. 13-14), esta estabilidade é remetida também em questão de seu longo reinado, que durou quarenta anos. Uma outra característica do governo de Ethelbald de Mércia é que durante seu reinado uma das mais célebres fontes para estudar a história anglo-saxônica anterior a Alfredo foi compilada. Conforme trazido por Hindley (2006, p. 345), a *Vida de St. Guthlac* começa a ser compilada, enquanto Guthlac ainda estava vivo em finais da década de 710, em um remoto santuário dentro do reino de Mércia, perto da fronteira com o reino da Ânglia Oriental.

Conforme Segundo a *The Wiley Blackwell Encyclopedia of the Anglo-Saxon England* sugere (2014, p. 14), é no governo de Ethelbald que os Mércios conseguem ter controle total de Londres. Isto seria uma ferramenta ativa para a retomada da soberania de Mércia ao sul do Humber e para a autoridade política do próprio Ethelbald, dada a importância política da cidade de Londres desde a época dos romanos.

A autoridade de Ethelbald faz com que Mércia volte a se tornar o reino com mais poderio dentre os anglo-saxões do século VIII. Hindley sugere que

<sup>118</sup> A.D. 716. [...] This same year died Ceolred, king of the Mercians. His body lies at Lichfield; but that of Ethelred, the son of Penda, at Bardney. Ethelbald then succeeded to the kingdom of Mercia, and held it one and forty winters. Ethelbald was the son of Alwy, Alwy of Eawa, Eawa of Webba, whose genealogy is already written.

<sup>119</sup> Ceolred – a dissolute youth [...] was the last descendant of Penda to rule in Mercia, and his death in 716 ends the first phase of Mercian history.

Perto do ano de 732 Æthelbald foi o governante de saxões do leste, anglos do leste, saxões do oeste, das “pessoas que moram a leste do rio Severn”, do reino de Hwicce, Lindsey, da Ilha de Wight e de saxões do sul. [...] Escrituras reais Mércias do ano de 736 descrevem Æthelbald como “rei” de todas as “províncias” conhecidas como Sutangli, e em escrituras deste mesmo ano ele aparece como *Rex Britanniae*, presumivelmente o latim equivalente para *bretwalda*. (2006, p. 350)<sup>120</sup>

Esta passagem de Geoffrey Hindley é claramente influenciada pela clássica obra *Anglo-Saxon England* de Sir Frank Stenton, onde o autor afirma que

Beda, escrevendo em 731, afirma que todas as “províncias” inglesas do sul do Humber estão submissas a Æthelbald e em muitas de suas cartas posteriores ele usa títulos que enfatizam sua supremacia. O mais marcante destes estilos ocorre em uma carta de 736 em que ele (Beda) o chama de *rex Britanniae* – uma frase que pode somente ser interpretada como um equivalente latim do título inglês *Bretwalda*. No ápice de seu poder Æthelbald foi o chefe de uma confederação que inclui Kent, Wessex e vários outros reinos entre o Humber e o Channel. (1971, p. 203)<sup>121</sup>

O governo de Ethelbald, desta forma, toma proporções que os governantes anteriores não atingiram. Em relação a Ethelbald na *Crônica Anglo-Saxônica* percebemos menções nos fragmentos dos anos de 733, 737, 740, 742, 743, 752 e durante sua morte, em 756. Todas estas menções relatam batalhas e conflitos que Ethelbald esteve envolvido.

733: Neste ano Ethelbald tomou Somerton; houve um eclipse do sol e Acca foi retirado de seu bispado. (*ASC*, p. 1, 733)<sup>122</sup>

737: [...] Neste mesmo ano Ethelbald devastou a terra dos Nortúmbrios. (*ASC*, p. 1, 737)<sup>123</sup>

740: Neste ano morreu o rei Ethelhard e Cuthred, seu parente, o sucedeu no reino de Wessex, do qual ele o manteve por catorze invernos, durante este tempo ele lutou muitas batalhas difíceis com Ethelbald, o rei dos Mércios.

<sup>120</sup> About the year 732, Æthelbald was the overlord of the East Saxons, East Angles, the West Saxons, the “people who dwell to the west of the River Severn”, the kingdoms of the Hwicce, and Lindsey, the Isle of Wight and the South Saxons. [...] A Mercian royal charter of 736 describes Æthelbald as “king” of all the “provinces” known as the Sutangli; and in a charter of this same year he features as *Rex Britanniae* presumably a Latin equivalent for *bretwalda*.

<sup>121</sup> Bede, writing in 731, states that all the English ‘provinces’ south of the Humber were subject to Æthelbald, and in many of his later charters he uses titles which emphasize this supremacy. The most remarkable of these styles occurs in a charter of 736 which calls him *rex Britanniae* – a phrase which can only be interpreted as a Latin rendering of the English title *Bretwalda*. At the height of his power Æthelbald was the head of a confederation which included Kent, Wessex, and every other kingdom between the Humber and the Channel.

<sup>122</sup> A.D. 733. This year Ethelbald took Somerton; the sun was eclipsed; and Acca was driven from his bishopric.

<sup>123</sup> A.D. 737. The same year also Ethelbald ravaged the land of the Northumbrians.

(ASC, p. 1, 740)<sup>124</sup>

742: Neste ano havia-se montado um grande sínodo em Cliff's-Hoo; e lá estava Ethelbald, rei de Mércia com o arcebispo Cuthbert, e muitos outros homens sábios. (ASC, p. 1, 742)<sup>125</sup>

743: Neste ano Ethelbald, rei de Mércia e Cuthred, rei de Wessex, lutaram com os galeses. (ASC, p. 1, 743)<sup>126</sup>

752: Neste ano, o vigésimo de seu reinado, Cuthred, rei de Wessex, lutou em Burford com Ethelbald, rei dos Mércios e o colocou para fugir. (ASC, p. 2, 752)<sup>127</sup>

A expansão de Ethelbald, desta forma, é mostrada na *Crônica Anglo-Saxônica*, envolvendo-o em diversas batalhas contra os galeses ou mesmo contra os reinos anglo-saxões vizinhos. Uma curiosidade é que ao relatar a narrativa das batalhas entre Wessex e Mércia, os escritores da *Crônica Anglo-Saxônica* sempre colocam os reis de Wessex como personagens principais da narrativa. Como já mencionamos outras vezes, isto se deve ao fato da escrita da *Crônica* se dar no próprio reino de Wessex, priorizando assim, o seu ponto de vista.

A morte de Ethelbald acontece no ano de 756. Em seu lugar assume um dos reis que mais possuíram visibilidade dentro do reino, Offa de Mércia. Offa não assume o governo de imediato, entre Ethelbald e Offa, ainda reinou durante um curto período de tempo um rei chamado Bernred, conforme a *Crônica* relata:

756: No mesmo ano Ethelbald, rei dos Mércios, foi morto em Seckington; e seu corpo jaz em Repton. Ele reinou quarenta e um anos; e Bernred o sucedeu ao reino, do qual ele o manteve por pouco tempo sem prosperar; no mesmo ano o rei Offa o afugentou e assumiu o governo; do qual ele manteve trinta e nove anos. Seu filho Everth o manteve por cento e quarenta dias. Offa era filho de Thingferth, Thingferth de Enwulf, Enwulf de Osmod, Osmod de Eawa, Eawa de Webba, Webba de Creoda, Creoda de Cenwald, Cenwald de Cnebba, Cnebba de Icel, Icel de Eomer, Eomer de Angelthew, Angelthew de Offa, Offa de Wermund, Wermund de Withler, Witley de Woden. (ASC, p. 2, 756)<sup>128</sup>

<sup>124</sup> A.D. 740. This year died King Ethelhard; and Cuthred, his relative, succeeded to the West-Saxon kingdom, which he held fourteen winters, during which time he fought many hard battles with Ethelbald, king of the Mercians.

<sup>125</sup> A.D. 742. This year there was a large synod assembled at Cliff's-Hoo; and there was Ethelbald, king of Mercia, with Archbishop Cuthbert, and many other wise men.

<sup>126</sup> A.D. 743. This year Ethelbald, king of Mercia, and Cuthred, king of the West-Saxons, fought with the Welsh.

<sup>127</sup> A.D. 752. This year, the twelfth of his reign, Cuthred, king of the West-Saxons, fought at Burford with Ethelbald, king of the Mercians, and put him to flight.

<sup>128</sup> A.D. 756. [...] The same year Ethelbald, king of the Mercians, was slain at Seckington; and his body lies at Repton. He reigned one and forty years; and Bernred then succeeded to the kingdom, which he held but a little while, and unprosperously; for King Offa the same year put him to flight, and assumed the government; which he held nine and thirty winters. His son Everth held it a hundred and forty days. Offa was the son of Thingferth, Thingferth of Enwulf, Enwulf of Osmod, Osmod of Eawa, Eawa of Webba, Webba of Creoda,

Offa se tornou conhecido dentro do mundo anglo-saxão, principalmente por sua pela consolidação da soberania do reino de Mércia. De acordo com Hindley (2006, p. 334) “Offa pode ter completado um processo de consolidação de Mércia começado pelo rei Æthelbald (716 – 757)”<sup>129</sup>. Fora a consolidação política do reino de Mércia dentro do contexto das relações de poder anglo-saxãs, Offa também parece ter influenciado na geografia da própria Inglaterra, com a construção do *Offa's dyke*, ou o dique de Offa. A construção do dique tem, em caráter político, uma importância muito grande no vocabulário popular dos ingleses., a construção deste dique pode ser comparada à *muralha de Adriano* dentro da geografia inglesa, uma vez que ambas as construções têm o objetivo de definição de fronteiras. A construção do dique de Offa foi um instrumento bélico e de definição de fronteiras com os galeses, conforme Charles-Edwards afirma, “o dique de Offa foi uma estrutura defensiva e não se limitou meramente à fronteira [...] ele foi desenhado para manter um poder constantemente hostil na baía, acima de tudo da área central da fronteira, área que estava sobre anglicização completa” (2001, p. 97)<sup>130</sup>. O dique, assim, também possui um caráter político neste cenário. O interessante da construção do dique é que sua intenção além de ser política e militar, é também étnica, já que, conforme a expansão de Offa percorreria as áreas que então pertenciam os galeses, ela deveria se consolidar através de alguma forma. Uma outra passagem interessante é sobre a definição da etnia “galesa” em substituição a etnia “bretã”. Este debate é muito pertinente aos historiadores do mundo bretão, uma vez que é esta mudança identitária de bretões a galeses que vai definir etnicamente reinos galeses ativos, como Powys e Gwynedd, consolidados posteriormente em nos séculos XI e XII.<sup>131</sup> O dique de Offa até hoje é conhecido como o último refúgio dos galeses, dos quais se mantiveram reclusos da construção do dique em diante.

Voltando às visões do governo de Offa na *Crônica Anglo-Saxônica*, um fragmento que

---

Creoda of Cenwald, Cenwald of Cnebba, Cnebba of Icel, Icel of Eomer, Eomer of Angelthew, Angelthew of Offa, Offa of Wermund, Wermund of Witley, Witley of Woden.

<sup>129</sup> Offa may be said to have completed a process of Mercian consolidation begun by King Æthelbald (716 – 757)

<sup>130</sup> Offa's Dyke was a defensive structure and did not merely delimit the boundary, as Fox believed; it was designed to keep an habitually hostile power at bay, above all from the central area of the frontier, the very area that was undergoing a thorough anglicization.

<sup>131</sup> John Reuben Davies (2009, p. 341-358) produz essa discussão primeiramente sobre as diferenças identitárias entre os próprios bretões que vão definir o que são os galeses que estiveram presentes no oeste da ilha britânica no período. Esta diferença identitária é consideravelmente importante para o debate sobre as fronteiras entre bretões e galeses, uma vez que os bretões estavam ocupando partes da Europa continental, formando a Bretanha Francesa. Com a formação dos povos que então se tornavam galeses a partir do século VIII, consolidou definitivamente a separação entre os bretões do continente (que continuaram a se identificar como bretões) e os da ilha, que então se estavam num processo de redefinição de sua identidade, passando em certo ponto a se identificarem como galeses.

chama atenção é o do ano de 775. O fragmento deste ano é extenso, porém, diferentemente dos outros fragmentos mais extensos da *Crônica*, dos quais sempre tiveram uma narrativa diferente perante os seus acontecimentos, este em especial manteve a narrativa tradicional da *Crônica* de descrição de acontecimentos.

775: Neste ano Cynewulf e Offa lutaram perto de Bensington; e Offa tomou posse da cidade. Nos dias deste rei, Offa, havia um abade em Medshamsted, chamado Beonna; quem este, com o consentimento de todos os monges da catedral, deixou para a fazenda, para o *alderman* Cuthbert, dez escrituras da terra em Swineshead, com fertilidades, campinas, e todas as dependências; desde que o referido Cuthbert deu ao referido abade cinquenta libras, portanto em cada ano um entretenimento por uma noite ou trinta xelins em dinheiro; forneceu também, que após sua morte as referidas terras deveriam reverter para o mosteiro. O rei, Offa, o rei Everth, o arcebispo Hibbert, o bispo Ceolwulf, o bispo Inwona, o abade Beonna e muitos outros bispos, abades e homens ricos estavam de testemunhas disso. E nos dias deste mesmo Offa, havia um *alderman*, de nome Brorda, que pediu ao rei que para seu bem libertasse seu próprio monastério, chamado Woking, porque ele deveria dar a Medhamsted, a São Pedro e ao abade que estava lá, do qual seu nome era Pusa. Pusa sucedeu Beonna e o rei o amou muito. O rei libertou o monastério de Woking, contra o rei, contra o bispo, contra o *earl* e contra todos os homens e não-homens que deveriam ter qualquer direito lá, exceto por São Pedro e o abade. Isto foi feito na cidade do rei chamada Free-Richburn. (*ASC*, p. 2, 775)<sup>132</sup>

É necessário chamar a atenção neste fragmento a diferentes fatores. O primeiro é a clássica expansão do reino de Mércia a partir de Offa, do qual é relatado pela luta entre Cynewulf de Wessex e Offa de Mércia pela cidade de Bensington. Uma das temáticas mais interessantes deste fragmento é a existência de moedas. A cunhagem de moedas foi muito presente no reinado de Offa, em comparação com reinados de outros reis. Conforme Grierson e Blackburn (1986, p. 276-282) perceberam, a cunhagem de moedas do reinado de Offa foi um objeto para legitimar seu próprio reinado. Isto se deve ao provável fato de que, conforme o fragmento de 756 retrata, Offa assume o poder tirando o antigo rei Bernred do poder. É possível visualizar a cunhagem de moedas como uma legitimação de seu reinado, uma vez

<sup>132</sup> A.D. 775. This year Cynewulf and Offa fought near Bensington, and Offa took possession of the town. In the days of this king, Offa, there was an abbot at Medhamsted, called Beonna; who, with the consent of all the monks of the minster, let to farm, to Alderman Cuthbert, ten copyhold lands at Swineshead, with leasow and with meadow, and with all the appurtenances; provided that the said Cuthbert gave the said abbot fifty pounds therefore, and each year entertainment for one night, or thirty shillings in money; provided also, that after his decease the said lands should revert to the monastery. The king, Offa, and King Everth, and Archbishop Hibbert, and Bishop Ceolwulf, and Bishop Inwona, and Abbot Beonna, and many other bishops, and abbots, and rich men, were witnesses to this. In the days of this same Offa was an alderman, of the name of Brorda, who requested the king for his sake to free his own monastery, called Woking, because he would give it to Medhamsted and St. Peter, and the abbot that then was, whose name was Pusa. Pusa succeeded Beonna; and the king loved him much. And the king freed the monastery of Woking, against king, against bishop, against earl, and against all men' so that no man should have any claim there, except St. Peter and the abbot. This was done at the king's town called Free-Richburn.

que a própria imagem de Offa está presentes nas moedas.

Outro aspecto a ser problematizado no fragmento é a intervenção do rei em assuntos que não preocupavam diretamente à Coroa. A intervenção de Offa neste caso se dá para o rei provavelmente afirmar sua imagem perante seus nobres. O interessante deste aspecto do fragmento é que o rei Offa se preocupa não apenas em divergências externas, como a expansão de seu reino, mas também com conflitos internos, atuando principalmente acima da própria Igreja, como no caso da resolução desta divergência em Medshamsted.

O governo de Offa, portanto, tende a ser uma continuidade do governo de Ethelbald. Tal continuidade tende a propor que Mércia pode ter sido um reino dominante no século VIII. Yorke sugere que

Tanto Æthelbald quanto Offa foram dominantes perante os outros reinos do sul da Inglaterra. Ao resumir a situação política em 731 quando ele completou a *História Eclesiástica*, Beda registrou que todos os reinos ao sul do Humber com seus vários reis estavam subordinados ao rei Æthelbald e Offa parece ter exercido autoridade similar. Mas o que foi mais significativo é que, para ambos os governantes e para os historiadores modernos na avaliação de seus poderes, foi o crescimento de Mércia em si. A maioria dos reinos periféricos a Mércia no século VII foram absolvidos dentro do reino de Mércia no século VIII. (2003, p. 112-113)<sup>133</sup>

Em fins de seu reinado, Offa também procurou manter alianças com outros governantes anglo-saxões. Tais alianças são mencionadas no ano de 787 da *Crônica*.

787: Neste ano o rei Bertric tomou Edburda, a filha de Offa, como esposa. (*ASC*, p. 2, 787)<sup>134</sup>

Esta aliança se deu com o reino de Wessex, do qual Bertric era rei. A indicação destas alianças podem sugerir uma possível estabilização no poder. No entanto, Offa continua sua expansão a outros reinos, o que levou a morte do então rei de Kent, Ethelbert, em 792.

792: Neste ano Offa, rei de Mércia, comanda ordena que o rei Ethelbert deveria ser decapitado; (*ASC*, p.2, 792)<sup>135</sup>

---

<sup>133</sup> Both Æthelbald and Offa were dominant over the other kingdoms of southern England. In summing up the political situation in 731 when he completed the Ecclesiastical History Bede recorded that all the kingdoms south of the Humber with their various kings were subject to King Æthelbald, and Offa seems to have exercised a similar authority. But what was more significant, both to the rulers themselves and to modern historians' assessment of their power, was the growth in size of Mercia itself. Most of the kingdoms peripheral to Mercia in the seventh century were absorbed into the kingdom of Mercia in the eighth century.

<sup>134</sup> A.D. 787. This year King Bertric took Edburga the daughter of Offa to wife.

<sup>135</sup> A.D. 792. This year Offa, King of Mercia, commanded that King Ethelbert should be beheaded;

Dada a decapitação do rei de Kent, a soberania de Mércia e Wessex sobre os reinos anglo-saxões é quase inteira completa em fins do século VIII. Conforme citado, a ascensão, sobretudo de Ethelbald de Mércia e posteriormente de Offa, leva o governo da Nortúmbria e de Kent à queda. Mércia, assim, domina as relações de poder estabelecidas nos fins do século VIII. Sua relação com Wessex não é bem estabelecida ainda nesta parte da *Crônica*, mas tende a ser uma relação extremamente turbulenta, entre alianças e conflitos.

Por fim, Mércia aparece com protagonismo no século VIII. Claro que Entretanto, visto que a *Crônica Anglo-Saxônica* foi escrita em Wessex, suas relações não são completamente claras, mas tendem ao narrar o fato de que Mércia foi teve um poder dominante e a ser combatido durante quase todo o século VIII. Finalizaremos nosso recorte com a morte de Offa, em 794.

794: Neste ano morreu o papa Adriano e também Offa, rei de Mércia, no quarto dia antes das idas de agosto, depois de ter reinado quarenta invernos. [...] Everth tomou o governo de Mércia e morreu no mesmo ano. Eadbert, do qual seu outro nome era Pryn, obteve o reino de Kent; o *alderman* Ethelherd morreu nos calendários de agosto. Neste meio tempo, os exércitos pagãos espalharam devastação entre os Nortúmbrios e saquearam o monastério do rei Everth na boca de Wear. Ali, entretanto, alguns dos líderes foram mortos e alguns de seus barcos foram divididos em pedaços pela violência do clima; muitos das hordas foram afogados e alguns que escaparam vivos para a costa foram logo executados na boca do rio. (*ASC*, p. 2, 794)<sup>136</sup>

A morte de Offa é retratada junto às expedições vikings. Assim, o reino de Mércia tende a entrar em derrocada conforme avança o século IX, fugindo de nosso recorte de pesquisa. O reino de Mércia acaba sendo um dos últimos reinos anglo-saxões remanescentes perante as expedições dos escandinavos durante o século IX, caindo pouco antes de Alfredo, o Grande, assumir o reino de Wessex e mandar compilar a *Crônica Anglo-Saxônica*, nossa fonte. Durante a década de 820, o reino de Mércia sofre duras investidas por parte do próprio reino de Wessex, que será investigado logo adiante no que se refere as suas relações de poder. Burgred de Mércia é derrotado por Ecbert de Wessex no século IX. O cenário do século IX também é resultado das relações de poder contra-hegemônicas estabelecidas entre Mércia e

<sup>136</sup> A.D. 794. This year died Pope Adrian; and also Offa, King of Mercia, on the fourth day before the ides of August, after he had reigned forty winters. Everth took to the government of Mercia, and died the same year. Eadbert, whose other name was Pryn, obtained the kingdom of Kent; and Alderman Ethelherd died on the calends of August. In the meantime, the heathen armies spread devastation among the Northumbrians, and plundered the monastery of King Everth at the mouth of the Wear. There, however, some of their leaders were slain; and some of their ships also were shattered to pieces by the violence of the weather; many of the crew were drowned; and some, who escaped alive to the shore, were soon dispatched at the mouth of the river.

Wessex no decorrer dos séculos VII e VIII.<sup>137</sup>

Assim, percebemos que as relações de poder do reino de Mércia sempre se deram a partir de influências e um jogo de poder entre os reinos anglo-saxões nos séculos VII e VIII. O reino de Mércia desta forma, exerce seu protagonismo dentro destas relações de poderatoridade política, tendo figuras desde Penda até Offa como precursoras do que se pode conceber como poder, ao referente do reino de Mércia em nosso recorte temporal a partir da perspectiva da *Crônica Anglo-Saxônica*.

### Wessex

O reino que a *Crônica Anglo-Saxônica* detém maiores detalhes, o reino de Wessex, possui suas origens melhores explicadas e mencionadas quando comparadas a outros reinos. Dada a escrita de nossa fonte na corte de Alfredo, o reino de Wessex possui uma origem mais clara quando comparadas aos reinos de Mércia e Nortúmbria que são também frequentemente mencionados dentro do documento. Um exemplo são as menções que continham uma genealogia de reis – talvez para demonstrar que Wessex fosse um reino que sempre esteve ativo ou mesmo para construir uma tradição na sucessão de poder – do século V ao VII, onde começamos nosso recorte para a pesquisa.

Neste sentido, são numerosas as menções na *Crônica Anglo-Saxônica* que vão além do *adventus* anglo-saxão na ilha no século V. Por exemplo, Wessex é diversas vezes problematizado no século VI, sobretudo em conflito com os bretões, quando os povos anglo-saxões ainda estavam tentando se estabelecer na ilha. De acordo com Yorke (1995, p. 43-51), houve um período de transição, no século VI, onde os povos anglo-saxões expandiram-se e suas populações se estabeleceram, envolvendo neste período o reino de Wessex politicamente. A historiadora argumenta que

[...] parece ter havido uma clara divisão geográfica entre as áreas sob o controle bretão e aquelas dominadas pelos governantes que clamavam uma origem germânica, dos quais deixaram sua marca na administração de Wessex nos séculos seguintes. (1995, p. 50)<sup>138</sup>

Desta forma, o século VI pode parecer para os governantes anglo-saxões de origem germânica como um século de estabelecimento do reino. Para isto, a *Crônica Anglo-Saxônica*

<sup>137</sup> Ver BLAIR, Peter Hunter. The Danish invasions. In: BLAIR, Peter Hunter. **Anglo-Saxon England**. 4. ed. Londres: The Folio Society, 1997. (A History of England).

<sup>138</sup> There seems to have been a clear geographical division between areas under British control and those dominated by rulers claiming a Germanic origin which was to leave its mark on West Saxon administration in succeeding centuries.



traz em diversos fragmentos menções referentes ao reino no século VI. Os fragmentos começam falando no ano de 514 a partir do início da expansão, onde os bretões começam a se afugentar e os anglo-saxões conseguem aplicar um estabelecimento maior. Há fragmentos de batalhas contra os bretões a partir do reino de Wessex ainda nos fragmentos de quase todo o século VI, mas é apenas no fragmento do ano de 519 que se pode perceber uma origem clara no que se refere a fundação do reino de Wessex.

519: Neste ano Cerdic e Cynric tomara o governo do reino de Wessex; no mesmo ano eles lutaram com os bretões em um lugar agora chamado de Charford. A partir daquele dia reinaram os filhos dos reis de Wessex. (*ASC*, p. 1, 519)<sup>139</sup>

É necessário entender que as menções ao reino de Wessex e seus reis, neste caso, estão claras e constantemente ativas no período entre sua fundação e o século VII, ao contrário dos outros reinos, onde muito pouco há de informação sobre suas atuações no século VI.

Já construindo junto ao nosso recorte de pesquisa, o reino de Wessex entra no século VII sob o governo de um rei chamado Ceolwulf.

597: Neste ano Ceolwulf começou a reinar sobre Wessex; ele constantemente lutou e conquistou, ora com os Anglos, ora com os galeses, os pictos ou os escotos. Ele era filho de Cutha, Cutha de Cynric, Cynric de Cerdic, Cerdic de Elesa, Elesa de Gewis, Gewis de Wye, Wye de Frewin, Frewin de Frithgar, Frithgar de Brand, Brand de Balday e Balday de Woden. (*ASC*, p.1, 597)<sup>140</sup>

Ainda para fins do século VI e início do século VII, a *Crônica Anglo-Saxônica* menciona a preocupação dos reis de Wessex com a expansão do seu reino. Neste sentido, menciona-se as diversas alianças que Ceolwulf procurou fazer, seja com os povos germânicos, os anglos, seja com os povos britânicos, envolvendo os galeses, pictos e escotos.

A expansão de Wessex, apesar de ativa não é completamente bem-sucedida, dada a subida de Penda no poder do reino de Mércia no início do século VII. A soberania de Mércia, como vista no subtópico anterior demonstrou uma consolidação política que se alonga durante os séculos VII e VIII. Entretanto, ainda no início do século VII, muito do que é registrado na

<sup>139</sup> A.D. 519. This year Cerdic and Cynric undertook the government of the West-Saxons; the same year they fought with the Britons at a place now called Charford. From that day have reigned the children of the West-Saxon kings.

<sup>140</sup> A.D. 597. This year began Ceolwulf to reign over the West- Saxons; and he constantly fought and conquered, either with the Angles, or the Welsh, or the Picts, or the Scots. He was the son of Cutha, Cutha of Cynric, Cynric of Cerdic, Cerdic of Elesa, Elesa of Gewis, Gewis of Wye, Wye of Frewin, Frewin of Frithgar, Frithgar of Brand, Brand of Balday, and Balday of Woden.

*Crônica Anglo-Saxônica* se forma em cima de batalhas contra os galeses. Estas menções têm um propósito, já que Wessex não procura retratar a refração de seu poder perante a ascensão dos Mércios.

607: Neste ano Ceolwulf lutou com os saxões do sul. Ethelfrith liderou seu exército em direção a Chester, onde ele assassinou inumeráveis anfitriões dos galeses; e assim foi cumprida a profecia de Augustino, quando ele dizia “se os galeses não terão paz com nósconosco, eles deverão cair perante as mãos dos saxões”. Ali também foi exterminado duas centenas de padres que vieram lá para orar pelo exército dos galeses. Seu líder era chamado de Brocmail, que com cerca de cinquenta homens escapou dali. (ASC, p.1, 607)<sup>141</sup>

Neste fragmento podemos notar que, apesar das batalhas entre os saxões, há também a preocupação dos outros reinos em conter o poder dos galeses, que no início do século VII ainda era uma ameaça à hegemonia anglo-saxã. As batalhas contra os galeses são constantes pelo menos até a segunda década do século VII, onde pois, a partir daí, as batalhas envolvendo os reis de Wessex eram contra a ascensão militar do próprio Penda de Mércia.

Em relação às trocas de reinados, Ceolwulf deixa de governar no ano de 611<sup>142</sup>, onde ele é substituído por Cynegils no governo do reino de Wessex.

611: Neste ano Cynegils sucedeu ao governo em Wessex e o manteve por trinta e um invernos. Cynegils era filho de Ceol, Ceol de Cutha, Cutha de Cynric. (ASC, p. 1, 611)<sup>143</sup>

O governo de Cynegils, apesar de longo, foi bravo ao resistir por diversos anos contra as investidas de Penda de Mércia, para a tomada do reino. Barbara Yorke por exemplo, argumenta que

<sup>141</sup> A.D. 607. This year Ceolwulf fought with the South-Saxons. And Ethelfrith led his army to Chester; where he slew an innumerable host of the Welsh; and so was fulfilled the prophecy of Augustine, wherein he saith "If the Welsh will not have peace with us, they shall perish at the hands of the Saxons." There were also slain two hundred priests, who came thither to pray for the army of the Welsh. Their leader was called Brocmail, who with some fifty men escaped thence.

<sup>142</sup> É importante mencionar que Ceolwulf é o último dos reis anglo-saxões a morrer como um pagão. Esta visão é profundamente esclarecida pelo Venerável Beda na *História Eclesiástica*, muito em função de que seu elo com a Igreja era muito maior que os escritores da *Crônica* tinham. O cenário de Beda também estava em volto de uma consolidação final da cristandade na ilha, enquanto no começo da escrita da *Crônica* no século IX, a cristandade já estava puramente consolidada, não chamando atenção ao passado pagão dos próprios anglo-saxões. Os pagãos deste cenário eram puramente os vikings, uma vez que eles estão em um caráter de estrangeiro em relação aos habitantes da ilha britânica. Isto provavelmente está conectado com a não-menção deste paganismo de Ceolwulf e da conversão de Cynegils, o governante posterior de Wessex durante sua vida. Esta discussão está mais esclarecida em: WOOLF, Alex. Reporting Scotland in the Anglo-Saxon Chronicle. In: JORGENSEN, Alice (org.). **Reading the Anglo-Saxon Chronicle: Language, Literature, History.** Brepols: Turnhout, 2010. p. 221-239.

<sup>143</sup> A.D. 611. This year Cynegils succeeded to the government in Wessex, and held it one and thirty winters. Cynegils was the son of Ceol, Ceol of Cutha, Cutha of Cynric.

a *Crônica Anglo-Saxônica* registra para 628 que Penda lutou com Cynegils e Cwichelm (de Gewisse) e que depois eles chegaram a um acordo. O acordo foi presumivelmente em favor de Penda, onde foram os Mércios que exerceram influência política sobre Hwicce de Gloucestershire, não os saxões de Wessex. (1995, p. 57)<sup>144</sup>

Neste sentido, Cynegils provavelmente consegue ter uma estabilidade política interna,. eEntretanto, é constantemente ameaçado por incursões militares externas, sobretudo, vindas do reino de Mércia com o objetivo de deslegitimar a influência política de Wessex em alguns reinos menores da ilha. É importante notar que poucos foram os momentos de Wessex teve soberania de poder completa dentre os reinos anglo-saxões nos séculos VII e VIII. Seu crescimento político acontece no século IX, respingando até o governo de Alfredo, que começa em fins do século IX. Esta inferioridade política que Wessex teve perante o reino de Mércia no nosso recorte, entretanto, não fica completamente clara na *Crônica Anglo-Saxônica*, dada sua parcialidade em favor de Wessex. O fragmento que Yorke problematiza possui uma narrativa muito objetiva direta, com poucos tendo detalhes sobre o acontecimento.

628: Neste ano Cynegils e Cwichelm lutaram com Penda em Cirencester, e depois disto entraram em um tratado ali. (*ASC*, p. 1, 628)<sup>145</sup>

O governo de Cynegils também obteve passos avançados em relação à cristianização do reino de Wessex. Dunn (2009, p. 106) reflete que o batismo de Cynegils veio da influência de Oswald da Nortúmbria. Além disto, para a cristianização de Wessex ser efetivada, os filhos de Cynegils e Oswald se uniram em matrimônio. Estas questões mostram que mesmo com uma política do governo de Cynegils voltada a luta contra Mércia, o rei ainda se preocupava em fazer alianças, ainda que, neste caso, se fizesse através da sua conversão à cristandade. Estas conversões acabam se tornando efetivas, por exemplo com a conversão de Mércia, após o governo de Penda e a própria conversão dos reis da Nortúmbria. A influência de Oswald ainda pode ser notada a partir de Adams (2013, p. 177-191), onde o autor reafirma estas percepções de alianças matrimoniais e cristandade. Tanto Adams quanto Dunn sugerem que estas relações políticas estabelecidas em parceria com governos vizinhos foram principalmente motivadas pelas alianças através do matrimônio, mas com pano de fundo

<sup>144</sup> The Anglo-Saxon Chronicle records for 628 that Penda fought Cynegils and Cwichelm [of the Gewisse] and that afterwards they came to terms. The terms were presumably in favour of Penda as it was the Mercians who were to exercise political influence over the Hwicce of Gloucestershire, not the West Saxons.

<sup>145</sup> A.D. 628. This year Cynegils and Cwichelm fought with Penda at Cirencester, and afterwards entered into a treaty there.

muito voltado ao crescimento da cristandade. É possível notarmos que, principalmente em finais do século VII, a cristandade já estava se mostrando presente e praticamente estabelecida nos três principais reinos anglo-saxões, Wessex, Mércia e Nortúmbria.<sup>146</sup>

Passagens voltadas ao estabelecimento da cristandade dentro da *Crônica Anglo-Saxônica* não são diretas. Isto se deve ao fato de que sua narrativa preocupa-se com a chave política. No entanto, é necessário colocar este estabelecimento, já que interfere diretamente com as problematizações em torno das relações de poder dos reinos no período.

Dentro da *Crônica Anglo-Saxônica*, continuamos a ver passagens em relação ao governo de Cynegils, principalmente nesta discussão de sua cristianização.

634: Neste ano Osric, a quem Paulino batizou, sucedeu ao governo de Deira. Ele era filho de Elfric, o sobrinho de Edwin. E para Bernícia sucedeu-se Eanfrith, filho de Ethelfrith. Neste ano também o bispo Birinus pela primeira vez pregou o batismo aos Saxões do oeste, sobre o Rei Cynegils. E o dito Birinus foi lá sob o comando do Papa Honório; e ele foi bispo lá até o fim de sua vida. Oswald também neste ano sucedeu ao governo dos Nortúmbrios, e reinou nove invernos. (*ASC*, p. 1, 634)<sup>147</sup>

635: Neste ano o rei Cynegils foi batizado pelo bispo Birinus em Dorchester; Oswald, rei dos Nortúmbrios, foi seu padrinho. (*ASC*, p. 1, 635)<sup>148</sup>

Esta cristianização em Wessex se mostra como um instrumento muito efetivo. Quando Cynegils morre e seu filho o sucede no governo, a *Crônica Anglo-Saxônica* sugere que o herdeiro do trono ordena a construção de igrejas. Tal ação reflete como a política, neste caso, se mantém próxima da cristandade para buscar suas legitimações. A própria *Crônica Anglo-Saxônica*, apesar de colocar uma distinção terminológica entre as duas esferas de poder, não as separa completamente. Para os contemporâneos da escrita da *Crônica Anglo-Saxônica* no século IX as duas esferas de poder não são completamente separadas e são co-existentes. Esta problematização pode ser notada no fragmento refere ao ano de 643.

643: Neste ano Kenwal sucedeu ao reino de Wessex e o manteve por trinta e um invernos. Este Kenwal ordenou que a velha igreja de Winchester fosse

<sup>146</sup> Informações sobre o crescimento da cristandade podem ser percebidas sobretudo no terceiro capítulo em BLAIR, John. *The church in the Anglo-Saxon Society*. Oxford: Oxford University Press, 2005.

<sup>147</sup> A.D. 634. This year Osric, whom Paulinus baptized, succeeded to the government of Deira. He was the son of Elfric, the uncle of Edwin. And to Bernicia succeeded Eanfrith, son of Ethelfrith. This year also Bishop Birinus first preached baptism to the West-Saxons, under King Cynegils. The said Birinus went thither by the command of Pope Honorius; and he was bishop there to the end of his life. Oswald also this year succeeded to the government of the Northumbrians, and reigned nine winters. The ninth year was assigned to him on account of the heathenism in which those lived who reigned that one year betwixt him and Edwin.

<sup>148</sup> A.D. 635. This year King Cynegils was baptized by Bishop Birinus at Dorchester; and Oswald, king of the Northumbrians, was his sponsor.

construída pelo nome de São Pedro. Ele era filho de Cynegils. (*ASC*, p. 1, 643)<sup>149</sup>

O governo de Kenwal foi um governo que durou bastante tempo, porém durante seu reinado os conflitos envolvendo o reino de Wessex não cessaram. Estes conflitos foram estabelecidos principalmente com Penda de Mércia, principal antagonista do reino de Wessex. O governo de Kenwal teve muito do seu poder retraído, como o. O fragmento do ano de 645 descrevesugere:.

645: Neste ano o rei Kenwal foi tirado de seus domínios pelo rei Penda. (*ASC*, p. 1, 645)<sup>150</sup>

Não só conflitos com Penda, o governo de Kenwal também possui conflitos com os galeses – que durante a década de 640 já estavam cessando – e possíveis conflitos internos. Levantamos a possibilidade de um governo instável internamente, pois no fragmento de 648 é relatada a doação de terras vinda do rei Kenwal a um nobre.

648: Neste ano Kenwal deu à sua relação com Cuthred três mil *hides* de terra perto de Ashdown. Cuthred era filho de Cwicheim, Cwicheim de Cynegils. (*ASC*, p. 1, 648)<sup>151</sup>

Dada a proximidade de Cuthred com Cynegils, pai de Kenwal, esta doação poderia ser facilmente uma negociação em torno de uma ameaça de poder, já que a *Crônica* se preocupa em estabelecer a genealogia de Cuthred, o que acontece com frequência apenas em torno de reis. Entretanto, Frank Stenton (1971, p. 63) indica que o período é problemático para ser analisado na *Crônica* por conta dos conflitos de Kenwal com Penda que são tomados como mais frequentes. Estes conflitos, inclusive, lidam a uma pausa do governo de Kenwal durante três anos, esta pausa tem causa direta de Penda. O fragmento de 658 melhor explica estas divergências:

658: Neste ano Kenwal lutou com os galeses em Pen e os perseguiu até Parret. Esta batalha foi lutada após seu retorno da Ânglia Oriental, onde ele estava três anos em exílio. Penda teve que o levar para lá e o privou de seu

<sup>149</sup> A.D. 643. This year Kenwal succeeded to the kingdom of the West- Saxons, and held it one and thirty winters. This Kenwal ordered the old church at Winchester to be built in the name of St. Peter. He was the son of Cynegils.

<sup>150</sup> A.D. 645. This year King Kenwal was driven from his dominion by King Penda.

<sup>151</sup> A.D. 648. This year Kenwal gave his relation Cuthred three thousand hides of land by Ashdown. Cuthred was the son of Cwicheim, Cwicheim of Cynegils.

reino porque ele havia rejeitado sua irmã. (ASC, p. 1, 658)<sup>152</sup>

Esta relação de rivalidade entre os reinos de Wessex e Mércia representados pela figura de Penda e Kenwal podem significar certa tentativa mal sucedida de aliança. Os conflitos durante o governo de Kenwal em Wessex se seguem nos anos subsequentes. Inclusive, as batalhas com Mércia não são restritas apenas ao governo de Penda, Kenwal continua suas divergências com Mércia nos anos subsequentes à queda do rei Mércio, entretanto não são tão acentuadas quanto foram com Penda.

661: Neste ano, na Páscoa, Kenwal lutou em Pontesbury; e Wulfere, o filho de Penda, o perseguiu até Ashdown. Cuthred, o filho de Cwichelm, e o rei Kenbert, morreram em um ano. Através da Ilha de Wight também Wulfere, o filho de Penda, a penetrou e transferiu seus habitantes para Ethelwald, rei de Sussex, porque Wulfere o adotou em batismo. E Eoppa, um padre de massas, pelo comando de Wilfried e do rei Wulfere, foi o primeiro dos homens que trouxe o batismo para as pessoas da Ilha de Wight. (ASC, p. 1, 661)<sup>153</sup>

Este é o último registro em relação ao governo de Kenwal. Os fragmentos cessam até 672, quando é indicada sua morte. Tais registros podem significar que o poder em Wessex durante o governo de Kenwal – e após ele – estivesse mais enfraquecido. Mas o mais provável é que não houve registros diretos na *Crônica Anglo-Saxônica* em relação ao governo de Wessex nesse tempo. Barbara Yorke argumenta que é necessário considerar a arqueologia quando nos debruçamos sobre esta data, justamente em razão da escassez de fontes escritas e de fatos contidos na *Crônica*. Segundo a autora, “arqueólogos têm frequentemente contado com o quadro de eventos na *Crônica* para provir um contexto histórico” (2003, p. 131)<sup>154</sup>. Desta forma, é necessário fazer uma intercalação entre intercalar as fontes de diferentes naturezas para obter registros mais precisos sobre os eventos. A *Crônica* entretanto, rapidamente brevemente traz alguns fatos em relação à Wessex.

672: Neste ano morreu Kenwal e Sexburga sua rainha manteve o governo um ano após ele. (ASC, p. 1, 672)<sup>155</sup>

<sup>152</sup> A.D. 658. This year Kenwal fought with the Welsh at Pen, and pursued them to the Parret. This battle was fought after his return from East-Anglia, where he was three years in exile. Penda had driven him thither and deprived him of his kingdom, because he had discarded his sister.

<sup>153</sup> A.D. 661. This year, at Easter, Kenwal fought at Pontesbury; and Wulfere, the son of Penda, pursued him as far as Ashdown. Cuthred, the son of Cwichelm, and King Kenbert, died in one year. Into the Isle of Wight also Wulfere, the son of Penda, penetrated, and transferred the inhabitants to Ethelwald, king of the South-Saxons, because Wulfere adopted him in baptism. And Eoppa, a mass-priest, by command of Wilfrid and King Wulfere, was the first of men who brought baptism to the people of the Isle of Wight.

<sup>154</sup> “for archaeologists have frequently relied upon the framework of events in the Chronicle to provide a historical context”

<sup>155</sup> A.D. 672. This year died King Cenwal; and Sexburga his queen held the government one year after him.

674: Neste ano Escwin sucedeu ao reino de Wessex. Ele era filho de Cenfus, Cenfus de Cenferth, Cenferth de Cuthgils, Cuthgils de Ceolwulf, Ceolwulf de Cynric, Cynric de Cerdic. (*ASC*, p. 1, 674)<sup>156</sup>

Estas duas passagens podem ser interessantes para nossa problematização. Primeiramente o fragmento de 672 indica uma troca de poder incomum dentro das estruturas políticas de Wessex. Uma mulher, neste caso Sexburga, esposa de Kenwal assume o governo de Wessex. Após isto, em 674, Escwin sucede o governo. O que chama atenção é que Escwin assume o governo e quebra uma linhagem deixada por Kenwal, pois o próprio rei e seus antecedentes não estão na genealogia traçada no fragmento de 674. Isto pode indicar que, provavelmente, Kenwal não havia deixado herdeiros e a partir do momento que Sexburga, sua rainha, tenha assumido o governo pode ter aberto uma brecha para uma quebra nestas relações de poder. Tais fatos estarem contidos na *Crônica Anglo-Saxônica* também devem ser bem analisados, pois não é mencionado que Kenwal tenha deixado herdeiros, – o que é provável que não o tenha – tampouco é mencionado que Escwin tenha quebrado uma linhagem ou dinastia. A *Crônica* não trata especificamente esta mudança de linhagem, mas que é percebida por nós, dada a genealogia de Escwin. A quebra da linhagem não é total, pois Escwin e Cynegils, pai de Kenwal, ainda possuem um ancestral em comum chamado Cynric, como podemos ver ao fazer a comparação entre o fragmento de 674 e 611. Isto pode indicar, assim, uma possível legitimação do governo de Escwin por parte dos escritores da *Crônica Anglo-Saxônica* e do próprio Escwin para chegar ao poder.

O governo de Escwin, entretanto, é rápido e dura pouco tempo. Isto pode indicar uma certa instabilidade política, nos atentamos ao fragmento de sua morte em 676.

676: Neste ano Hedda sucedeu ao bispado, Escwin morreu e Centwin obteve o governo de Wessex. Centwin era filho de Cynegils, Cynegils de Ceolwulf. Ethelred, rei dos mércios, neste meio-tempo tomou as terras de Kent. (*ASC*, p. 1, 676)<sup>157</sup>

Esta passagem pode reforçar a nossa hipótese de que Kenwal não tenha deixado herdeiros. A possível instabilidade política pode ser analisada pelo fato que após a morte de Escwin, a dinastia de Cynegils reassume o governo de Wessex na figura de Centwin. Na genealogia de Centwin não é retratada alguma qualquer ligação com Kenwal, mas sim com

<sup>156</sup> A.D. 674. This year Escwin succeeded to the kingdom of Wessex. He was the son of Cenfus, Cenfus of Cenferth, Cenferth of Cuthgils, Cuthgils of Ceolwulf, Ceolwulf of Cynric, Cynric of Cerdic.

<sup>157</sup> A.D. 676. This year, in which Hedda succeeded to his bishopric, Escwin died; and Centwin obtained the government of the West-Saxons. Centwin was the son of Cynegils, Cynegils of Ceolwulf. Ethelred, king of the Mercians, in the meantime, overran the land of Kent.

Cynegils, o que pode indicar que eles tenham sido irmãos. Esta co-sanguinidade é indicada por Frank Stenton (1971, p. 67) onde ele diz que “Cenwalh, o filho de Cynegils que se casou e então repudiou uma das irmãs de Penda, foi expulso de seu reino por Penda”<sup>158</sup>. Stenton, portanto, resolve o problema da falta de herdeiros de Kenwal – onde ele grafa como Cenwalh, mas se refere a mesma pessoa. Entretanto, o mesmo Stenton também alerta que “É difícil separar as várias relações genealógicas que conectam os vários reis de Wessex no século VII”<sup>159</sup> (1971, p. 66). Tal leitura também é continuada com o fato de que esta possível instabilidade política em relação a estas disputas de poder tenha continuado no governo de Centwin.

O reinado de Centwin, entretanto, se voltou às batalhas contra os bretões. A passagem em relação ao ano de 681 retrata isto.

681: Neste ano Trumbert foi consagrado o Bispo de Hexham e Trumwin bispo dos pictos, pois na época eles estavam sujeitos a esse país. Neste ano também Centwin perseguiu os bretões até o mar. (*ASC*, p. 1, 681)<sup>160</sup>

O governo de Centwin vai até o ano de 685, sem maiores menções na *Crônica Anglo-Saxônica*. Neste ano, um fragmento afirma que houve uma mudança para Ceadwall, onde a *Crônica* relata:

685: por este tempo Ceadwall começou a lutar por um reino. Caedwall era filho de Kenbert, Kenbert de Chad, Chad de Cutha, Cutha de Ceawlin, Ceawlin de Cynric, Cynric de Cerdic” (*ASC*, p. 1, 685)<sup>161</sup>.

Não é claro que reino de Caedwall assume, mas é provável que seja Wessex dada a linhagem real sendo legitimada a partir de Cynric. O governo de Ceadwall é breve, sendo seu sucessor, Ina, o rei de Wessex que manteve uma maior estabilidade no reino entre em fins do século VII e início do VIII.

688: Neste ano Caedwall foi para Roma e recebeu o batismo das mãos de Sérgio, o Papa, que deu o nome a ele de Pedro; mas em maldição das sete noites seguintes, no vigésimo dia antes dos calendários de Maio ele morreu em roupas de carmim e foi enterrado na igreja de São Pedro. Para ele Ina o

<sup>158</sup> Ceanwalh the son of Cynegils, who had married and then repudiated one of Penda’s sisters, was driven from his kingdom by Penda”

<sup>159</sup> It is hard to disentangle the genealogical relationships which connected the various West Saxon kings of the seventh century.

<sup>160</sup> A.D. 681. This year Trumbert was consecrated Bishop of Hexham, and Trumwin bishop of the Picts; for they were at that time subject to this country. This year also Centwin pursued the Britons to the sea.

<sup>161</sup> A. D. 685. About this time Ceadwall began to struggle for a kingdom. Ceadwall was the son of Kenbert, Kenbert of Chad, Chad of Cutha, Cutha of Ceawlin, Ceawlin of Cynric, Cynric of Cerdic.



sucedeu no governo de Wessex e reinou trinta e sete invernos; Ele fundou o monastério de Glastonbury; depois dos quais ele foi para Roma e continuou até o fim de sua vida. Ina era filho de Cenred, Cenred de Ceolwald, Ceolwald era o irmão de Cynegils e ambos filhos de Cuthwin, que era filho de Ceawlin, Ceawlin era filho de Cynric e Cynric de Cerdic. (*ASC*, p. 1, 688)<sup>162</sup>

Neste fragmento, Ina assume o governo de Wessex. O interessante é que é feita uma maior preocupação em legitimar o reinado de Ina, justamente por ele ter acontecido por um maior tempo e ter trazido uma estabilidade política interna no reino de Wessex. Yorke (2003, p. 132-135) considera que Ina foi um dos primeiros reis a exercer relevante autoridade no reino. Esta autoridade é justificada pela estabilidade política, tendo as trocas de reinados muito menos frequentes na *Crônica Anglo-Saxônica*, já que Ina de Wessex governa até 726.

É a partir do governo de Ina de Wessex que o reino dos saxões do oeste possuiu um maior crescimento, tanto de território quanto de notoriedade política dentre os reinos anglo-saxões. Yorke (2003, p. 135) afirma que esse crescimento se deve ao fato de que os saxões do oeste capturaram áreas que se tornaram dependentes deles. Estas áreas sempre se localizavam ao redor do centro político de Wessex.

O governo de Ina de Wessex também ganha destaque em relação a sua reorganização política interna. James Campbell em sua genial obra *Essays in the Anglo-Saxon England* nos dá um maior panorama sobre a reorganização política do governo de Ina.

O código de Ina de Wessex nos dá uma imagem ainda mais complicada. De um ponto de vista a sociedade livre é dividida em três: homens com *wergels*<sup>163</sup> de 1200, 600 e 200 xelins. Mas outra distinção aparece. Entre as classes maiores nós encontramos: i) *ealdormen* que eram cabeças de uma divisão territorial, um *scir*; ii) “outros conselheiros notáveis”; iii) *scirmen*; iv) “outros juizes”; v) os *geneats* do rei; vi) os *geneats* de outros homens; vii) *gesiths* aparentemente com alguma autoridade local; viii) os *thegns* do rei que eram em alguma maneira superiores aos ix) *gesithcund* que possuíam terra, dos quais contavam mais que x) *gesithcund* que não possuíam terras; e por último xi) *hlafords* com autoridade sobre os *gesithcundmen*. Essas descrições não são mutuamente exclusivas. Mas, uma vez que a hierarquia derivava da autoridade real da propriedade nobre para a propriedade de terras é tomada conta que a nobreza era dividida, no mínimo, através de

<sup>162</sup> A.D. 688. This year Ceadwall went to Rome, and received baptism at the hands of Sergius the pope, who gave him the name of Peter; but in the course of seven nights afterwards, on the twelfth day before the calends of May, he died in his crism-cloths, and was buried in the church of St. Peter. To him succeeded Ina in the kingdom of Wessex, and reigned thirty-seven winters. He founded the monastery of Glastonbury; after which he went to Rome, and continued there to the end of his life. Ina was the son of Cenred, Cenred of Ceolwald; Ceolwald was the brother of Cynegils; and both were the sons of Cuthwin, who was the son of Ceawlin; Ceawlin was the son of Cynric, and Cynric of Cerdic.

<sup>163</sup> James Campbell não explicita o significado de *wergels*, mas consultando o dicionário anglo-saxão produzido por Clark-Hall, o verbete de *wergild*, que também pode ser *wergels* indica que a palavra significa o “valor da vida de um homem” (1916, p. 249).

*ealdormen*, homens com menos que eles mas que excediam status originário em *gesiths* que possuíam terras e *gesiths* que não possuíam terra. (1986, p. 131)<sup>164</sup>

Esta organização política presente no reino de Ina fez com que seu reinado obtivesse uma estabilidade política. De acordo com a *Crônica Anglo-Saxônica*, seu governo acaba apenas no ano de 728, sequer acabando a partir de antes sua morte, e simquando, o governante abdica do poder para realizar sua ida para Roma. Neste sentido, conforme trazido por Campbell, pode-se indicar que esta organização fez com que o governo de Ina perdurasse de maneira mais longínqua. O governo de Wessex até então não possuía tal organização. Isto fez com que as estruturas políticas presentes no reinado se efetivassem, logo, refletindo na estabilidade do reinado a partir de Ina.

Apesar de organizado e estável internamente, o governo de Ina foi muito ativo externamente. Dado pelo próprio Campbell (1986, p. 131-132) como o governo que fez com que Wessex “fosse colocado no mapa”, o reinado de Ina possui diversas batalhas registradas na *Crônica Anglo-Saxônica*. A primeira delas acontece no ano de 694.

694: Neste ano as pessoas de Kent contratualizaram com Ina, dando a ele 30,000 pesos em amizade, por que eles haviam queimado seu irmão Mull. Wihtréd foi quem sucedeu no governo de Kent e o manteve por trinta e três invernos, ele era filho de Egbert, Egbert de Erkenbert, Erkenbert de Eadbald, Eadbald de Ethelbert. E assim que ele foi rei, ele ordenou um grande conselho para o encontrar no lugar que é chamado de Bapchild; no qual foi presidido – o encontro – por Wihtréd, Rei de Kent, o Arcebispo de Canterbury, Brihtwald, e o Bispo Tobias de Rochester; e com ele foram coletados abates e abadessas, e muitos homens sábios, todos para consultarem sobre a vantagem das igrejas de Deus que estão em Kent. (*ASC*, p.1, 694)<sup>165</sup>

<sup>164</sup> The West Saxon code of Ine gives a yet more complicated picture. From one point of view free society is divided into three: men with wergelds of 1,200, 600 and 200 shillings. But other distinctions appear. Among the higher classes we find: i) ealdormen each at the head of a territorial division, a scir; ii) 'other distinguished councillors'; iii) scirmen; iv) 'other judges'; v) king's geneats; vi) the geneats of other men; vii) gesiths apparently with some local authority; viii) king's thegns who are in some way superior to ix) gesithcund men holding land, who in turn count for more than x) gesithcund men not holding land; and lastly, xi) hlafords with authority over gesithcundmen. These descriptions are not mutually exclusive. But, once the hierarchy derived from royal authority, from lordship and from landholding is taken into account the nobility are divided, at a minimum, into ealdormen, men less than they but exceeding in status ordinary gesiths holding land and gesiths not holding land.

<sup>165</sup> A.D. 694. This year the people of Kent covenanted with Ina, and gave him 30,000 pounds in friendship, because they had burned his brother Mull. Wihtréd, who succeeded to the kingdom of Kent, and held it thirty-three winters, was the son of Egbert, Egbert of Erkenbert, Erkenbert of Eadbald, Eadbald of Ethelbert. And as soon as he was king, he ordained a great council to meet in the place that is called Bapchild; in which presided Wihtréd, King of Kent, the Archbishop of Canterbury, Brihtwald, and Bishop Tobias of Rochester; and with him were collected abbots and abbesses, and many wise men, all to consult about the advantage of God's churches that are in Kent.

Notado a partir deste fragmento, o primeiro reino com que Ina volta sua expansão foi o reino de Kent. Conforme a *Crônica Anglo-Saxônica* narra, as investidas de Wessex contra Kent foram bem-sucedidas, levando a deposição de seu próprio rei. Como já falado anteriormente, não só o reino de Kent como também o reino da Nortúmbria entram em suscetivas crises, que levam a uma diminuição das esferas de influência política dos respectivos reinos. Assim, o cenário conflituoso no início do século VIII faz com que Wessex e Mércia lutassem constantemente pela hegemonia nos reinos anglo-saxões. A primeira destas batalhas acontece logo no ano de 715.

715: Neste ano Ina e Ceolred lutaram em Wanborough e o rei Dagobert deixou esta vida. (*ASC*, p.1, 715)<sup>166</sup>

É a partir deste ano que as lutas entre Mércia e Wessex começam a se intensificar. Até fins do século VII, o reino de Wessex havia se voltado apenas contra Kent, tendo a mudança de conflitos estando presente logo no início do VIII. No próprio fragmento de 710 (*ASC*, p.1, 710) é relatada a aliança de Ina com seu parente, Nun, para lutarem contra os pictos. Apenas esta batalha, entretanto, é mencionada quando percebe-se uma incursão militar de Ina fora dos domínios dos anglo-saxões.

Não só Mércia estava no radar de expansão militar do reino de Wessex. Conforme a *Crônica Anglo-Saxônica* relata no relativo aos anos de 722 e 725, Ina se volta também aos seus vizinhos de Sussex.

722: Neste ano a rainha Ethelburga destruiu Taunton, do qual Ina havia anteriormente construído; Ealdbert peregrinou em um miserável exílio em Surrey e Sussex, e Ina lutou com os Saxões do Sul. (*ASC*, p.1, 722)<sup>167</sup>

725: Neste ano morreu Wihtréd, rei de Kent, no nono dia anterior aos calendários de Maio, depois de reinar trinta e dois anos. A sua genealogia está acima; e ele foi sucedido por Eadbert. Ina neste ano também lutou com os saxões de sul e matou Ealdbert, o *etheling*, do qual ele havia anteriormente colocado no exílio. (*ASC*, p.1, 725)<sup>168</sup>

Desta forma, nos fins do reinado de Ina, sua expansão contra os reis sobretudo ao sul do Humber e seu controle de interno indicam esta estabilidade do governo, em detrimento

<sup>166</sup> A.D. 715. This year Ina and Ceolred fought at Wanborough; and King Dagobert departed this life.

<sup>167</sup> A.D. 722. This year Queen Ethelburga destroyed Taunton, which Ina had formerly built; Ealdbert wandered a wretched exile in Surrey and Sussex; and Ina fought with the South-Saxons.

<sup>168</sup> A.D. 725. This year died Wihtréd, King of Kent, on the ninth day before the calends of May, after a reign of thirty-two winters. His pedigree is above; and he was succeeded by Eadbert. Ina this year also fought with the South-Saxons, and slew Ealdbert, the etheling, whom he had before driven into exile.

com a instabilidade dos governos anteriores. Yorke (2003, p. 139-140) indica que esta estabilidade fez com que o governo de Ina tivesse uma variedade maior de fontes. Esta variedade é inclusive arqueológica, onde diferentes escavações mostram que a estabilidade do reinado de Ina fez com que o reino de Wessex obtivesse uma quase completa cristianização. Keynes (2008, p. 26) indica que esta estabilidade foi completa durante toda a primeira parte do século VIII, que pode ser exercida até mesmo através de uma aliança com Wihtrud de Kent.

Um tópico que chama atenção relativo ao ano de 725 que a constatação da palavra *etheling*. De acordo com a *The Wiley Blackwell Encyclopedia of Anglo-Saxon England*

[...] em textos históricos, *ætheling* e seus equivalentes em latim *filius regis* significa “príncipe da casa real”. No século VIII, como Oswald é chamado de *etheling* aparentemente por que de seu tataravô foi rei de Wessex (ASC, p. 1, 728); as definições são muito mais narradas no século IX e depois. (2014, p. 15)<sup>169</sup>

Este termo aparece constantemente nos fragmentos posteriores da *Crônica Anglo-Saxônica*. Apesar de a *Encyclopedia* indicar a palavra *ætheling*, ela tem o mesmo significado que *etheling*, citada na fonte. Estas mudanças são de um caráter lexical conforme Janet Bately (1991, p. 51) explica, dada os diferentes momentos de escrita de cada manuscrito que depois vão ser compilados juntos para formar a *Crônica Anglo-Saxônica*. No entanto, dado o esclarecimento junto a Bately, o significado da palavra *etheling* se mantém como um indivíduo que é reconhecido como nobre mas não efetivamente como rei. Esta é uma relação que Frank Stenton (1971, p. 67) em que ele diz que “Na tradição de Wessex, dois reis em sucessão se destacam como soberanos de todas as pessoas”<sup>170</sup>. Estas legitimações de soberania estão constantemente refletidas como disputas de poder presentes na escrita da *Crônica*, dado que para a *Crônica*, o rei é efetivamente o representante de Wessex, enquanto o *etheling* é o usurpador do trono. Estas disputas por poder, percebidas inclusive por Barbara Yorke (2003, p. 140) remetem ao governo de Ina, dada a não-clareza incerteza da escolha de seu sucessor. Isto inclusive está presente no fragmento de 728 da *Crônica*.

728: Neste ano Ina foi a Roma e lá entregou-se como um fantasma. Ele foi sucedido no reino de Wessex por Ethelhard, seu parente, do qual o manteve por catorze anos; mas ele lutou neste mesmo ano com Oswald, o *etheling*.

<sup>169</sup> In historical texts, *ætheling* and its Latin equivalents *filius regis* mean ‘prince of the royal house’. In the eighth century, an Oswald is called *ætheling* apparently because his great-great-grandfather was king of the West Saxons (ASC s.a. 728); the definitions are much narrower in the ninth century and later.

<sup>170</sup> In West Saxon tradition two kings in succession stand out as overlords of the whole people

Oswald era filho de Ethelbald, Ethelbald de Cynebald, Cynebald de Cuthwin, Cuthwin de Ceawlin. (*ASC*, p.1, 728)<sup>171</sup>

A clareza quanto ao sucessor não é presente inclusive para os próprios escritores da *Crônica Anglo-Saxônica*, já que há uma legitimação da genealogia de Oswald, o nobre anglo-saxão que clamava o trono de Wessex. Neste sentido, a partir deste fragmento, tomaremos a denominação do *etheling* como uma dominação que está envolta nas relações de poder dos reinos anglo-saxões, apesar de ser específica do reino de Wessex durante o século VIII. Esta denominação no que se refere a disputas do campo político é justificada pelo cenário de soberania de Wessex do período. Frank Stenton (1971, p. 72) diz que “Cada um dos reis que se seguiu a Cenwalh pertenceu a um diferente ramo de casa real e a supremacia em Wessex estava claramente aberta a qualquer representante de qualquer linhagem que poderia clamar ser descendente de Cerdic”<sup>172</sup>.

No fragmento de 729 é relatada a morte do *etheling* Oswald.

729: Neste ano apareceu a estrela-cometa e o São Egbert morreu em Iona. Neste ano também morreu o *etheling* Oswald; (*ASC*, p. 1, 729)<sup>173</sup>

A morte de Oswald fez com que nenhum outro *etheling* contestasse o poder durante o reinado de Ethelhard de Wessex. Pouco dito do governo de Ethelhard, dada a escassez de fontes conforme Yorke (2003, p. 140) indica. Nos atentaremos, então a seu sucessor, Cuthred.

740: Neste ano morreu o rei Ethelhard; Cuthred, seu parente, o sucedeu no reino de Wessex, do qual ele o manteve por catorze invernos, dos quais ele lutou muitas batalhas duras com Ethelbald, rei dos Mércios. (*ASC*, p. 1, 740)<sup>174</sup>

Este fragmento sinaliza que as lutas entre Wessex e Mércia continuam. Baker (1996, p. 77), em sua obra *The fighting kings of Wessex*, indica que na maioria das batalhas entre Ethelhard e Ethelbald, os Mércios possuíam vantagem. Isto também pode ser visualizado nas

<sup>171</sup> A.D. 728. This year Ina went to Rome, and there gave up the ghost. He was succeeded in the kingdom of Wessex by Ethelhard his relative, who held it fourteen years; but he fought this same year with Oswald the etheling. Oswald was the son of Ethelbald, Ethelbald of Cynebald, Cynebald of Cuthwin, Cuthwin of Ceawlin.

<sup>172</sup> Each of the kings who had followed Cenwalh had belonged to a different branch of the royal house, and supremacy in Wessex was clearly open to any representative of any line which could claim descent from Cerdic.

<sup>173</sup> A.D. 729. This year appeared the comet-star, and St. Egbert died in Iona. This year also died the etheling Oswald;

<sup>174</sup> A.D. 740. This year died King Ethelhard; and Cuthred, his relative, succeeded to the West-Saxon kingdom, which he held fourteen winters, during which time he fought many hard battles with Ethelbald, king of the Mercians.

batalhas envolvendo Offa, sucessor de Ethelbald no reino de Mércia. A *Crônica Anglo-Saxônica*, entretanto, relata apenas as batalhas, sem indicar um vencedor. Tal fato pode estar ligado ao espaço de escrita da *Crônica*. Conforme já dito, uma vez a *Crônica* escrita no reino de Wessex, pouco se diria sobre as batalhas perdidas pelos saxões do oeste, sobretudo envolvendo o reino de Mércia, um reino rival. Pode-se ainda perceber que nesta altura, os relatos dos acontecimentos envolvendo as relações de poder do reino de Wessex estavam mais próximos do espaço de escrita da *Crônica*, no século IX.

As menções em relação à posição do *etheling* continuam nos fragmentos seguintes da *Crônica Anglo-Saxônica*. No fragmento do ano de 748, há uma passagem especial em relação a posição do *etheling*. Curioso é que não é relacionado, em nenhum momento, a posição do *etheling* com o lugar de poder – oficial, a partir da *Crônica* – do rei. Porém, são sempre legitimados a partir de uma linhagem real, o que poderia indicar que o *etheling* assumiria algum caráter político no reino.

748: Neste ano foi morto Cynric, *etheling* dos saxões de Wessex; Edbert, rei de Kent, morreu; e Ethelbert, filho do rei Wihtrud, o sucedeu no reino. (*ASC*, p. 1, 748)<sup>175</sup>

Ao falar sobre a estrutura e organização política relacionada ao reino de Wessex, Simon Keynes sugere que

[...] não há razão do porquê nós devemos esperar uma uniformidade da estrutura dentre os reinos, ou a consistência de uma prática dentre os reis. [...] Alguns “reinos” podem ter existido somente como uma configuração particular de pessoas unidas em reconhecimento de um governante comum e pode ter sido dissolvido no tempo de sua morte, para ser suplantado (se fosse) por alianças de diferentes tipos; algumas pessoas locais podem ter retido um senso de sua própria identidade a mais que outras e pode ter provado mais resistência a imposição da vontade de um rei distante. (2008, p. 20)<sup>176</sup>

O que Keynes argumenta é que nesses determinados reinos pode haver um distanciamento entre o poder político do rei e seus súditos. Tal distanciamento poderia ser explicado com o surgimento da figura do *etheling*. Uma vez que ele atuaria em lugares da

<sup>175</sup> A.D. 748. This year was slain Cynric, etheling of the West- Saxons; Edbert, King of Kent, died; and Ethelbert, son of King Wihtrud, succeeded to the kingdom.

<sup>176</sup> There is no reason why we should expect uniformity of structure among the kingdoms, or consistency of practice among the kings. [...] Some 'kingdoms' may have existed only as a particular configuration of peoples united in their recognition of a common ruler, and might have dissolved at the time of his death, to be superseded (if at all) by alliances of a different kind; some local peoples may have retained a sense of their own identity for longer than others, and might have proved the more resistant to the imposition of the will of a distant king

qual o rei de Wessex não teria uma proximidade com determinados locais de poder – provavelmente surgidos a partir da nobreza, quando há uma legitimação de poder dos *ethelings* através de uma linhagem real. Estas passagens dentro da *Crônica Anglo-Saxônica*, entretanto, não estão bem esclarecidas, mas apenas pelo fato de estarem mencionadas já é algo relevante para ser questionado.

É interessante notar esta instabilidade política do reino de Wessex a partir dos *ethelings*, mas não é apenas no ambiente interno que se faz estes ataques ao trono. Durante o século VIII, Wessex sofre diversas investidas do reino de Mércia, com uma intensificação do ataque por parte dos Mércios. Estas lutas pela hegemonia são outro ponto de análise das relações de poder no reino de Wessex. Não apenas investidas vinda dos próprios reinos anglo-saxões, o reino de Wessex ainda esteve envolvido em diversas batalhas com os galeses. A posição do rei de Wessex durante seu tempo, portanto, é muito delicada, tendo investidas destas três frentes, uma interna vinda de *ethelings* ou outras posições políticas que representam uma ameaça ao poder do rei, e duas externas, uma vinda do reino de Mércia pela luta em relação à hegemonia dos reinos anglo-saxões e outra vinda dos galeses em luta pela restauração de seus territórios. Três passagens relatam em sequência na *Crônica Anglo-Saxônica* estes diferentes conflitos que Cuthred, então rei de Wessex esteve envolvido.

750: Neste ano Cuthred, rei dos saxões de Wessex, lutou com o orgulhoso chefe Ethelhun. (*ASC*, p. 2, 750)<sup>177</sup>

752: Neste ano, o vigésimo de seu reinado, Cuthred, rei dos saxões de Wessex lutou em Burford com Ethelbald, rei dos Mércios e o afugentou. (*ASC*, p. 2, 752)<sup>178</sup>

753: Neste ano Cuthred, rei dos saxões de Wessex, lutou com os galeses. (*ASC*, p. 2, 753)<sup>179</sup>

Apesar das várias ameaças internas, Cuthred conseguiu manter o poder de Wessex por um considerável tempo. Esta manutenção do poder pode ser explicada justamente por estas incursões militares, uma vez que hegemonia militar e hegemonia política são elementos que se inter-relacionam. Inclusive, a *Crônica Anglo-Saxônica* deixa clara tal inter-relação. Na passagem referente ao ano de 752, há uma reafirmação do vigésimo ano que Cuthred esteve no poder em comparação com as lutas contra os Mércios.

No que se refere aos conflitos contra os Mércios, há inclusive interpretações mais

<sup>177</sup> A.D. 750. This year Cuthred, king of the West-Saxons, fought with the proud chief Ethelhun.

<sup>178</sup> A.D. 752. This year, the twelfth of his reign, Cuthred, king of the West-Saxons, fought at Burford (27) with Ethelbald, king of the Mercians, and put him to flight.

<sup>179</sup> A.D. 753. This year Cuthred, king of the West-Saxons, fought against the Welsh.

radicais sobre a autonomia do reino de Wessex no século VIII. O anglo-saxonista Frank Stenton (*apud* Keynes, 2008, p. 31) afirma que “Wessex foi um pouco mais que uma grande e periférica província do reino Mércio”<sup>180</sup>. A completa submissão de Wessex a Mércia não é mostrada na *Crônica Anglo-Saxônica*. O próprio Keynes é cuidadoso ao abordar este posicionamento, mas afirma que isto está diretamente ligado com o posterior crescimento de Wessex no século IX, período este que está fora de nosso escopo de pesquisa.<sup>181</sup>

No ano de 754 é relatada a morte de Cuthred, e Sebright assume o governo de Wessex.

754: Neste ano morreu Cuthred, rei dos saxões de Wessex; Sebright, seu parente, o sucedeu ao reino, no qual ele o manteve por um ano. Cyneard sucedeu Humferth na sé de Winchester e Canterbury estava em chamas neste ano. (*ASC*, p. 2, 754)<sup>182</sup>

Os conflitos internos envolvendo o reino de Wessex chegam ao seu ápice no biênio de 754/755. No fragmento de 755 é detalhadamente falado como Cynewulf, sucessor de Sebright, deu fim as divergências políticas internas com o regicídio do próprio Cynewulf. A *Crônica Anglo-Saxônica* não considera em nenhum momento um ato de desordem política. Inclusive, legitimando a chegada de Cynewulf ao poder de Wessex através de sua genealogia. Tal ação também dá fim às posições políticas do *etheling*, que não são mais mencionadas na *Crônica* durante nosso recorte. O fragmento a seguir narra essa transformação em detalhes.

755: Neste ano Cynewulf, com o consentimento do conselho de Wessex depravou Sebright, seu parente, por ações injustas, de seu reino, exceto por Hampshire, que ele manteve até ele ter assassinado o *alderman* que ficou por mais tempo com ele. Então, Cynewulf, se dirigiu a floresta de Andred, da qual ele ficou, até um jovem camponês o ter esfaqueado em Privet; e vingou o *alderman* Cumbra. O mesmo Cynewulf lutou muitas batalhas difíceis com os galeses e, perto de trinta e um invernos depois que ele teve o reino ele foi desejoso por expulsar um príncipe chamado Cyneard, que era irmão de Sebright. Mas tendo ele entendido que o rei se foi, em uma visita a uma Senhora em Merton cavalgou atrás dele e o acossou ali, cercado a cidade sem antes que os assistentes do rei estivessem cientes dele. Quando o rei achou isto, ele foi para fora das portas e se defendeu com coragem, até, tendo olhado no *etheling*, ele avançou diante dele e o feriu gravemente. Então todos estavam lutando contra o rei, até que eles o exterminaram. Muito logo os *thanes* do rei na tenda da Senhora ouviram o tumulto, eles correram até o local, a quem estava pronto. O *etheling*, imediatamente, ofereceu-lhes a vida e recompensas, dos quais nenhum deles aceitou, mas

<sup>180</sup> “Wessex was little more than a large, outlying province of the Mercian kingdom”

<sup>181</sup> O crescimento do poderio de Wessex no século XI pode ser visualizado em WORMALD, Patrick. **The ninth century**. In: CAMPBELL, James. *The Anglo-Saxons*. Londres: The Penguin Books, 1991.

<sup>182</sup> A.D. 754. This year died Cuthred, king of the West-Saxons; and Sebright, his relative, succeeded to the kingdom, which he held one year; Cyneard succeeded Humferth in the see of Winchester; and Canterbury was this year on fire.



continuaram a luta juntos contra eles, até todos caírem mortos, exceto por um refém bretão que estava severamente ferido. Quando os *thanes* do rei que estavam atrás ouviram, na manhã, que o rei tinha sido assassinado, eles correram até o local e Osric, seu *alderman* e Wiverth, seu *thane* e os homens que ele deixou para trás se reuniram com o *etheling* na cidade onde o rei foi morto. As portas, entretanto, foram trancadas contra eles, dos quais eles tentaram forçar; mas ele prometeu a eles seu sortimento de dinheiro e terras se eles o garantissem ao reino; lembrando-os que seus parentes já estavam com ele, que nunca deveriam o desertar. Para os quais eles responderam que nenhum parente deve ser mais querido que seu lorde e que eles nunca seguiriam seu assassino. Então eles requisitaram a seus parentes para deixá-lo são e salvo. Eles responderam que o mesmo pedido foi feito para seus camaradas que anteriormente estiveram com o rei “e nós estamos como independentemente de resultados” e reuniram “como nossos camaradas quem com o rei foram mortos”. Então eles continuaram a lutar nos portões, até eles avançarem e matarem o *etheling* e todos os homens que estavam com ele, exceto por um, do qual era o afilhado do *alderman*, da qual a vida foi poupada, apesar de ter sido ferido. O mesmo Cynewulf reinou trinta e um invernos. Seu corpo está em Winchester e o *etheling* em Axminster. (*ASC*, p. 2, 755)<sup>183</sup>

O detalhamento na narrativa leva a pensar o ano de 755 como um local de quebra do poder. Apesar de a narrativa estar confusa em certos momentos, a narrativa indica que os episódios aconteceram trinta e um anos depois de Cynewulf ter assumido, ou seja, em 786. Este trecho está narrado para o ano de 755<sup>184</sup> provavelmente por que os processos são os

<sup>183</sup> A.D. 755. This year Cynewulf, with the consent of the West-Saxon council, deprived Sebright, his relative, for unrighteous deeds, of his kingdom, except Hampshire; which he retained, until he slew the alderman who remained the longest with him. Then Cynewulf drove him to the forest of Andred, where he remained, until a swain stabbed him at Privett, and revenged the alderman, Cumbra. The same Cynewulf fought many hard battles with the Welsh; and, about one and thirty winters after he had the kingdom, he was desirous of expelling a prince called Cyneard, who was the brother of Sebright. But he having understood that the king was gone, thinly attended, on a visit to a lady at Merton, rode after him, and beset him therein; surrounding the town without, ere the attendants of the king were aware of him. When the king found this, he went out of doors, and defended himself with courage; till, having looked on the etheling, he rushed out upon him, and wounded him severely. Then were they all fighting against the king, until they had slain him. As soon as the king's thanes in the lady's bower heard the tumult, they ran to the spot, whoever was then ready. The etheling immediately offered them life and rewards; which none of them would accept, but continued fighting together against him, till they all lay dead, except one British hostage, and he was severely wounded. When the king's thanes that were behind heard in the morning that the king was slain, they rode to the spot, Osric his alderman, and Wiverth his thane, and the men that he had left behind; and they met the etheling at the town, where the king lay slain. The gates, however, were locked against them, which they attempted to force; but he promised them their own choice of money and land, if they would grant him the kingdom; reminding them, that their relatives were already with him, who would never desert him. To which they answered, that no relative could be dearer to them than their lord, and that they would never follow his murderer. Then they besought their relatives to depart from him, safe and sound. They replied, that the same request was made to their comrades that were formerly with the king; "And we are as regardless of the result," they rejoined, "as our comrades who with the king were slain." Then they continued fighting at the gates, till they rushed in, and slew the etheling and all the men that were with him; except one, who was the godson of the alderman, and whose life he spared, though he was often wounded. This same Cynewulf reigned one and thirty winters. His body lies at Winchester, and that of the etheling at Axminster.

<sup>184</sup> Neste sentido, Barbara Yorke (2010, p. 142-148) chama atenção dizendo que a narrativa detalhada deste trecho remonta a uma tradição oral que era necessária a consolidação escrita, sobretudo em relação à influência de Alfredo. Pode ser visto que este trecho é crucial para as posteriores legitimações do governo de Alfredo no final do século IX, porque para Yorke, a ascensão de Cynewulf ao poder ocorreu de forma

mesmos, uma vez que Cynewulf, antigo *etheling*, chega ao poder assassinando o rei e toma o trono. Tal episódio teria acontecido, desta vez, contra Cynewulf, da qual a narrativa dá a entender que Cynewulf foi bem-sucedido em manter a Coroa. Neste sentido, há uma legitimação da figura de Cynewulf de Wessex a partir dos escritores da *Crônica Anglo-Saxônica* já no século IX, durante o reino de Alfredo. Tal panorama é necessário para entender que este rei possuía determinadas ligações sanguíneas com Cerdic, o principal legitimador da genealogia dos reis de Wessex, ao passado, e com Alfredo. O local de escrita da *Crônica*, a corte de Alfredo, desta forma pode ter sido um objeto facilitador, talvez até justificador, da narrativa estar detalhada, uma vez que lida diretamente com os aspectos construídos em cima da figura do próprio Alfredo, que viera a assumir o trono de Wessex cem anos depois. Cynewulf, por ter expulsado os *ethelings* que vieram a desejar o trono de Wessex, desde a instabilidade política após o governo de Ina, lidou com Cyneard, que clamava o poder em nome de Sebright. A ação culminou com a morte de Cynewulf, mas demonstrou que a instabilidade política de Wessex continuou nos anos seguintes, sendo total em quase todo século VIII.

É importante um olhar crítico à narrativa imposta no fragmento da *Crônica Anglo-Saxônica*. Isto se deve por terem sido criados diversos mitos em cima da figura de Cynewulf – onde seu próprio nome já vem de algo mítico, o “Rei Lobo” (*wulf*: lobo; *cyning*: rei) do inglês antigo. A *The Wiley Blackwell Encyclopedia of Anglo-Saxon England* afirma que diversas literaturas, poemas e outras produções foram feitas romantizando a figura de Cynewulf (2014, p. 136-137). A própria *Encyclopedia* também legitima estas questões ligadas a Alfredo que anteriormente foram mencionadas, entrando parcialmente em consonância com as teses de Barbara Yorke (2010, p. 142-148) sobre o governante. Apesar disso, a visão que Yorke procura propor para legitimação de Alfredo em relação a ascensão de Cynewulf está nas constantes passagens sobre a influência da tradição oral. A *Encyclopedia*, entretanto, procura visualizar o objeto centrado na influência do governo de Cynewulf, sobretudo em relação a posição que Wessex ocupava em meados do século VIII. Se a figura de Cynewulf foi romantizada ou não, o que importa-nos aqui é perceber que a romantização da figura de Cynewulf também pesou para as relações de poder formadas no reino de Wessex, que acabaram, por fim, sendo bem-sucedidas em favor da manutenção do poder de Cynewulf até 786, conforme a *Crônica Anglo-Saxônica* sugere.

A próxima menção a Cynewulf na *Crônica Anglo-Saxônica* é somente no ano de 775.

---

semelhante à de Alfredo, com a aprovação do *witan* – conselho real de Wessex e principal objeto de legitimação política dos governantes.

775: Neste ano Cynewulf e Offa lutaram perto de Bensington; e Offa tomou posseção da cidade. (*ASC*, p. 2, 775) <sup>185</sup>

Este fragmento continua a retratar o reinado de Cynewulf com batalhas contra os Mércios. Aqui é dito que Cynewulf perde território de Wessex para Offa, coisa que foi comum durante o século VIII, sobretudo quando relacionado ao reino de Offa. Offa de Mércia é tido como um dos reis que mais expandiu o território do reino de Mércia, alcançando certa hegemonia durante o século VIII. Gareth Williams (2001, p. 295-309) faz um longo estudo para analisar esta hegemonia militar e política do reino de Mércia. Entretanto, o autor cita que é necessário separar o âmbito militar do âmbito político do reino de Mércia, considerando que o crescimento político afeta outros reinos do período. Desta forma, Cynewulf se tornaria o indivíduo que estaria constantemente em conflito com Mércia, tendo regressado o poder e os domínios de Wessex, pelo menos no que se refere ao território. Mesmo a *Crônica Anglo-Saxônica* relata estas passagens e apesar de não detalhar, é inevitável pensar que durante o reinado de Cynewulf, Wessex sofreu constantes ameaças militares vindas de Mércia, o que resultou na perda de territórios, conforme relatou-se na passagem de 775. Esta perda é consolidada com a morte de Cynewulf em 784.

784: Neste ano Cyneard matou o rei Cynewulf e foi ele mesmo morto com oitenta e quatro homens com ele. Então Bertric assumiu o governo dos saxões de Wessex e reinou dezesseis anos. Seu corpo está depositado em Wareham e sua genealogia vai em linha direta para Cerdic. Neste tempo Elmund reinava em Kent, o pai de Egbert e Egbert foi pai de Athulf. (*ASC*, p. 2, 784)<sup>186</sup>

Esta passagem relata o assassinato de Cynewulf por parte de Cyneard. Este segundo

<sup>185</sup> A.D. 775. This year Cynewulf and Offa fought near Bensington, and Offa took possession of the town. (Segue o fragmento completo) In the days of this king, Offa, there was an abbot at Medhamsted, called Beonna; who, with the consent of all the monks of the minster, let to farm, to Alderman Cuthbert, ten copyhold lands at Swineshead, with leasow and with meadow, and with all the appurtenances; provided that the said Cuthbert gave the said abbot fifty pounds therefore, and each year entertainment for one night, or thirty shillings in money; provided also, that after his decease the said lands should revert to the monastery. The king, Offa, and King Everth, and Archbishop Hibbert, and Bishop Ceolwulf, and Bishop Inwona, and Abbot Beonna, and many other bishops, and abbots, and rich men, were witnesses to this. In the days of this same Offa was an alderman, of the name of Brorda, who requested the king for his sake to free his own monastery, called Woking, because he would give it to Medhamsted and St. Peter, and the abbot that then was, whose name was Pusa. Pusa succeeded Beonna; and the king loved him much. And the king freed the monastery of Woking, against king, against bishop, against earl, and against all men' so that no man should have any claim there, except St. Peter and the abbot. This was done at the king's town called Free-Richburn.

<sup>186</sup> A.D. 784. This year Cyneard slew King Cynewulf, and was slain himself, and eighty-four men with him. Then Bertric undertook the government of the West-Saxons, and reigned sixteen years. His body is deposited at Wareham; and his pedigree goeth in a direct line to Cerdic. At this time reigned Elmund king in Kent, the father of Egbert; and Egbert was the father of Athulf.

personagem é o mesmo citado em passagens da *Crônica Anglo-Saxônica* em 754 e 755, no tempo em que Cynewulf teria assumido o trono de Wessex. Estas passagens podem indicar que o governo nunca teve uma estabilidade política, tanto internamente diante de suas estruturas políticas quanto externamente, perante as relações de poder com os reinos anglo-saxões.

O governo de Bertric foi marcado por dois fatores importantes de análise do governo de Wessex para o século IX, que foge de nosso recorte temporal. Ambos os fatores são analisados a partir da menção do ano de 787 da *Crônica Anglo-Saxônica*. O primeiro fator é decorrente em relação a um fim de conflitos com os Mércios, o segundo foi o surgimento de um inimigo em comum que devastaria a terra da Inglaterra pelos próximos duzentos anos: os vikings. É no fragmento de 787 que essas duas esferas são colocadas em questão:

787: Neste ano o rei Bertric tomou Edburga, a filha do rei Offa como esposa. Em seus dias veio o primeiro de três navios dos Nórdicos da terra dos saqueadores. O conselheiro então cavalgou para lá e os levaria para a cidade do Rei; pois ele não sabia o que eram; e ele foi morto. Estes foram os primeiros navios dos homens dinamarqueses que buscaram a terra da nação inglesa. (*ASC*, p. 2, 787)<sup>187</sup>

Esta é a primeira menção a uma invasão por parte dos escandinavos a terra dos anglo-saxões. Neste trecho, podemos verificar que o inimigo político e militar toma uma nova forma, a dos vikings. As relações de poder que antes estavam voltadas entre os próprios reinos anglo-saxões agora são divididas com uma nova esfera política externa, a partir de então atuante na ilha britânica.

Outro ponto que chama atenção é o casamento de Bertric, rei de Wessex com a filha do rei Offa de Mércia. Este ponto pode ser crucial nas relações de poder entre Wessex e Mércia, que até então estavam em pleno antagonismo. Barbara Yorke assume que esta relação se deu por um aumento da influência de Offa no reino de Wessex.

Depois de Cynewulf ter sido morto em 786, Offa estava capaz de aumentar seu controle sobre Wessex. O novo rei Beorhtric ou veio ao trono com a ajuda de Offa ou veio sob a influência de Offa logo depois. Em 789 ele se casou com a filha de Offa, Eadburh [...] Offa ajudou Beorhtric a exilar vários perturbadores, tais como o futuro rei Egbert, e pode ter tido alguma influência administrativa no crescimento de Wessex. (2003, p. 141)<sup>188</sup>

<sup>187</sup> A.D. 787. This year King Bertric took Edburga the daughter of Offa to wife. And in his days came first three ships of the Northmen from the land of robbers. The reve (30) then rode thereto, and would drive them to the king's town; for he knew not what they were; and there was he slain. These were the first ships of the Danish men that sought the land of the English nation.

<sup>188</sup> After Cynewulf was killed in 786 Offa was able to increase his control over Wessex. The new king Beorhtric

Apesar de Yorke deixar claro que estas relações se construíram a partir da influência de Offa, a *Crônica Anglo-Saxônica* não a menciona, apenas citando o casamento, ainda no ano de 787. É inegável que Offa influenciou constantemente outros reinos anglo-saxões do período, principalmente a partir do ponto que Mércia pode ser tomado como um reino hegemônico no século VIII. Entretanto, nosso documento não deixa claro esta influência, citando um ponto passível de questionamento na escrita de Yorke. Fato é que estas relações foram relevantes o suficiente para que mesmo a menção de Offa tenha sido feita num trecho referente ao reino de Wessex. Quando notamos que esta escrita se deu no próprio ambiente de Wessex, a menção ao casamento de Bertric e Edburga ganha ainda mais relevância nas relações de poder entre Wessex e Mércia.

Neste sentido, a própria Barbara Yorke finaliza seu argumento, dizendo que “Wessex deve ter frequentemente tido que reconhecer a soberania de Mércia, sua sobrevivência nunca parece estar seriamente em dúvida” (2003, p. 141)<sup>189</sup>. O reconhecimento de Mércia para Bertric, desta forma, pode ter sido feito a partir do casamento com sua filha, Edburga. Este ponto aparece como uma ferramenta interessante para a aproximação entre Wessex e Mércia.

Apesar de nosso recorte parar aqui nas descrições referentes ao ano de 787, a relação entre Wessex e Mércia continua adiante no século IX, tomando as mais diferentes formas, entre alianças e afastamentos, porém aqui tomada junto aos escandinavos, este um terceiro elemento externo para o panorama político da ilha até então. O que se nota é que estes dois reinos estiveram em constante disputa por uma possível hegemonia dentre os reinos anglo-saxões da ilha tanto no século VII quanto no século VIII. Esta disputa apesar de não estar clara na *Crônica Anglo-Saxônica*, é muito mencionada, sendo estes reinos com mais menções no nosso documento sendo um período ao qual dedicamos com maior atenção em nosso trabalho. Desta forma, notamos estes dois reinos como um objeto de constante desequilíbrio e mudança sendo dois corpos políticos distintos em constantes relações de conflito e disputa. É percebido em seus mais diferentes reis e personagens reais como agentes causadores destas mudanças entre dois poderes anglo-saxões majoritários na “Inglaterra Anglo-Saxônica”.

---

either came to the throne with Offa's help or came under Offa's influence soon afterwards. In 789 he married Offa's daughter Eadburh [...] Offa helped Beorhtric to exile various troublemakers, such as the future king Egbert, and may have influenced some administrative developments in Wessex.

<sup>189</sup> Wessex must frequently have had to recognize Mercian overlordship its survival as an independent kingdom never seems to have been seriously in doubt.

### Considerações finais

Durante a realização de nosso trabalho, foram produzidas diferentes reflexões, tendo a *Crônica Anglo-Saxônica* e sua escrita como base e pilar de sustentação. Desde o início, nos comprometemos a realizar análises referentes ao político e ao historiográfico dentro da escrita da *Crônica Anglo-Saxônica*. As relações de poder e estruturas políticas dentre os reinos anglo-saxões no século VII e VIII foram as principais questões de pesquisa visualizadas na *Crônica Anglo-Saxônica*. A figura do reino, sua hierarquia política e a troca de informações políticas dentre os reinos anglo-saxões surgiram como principais questões a serem resolvidas.

Durante o primeiro capítulo, nos comprometemos a fazer uma profunda análise sobre a escrita da história na *Crônica Anglo-Saxônica*, uma vez que uma das premissas do trabalho é justamente perceber estas relações de poder e estruturas políticas a partir de uma escrita do gênero literário da crônica. A historiografia percebida na *Crônica Anglo-Saxônica* é pontual para os problemas políticos do século IX. Dada a *Crônica* ter sido produzida na corte de Alfredo e ela mesma surgir como um objeto de propaganda do seu reinado, foi possível visualizar como a escrita presente na *Crônica* se comporta diante destes objetos. A esfera do político aqui está concomitantemente presente na esfera da escrita da história no gênero da crônica. Desta forma, foram realizadas reflexões sobre o próprio espaço e gênero de escrita da *Crônica Anglo-Saxônica* junto a suas implicações políticas e historiográficas. Foram realizadas aqui investigações sobre a intenção de Alfredo ao produzir a *Crônica Anglo-Saxônica*. Tão importante quanto, foi necessário também perceber uma estrutura da escrita da *Crônica*. Estas problemáticas pontuais apareceram como ponto de partida da verificação estrutural da *Crônica Anglo-Saxônica* ao ser realizada uma análise sobre o espaço de produção da *Crônica* junto a historiografia medieval. Caracterizada no gênero da crônica universal, foi notada em sua estrutura questões como a sua temporalidade, sua narrativa e sua memória. Tal qual, a trajetória dos manuscritos da *Crônica Anglo-Saxônica* foi passível de análise, uma vez que ela é um documento que começa a ser escrito no século IX, mas termina apenas em 1154. Estas são questões que implicam diretamente no trabalho do historiador. Julgamos ser necessário fazer estas reflexões sobre a fonte, para tirar dela o que queremos essencialmente, que é perceber as construções políticas envolvendo as relações de poder e estruturas políticas dos reinos anglo-saxões, nos atentando aos fragmentos envolvendo os séculos VII e VIII.

Estas reflexões sobre o gênero historiográfico e caracterização da fonte abriu portas para percebermos a questão da constituição do reino em suas estruturas políticas e da forma

como os reinos anglo-saxões se relacionam. No segundo capítulo, portanto, fizemos esta análise voltada a quatro reinos anglo-saxões: Essex, Kent, Ânglia Oriental e Nortúmbria. O ponto de partida para as verificações sobre as estruturas políticas e relações de poder foi a própria escrita da *Crônica Anglo-Saxônica*. Para esta análise ser bem-sucedida, foi necessário retomarmos ao cenário político no início do século VII. Com os reinos anglo-saxões fragmentados, pouco se percebeu a menções a reinos estabelecidos na *Crônica Anglo-Saxônica*. Desta forma, as análises sobre os reinos de Essex, Kent e Ânglia Oriental em especial foram realizadas de maneira curta. O que nos interessou dentro da escrita sobre estes três reinos foi a forma que a *Crônica Anglo-Saxônica* relatou seu estabelecimento. Estes reinos, como foi visualizado, possuíam suas relações de poder e estruturas políticas estabelecidas, entretanto, pouco são mencionadas pela escrita da *Crônica Anglo-Saxônica*.

Em relação ao reino de Kent, notou-se o marco de seu estabelecimento ainda no século V. Entretanto, em função de sua pouca influência no reino de Wessex, espaço de escrita da *Crônica*, pouco se percebeu de menções a seus reis. Apesar do reino de Kent ser consideravelmente mencionado durante o século VII, suas menções durante o século VIII diminuem drasticamente. Este fator se deu em função do início da hegemonia do reino de Mércia, que foi descrita no terceiro capítulo deste trabalho. As investigações voltadas ao reino de Kent foram voltadas para a percepção uma força intermediária nas relações de poder entre os reinos anglo-saxões nos séculos VII e VIII. O reino de Kent, que possuiu suas estruturas políticas já formadas, esteve em constante batalha por sua sobrevivência, bem visualizada a partir da escrita da *Crônica Anglo-Saxônica*. Esta “sobrevivência” do reino de Kent se deu por diferentes fatores, que nem sempre foram políticos. A cristianização e o estabelecimento da *ecclesia* aqui assumiram fatores importantes, uma vez que eles também interferem no estabelecimento do reino no sentido de ter sido realizado uma investigação sobre a própria Igreja enquanto instituição política.

No que se refere ao reino de Essex, as menções foram ainda menores. Sem ter um estabelecimento próprio marcado pela *Crônica*, o reino possui pontuais menções em períodos de nosso trabalho, mas que foram significativas para nossa análise. A análise do reino de Essex foi para notar sua autonomia e a forma que ela se comporta para a *Crônica*, já que as menções ao reino foram raras na *Crônica Anglo-Saxônica*. A análise do reino de Essex foi essencial para notarmos como se comportam os reinos minoritários nas relações de poder que são estabelecidas dentre os reinos anglo-saxões. Muito do que se percebeu de Essex foi de um reino que se colocava muitas vezes como satélite ou submisso a outros reinos, mas que possuía, em determinados momentos, autonomia política.

A mesma esfera de análise realizada em relação ao reino de Essex fora realizada em referência ao reino da Ânglia Oriental. O estudo realizado através das menções do reino da Ânglia Oriental na *Crônica Anglo-Saxônica* foi principalmente para notar o seu estabelecimento do reino enquanto autônomo politicamente. O reino da Ânglia Oriental foi um reino que obteve ainda menos menções que os outros reinos, sendo constante a necessidade de recorrermos a bibliografias complementares. A Ânglia Oriental também não foi muito mencionada em função que sua interferência no reino de Wessex foi mínima. Além disso, sua própria sobrevivência durante os séculos VII e VIII fora nebulosa, atuando como satélite de outros reinos em muitos momentos, em especial do reino de Mércia. A importância de Ânglia Oriental neste quesito foi uma importância que lida com outras fontes que não são a *Crônica Anglo-Saxônica*, como as fontes arqueológicas, já que é no território do reino que se localizava o sítio de Sutton Hoo, um dos sítios arqueológicos mais conhecidos do mundo anglo-saxão. No entanto, é notado seu estabelecimento na *Crônica*, o que julgamos ser importante para o estudo das relações de poder dentre os reinos anglo-saxões.

Um último reino estudado no segundo capítulo foi o reino de Nortúmbria. Este, com muito mais menções que os reinos de Kent, Essex e Ânglia Oriental, se constituiu como uma força política equiparável aos reinos de Wessex e Mércia especialmente durante o século VII para os escritores da *Crônica Anglo-Saxônica*. Neste reino, foi traçado a trajetória política da própria Nortúmbria, já que sua formação é exclusiva do século VII, sendo o reino da Nortúmbria um reino formado a partir da junção de duas casas reais, a de Bernícia e Deira. Foi necessário aqui, fazer um estudo da própria atuação dos reinos de Bernícia e Deira no século VII para notar a formação da Nortúmbria. O reino da Nortúmbria em especial foi notado também como um objeto que demonstrou diversas crises políticas, sobretudo durante o século VIII. Após seu estabelecimento formado, nos chamou a atenção como, após o governo de Oswald, tido como o redentor da formação do reino da Nortúmbria, o reino entrou em crise. Percebido como um reino que atua de forma ativa nas relações de poder dos reinos anglo-saxões no século VII durante o próprio governo de Oswald, nossa chave de análise mudou para analisar o reino no século VIII. Durante os anos 700, o governo da Nortúmbria sofreu uma série de sucessões ao trono, muitas vezes realizadas de maneira obscura na escrita da *Crônica Anglo-Saxônica*. O ponto é que essas sucessões se realizaram durante o século VIII inteiro, chegando em seu ápice no final do século, o que se somou ao fator da invasão viking na Inglaterra ter um dos pontos de partida o próprio reino da Nortúmbria. Durante este século, foi necessário realizar um estudo muito mais voltado as estruturas políticas do reino, uma vez que todas estas tramas pelo trono do reino se formaram a partir de divergências



internas. Aqui, foi notado na *Crônica* que o seu estabelecimento do reino e sua participação nas relações de poder é tomado como um consenso, sendo a questão do estabelecimento de suas estruturas um objeto de estudo mais rico. O poder bélico do reino da Nortúmbria em relação a invasão a outros reinos no século VIII diminuiu consideravelmente, uma vez que ele estava focado nas disputas internas dentre os próprios nobres do reino. Aqui se foi notado como a guerra e as invasões militares são um objeto de estabilização política interna do reino, tendo o reino da Nortúmbria e suas relações construídas no século VIII o exemplo mais presente disto.

Já no terceiro capítulo, o foco de nossa análise foram os reinos que possuíam mais menções na *Crônica Anglo-Saxônica*, o reino de Mércia e o reino de Wessex. Nele, procuramos fazer um estudo principalmente da hegemonia política disposta entre estes dois reinos, procurando visualizar seus protagonismos e antagonismos presentes na escrita da *Crônica Anglo-Saxônica*.

Visualizado em um primeiro momento, notamos o reino de Mércia. As investigações em relação a este reino foram realizadas principalmente no período pós-Penda. Penda de Mércia, um dos maiores nomes da expansão militar anglo-saxônica principalmente contra os bretões, foi o redentor do estabelecimento de Mércia contra os povos galeses. No entanto, partimos nossa análise da forma que o reino de Mércia atua junto aos reinos anglo-saxões. A soberania de um reino anglo-saxão único dentre as relações de poder foi um objeto de constante preocupação de nossa pesquisa no terceiro capítulo. Junto às relações estabelecidas no reino de Mércia foi possível visualizar como se comportam questões que não são necessariamente de cunho político voltado ao reino, mas que a esfera do reino atuaria em menor escala. Como foi o caso do fragmento do ano de 656. Nele, foi possível perceber mudanças da narrativa, principalmente quando voltada à participação e ao estabelecimento da Igreja em um reino que estava no início de sua cristianização. Aqui, notamos que a Igreja possui seu nível de interferência na legitimação de determinados reis – no caso, Wulphere de Mércia – e que ela está presente, em menor ou maior escala, nas relações de poder dos reinos anglo-saxões descritas na *Crônica Anglo-Saxônica*, fonte de origem política. Dentro das relações formadas pelo reino de Mércia entre os séculos VII e VIII, foi notado como se comporta um reino anglo-saxão com suas estruturas políticas já estabelecidas e que possui sua constante atuação junto as relações de poder com outros reinos. O reino de Mércia durante este período possibilitou inflexões que aumentou sua hegemonia política em muitos momentos. Esta hegemonia se demonstra em diversos momentos, como na cunhagem de moedas de Offa de Mércia, em final do século VIII. Em diversos momentos do século VII e

VIII, a própria soberania do reino de Mércia, principalmente em detrimento ao reino de Wessex é muitas vezes velada pelos escritores da *Crônica Anglo-Saxônica*, de origem vinda de Wessex. As reflexões realizadas junto ao reino de Mércia possibilitaram notar como se faz a atuação de um reino influente em outros reinos.

Em relação ao reino de Wessex, nossa abordagem teve que ser ainda mais cuidadosa, já que é nele que ocorre a escrita da *Crônica Anglo-Saxônica*. Os relatos voltados ao reino de Wessex foram relatos muito mais detalhados e que possuíam uma linearidade, diferentemente dos outros reinos anglo-saxões. Como um dos poucos reinos que tiveram seu estabelecimento definido, além de sua trajetória durante o século VI explicitada, quando chegamos ao século VII para os escritores da *Crônica Anglo-Saxônica* temos a impressão de um reino já bem estabelecido politicamente. No início do século VII, foi notado um reino que se comporta muitas vezes atuando contra os bretões, mas que possui sua maior preocupação ligada ao governo de Mércia, seu principal antagonista nas relações de poder anglo-saxãs. Diversos conflitos entre Mércia e Wessex foram registrados pelos escritores da *Crônica Anglo-Saxônica*, não tendo explicitada a expansão por parte dos Mércios, mas mostrado constantemente a sobrevivência de Wessex perante seu inimigo comum. As discussões em relação ao estabelecimento de uma linhagem real também foram mais incisivas nas passagens que se referem ao reino de Wessex. Tendo em Cerdic, uma figura do século V e o primeiro rei de Wessex como objeto legitimatório de monarcas posteriores. A figura de Cerdic serve como o aporte genealógico dos reis de Wessex, esta questão está presente em todas as relações sanguíneas que envolvem o trono de Wessex durante o século VII e VIII, que depois irão se refletir no século IX no próprio Alfredo. Estas questões, inclusive, são presentes na passagem do século VII para o VIII, onde Wessex vivia uma crise em suas estruturas políticas, havendo a procura de uma legitimação entre rei e *etheling*, figura nobre que procura se admitir como um rei para uma certa parte da população, que é registrada pelos escritores da *Crônica Anglo-Saxônica*. O estabelecimento da linhagem de Cerdic aqui é o principal argumento que vai levar a um apaziguamento das relações entre rei e *etheling* durante o início do século VIII. Estes exemplos são cruciais quando notamos a importância das relações sanguíneas, ou, pelo menos, a legitimação a partir delas para o estabelecimento de uma figura real dentre as estruturas políticas dos reinos, não só de Wessex mas de quase todos os reinos anglo-saxões. Neste sentido, o conflito com os Mércios continuam, havendo um perceptível esforço de Wessex na forma como o reino vai tratar na *Crônica Anglo-Saxônica* destas batalhas que continuam até o século IX. Estas batalhas que encontram uma premissa diferente ao momento que são relatadas as invasões escandinavas.

A questão do reino, portanto, foi explicitada por nós como um objeto crucial e determinante para a formação das relações de poder entre os reinos anglo-saxões. As relações de poder e suas estruturas políticas são, portanto, objetos que confluem na medida que tratam da questão política em âmbitos diferentes, um interno e estrutural, e outro externo que lida com objetos de origem distinta. Estas questões são aumentadas ao momento que percebemos que a *Crônica Anglo-Saxônica* se constrói em ambiente político. Tendo a *Crônica Anglo-Saxônica* como base, conseguimos compreender a formação do político para uma historiografia do século IX em forma de crônica. A partir disto, é possível notar que para o estabelecimento do reino, os fatores que remetem a sua estrutura política vão denotar sua atenção nas mais diferentes formas. A expansão do território, a autonomia do reino, a sua estrutura administrativa e seus personagens reais são pré-requisitos para compreender sua estrutura política e relações de poder, sobretudo quando relacionados ao fato de que a *Crônica Anglo-Saxônica* é um documento político. A multiplicidade destas questões atravessa pessoas e perspectivas, notando esta multiplicidade como a função principal da história política enquanto objeto historiográfico.

Nosso trabalho, portanto, lida tanto com a história política, percebendo suas construções nas mais diferentes esferas de se pensar o governo, quanto com a historiografia, pois a escrita da *Crônica Anglo-Saxônica* é nosso ponto de partida. Aqui, tentamos adaptar estas questões voltadas a um período, o século VII e VIII, que possui suas peculiaridades principalmente no tocante as relações de poder dos reinos anglo-saxões. Começando com a fragmentação dos reinos anglo-saxões, notamos um certo tipo de construção de relação de poder, que vai lidar com muitos mais elementos que em finais do século VIII, quando a hegemonia envolvendo as figuras de Wessex e, principalmente, Mércia, está presente. Encontramos nosso fim da pesquisa com a invasão dos escandinavos, pois o panorama político dos anglo-saxões muda completamente. Aqui, inicia-se a *era viking*. Este período é um dos mais ricos historiograficamente em relação a história da Inglaterra, tendo o século VII e VIII, um período um pouco mais obscuro principalmente em questão de fontes. Nossa intenção aqui, portanto, não é estabelecer uma história factual do reino anglo-saxão no período determinado, mas é lidar principalmente com a questão da perspectiva. Perspectiva esta de uma escrita do século IX e do reino de Wessex que vai abordar a constituição de relações de poder e estruturas políticas que são peculiares dos próprios reinos anglo-saxões, mas que são determinantemente escritas a partir do ponto de vista de Wessex. Neste sentido, retomamos nossa problemática inicial, que é notar a formação destas relações dentre os reinos anglo-saxões. Como construído através de nossa escrita, compreendemos que estas relações

são muito mais complexas e distintas que simplesmente lidar com o objeto que os reinos anglo-saxões são divididos. Através disto, notamos relances de hegemonia como no caso do reino de Mércia, personagens marcantes nestas relações como Ina de Wessex, Offa de Mércia e o próprio Alfredo que vão ser objetos protagonistas em nossas questões voltadas a investigação das relações de poder e estruturas políticas. Todas estas percepções são feitas através da análise de que se deve construir uma escrita da história que vá lidar com todos os tipos de perspectiva. A função de nosso trabalho, portanto, é se afastar da perspectiva única de Wessex ao escrever a *Crônica Anglo-Saxônica* para notar a construção das relações de poder e estruturas políticas para o próprio documento. Sendo assim, compreendemos que o trabalho do historiador tem em sua função maior a percepção de pontos de vista, do qual conseguimos fazer este exercício através de nossos objetos, os reinos anglo-saxões retratados na *Crônica Anglo-Saxônica*.

## Referências

### Fontes

**THE ANGLO-SAXON CHRONICLE.** Londres: Everyman Press, 1996. Disponível em: <<http://omacl.org/Anglo/>> até abril de 2018. Tradução por James Ingram e J.A. Giles. Digitalização por Douglas B. Killings.

**BEDA, O VENERÁVEL. ECCLESIASTICAL HISTORY OF THE ENGLISH PEOPLE.** Cambridge: Ontario, 1999. Disponível em <[http://www.yorku.ca/inpar/Bede\\_Miller.pdf](http://www.yorku.ca/inpar/Bede_Miller.pdf)> Tradução por Thomas Miller.

### Bibliografia

ABELS, Richard. **Alfred the Great: War, kingship and culture in Anglo-Saxon England.** Londres e Nova York: Routledge, 2013.

ADAMS, Max. **The King in the North: The Life and Times of Oswald of Northumbria.** Londres: Head of Zeus, 2013.

ALLEN, Michael. Universal History 300 – 1000: Origins and Western developments. In: DELIYANNIS, Deborah. **Historiography in the Middle Ages.** Koninklijke: Brill, 2003. p. 17-42.

ALMEIDA, Néri de Barros. A Aristocracia na Idade Média: redes sociais e instrumentos de

poder e autoridade (séc. V-XIII). **Revista Signum**, 2016, vol. 17, n. 2. Pp. 1-4.

ARNOLD, C. J.. **An Archaeology of the early Anglo-Saxon Kingdoms**. 2. ed. Londres e Nova York: Routledge, 1997.

ATHERTON, Mark. **Complete Old English (Anglo-Saxon)**. Londres: The McGraw-Hill Companies, 2010.

BAKER, George Phillip. **The fighting kings of Wessex**. Pennsylvania: Combined Books, 1996.

BATELY, Janet. **The Anglo-Saxon Chronicle: texts and textuals relationships**. Reading: University of Reading, 1991.

BLAIR, John. **The church in the Anglo-Saxon Society**. Oxford: Oxford University Press, 2005.

BLAIR, Peter Hunter. **Anglo-Saxon England**. 4. ed. Londres: The Folio Society, 1997. (A History of England).

BROWN, George Hardin. **A Companion to Bede**. Woodbridge: The Boydell Press, 2009.

BURKE, Peter. A história dos acontecimentos e o renascimento da narrativa. In: \_\_\_\_\_ (org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Ed. Unesp, 1992. p.327-348.

CAMPBELL, James. **Essays in Anglo-Saxon History**. Londres: The Hambledon Press, 1986.

CAMPBELL, James. **The Anglo-Saxon State**. Londres e Nova York: A&C Black, 2000.

CARDWELL, Samuel. ‘The People Whom He Foreknew’: The English as a Chosen People in Bede’s *Historia ecclesiastica*. In: **Revista JAEMA**. Sidney, n. 1, p. 41 – 66, 2015.

CERTEAU, Michel de. A Economia Escriturística. In: \_\_\_\_\_. **A Invenção do Cotidiano**. 1. Artes de Fazer. Petrópolis: Vozes, 2011. Pp. 201-224.

CHARLES-EDWARDS, T. M. Wales and Mercia, 613-918. In: In: BROWN, Michelle P., FARR, Carol A. (org). **Mercia: An Anglo-Saxon Kingdom in Europe**. Leicester: Leicester University Press, 2001. p. 89-105.

CLARK-HALL, John R. **A concise Anglo-Saxon dictionary**. Nova York: The Macmillan Company, 1916.

DAVIES, John Reuben. Wales and West Britain. In: STAFFORD, Pauline (org.). **A Companion to the Early Middle Ages: Britain and Ireland, c. 500 – 1100**. Chichester: Wiley-Blackwell Company, 2009. p. 341 – 357.

DUNN, Marilyn. **The Cristianization of the Anglo-Saxons c.597 – c.700: Discourses of Life, Death and Afterlife**. Londres: Continuum, 2009.

GOFFART, Walter. **The narrators of Barbarian history (AD. 550-800)**: Jordanes, Gregory

of Tours, Bede and Paul, the Deacon. Princeton: Princeton University Press, 1988.

GRANSDEN, Antonia. Propaganda in English medieval historiography. **Journal of Medieval History**. North Holland, v. 1 (1975), p. 363-382, 1975

GRIERSON, Philip; BLACKBURN, Mark. **The Anglo-Saxons and the Vikings: eighth – tenth centuries**. In: GRIERSON, Philip; BLACKBURN, Mark. *Medieval European Coinage: the early Middle-Ages (5th-10th centuries)*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986. pp. 267 – 325.

HIGHAM, Nicholas J. **Britons in Anglo-Saxon England**. Woodbridge: The Boydell Press, 2007.

HINDLEY, Geoffrey. **A brief history of the Anglo-Saxons: the beginnings of the English nation**. Londres: Robinson, 2006.

KEYNES, Simon. England, 700-900. In: MCKITTERICK, Rosamond. **The New Cambridge Medieval History**. Cambridge: Cambridge University Press, 2008. Vol II, p. 18-42.

KEYNES, Simon. The control of Kent in the Ninth Century. **Early Medieval History**, Cambridge, v. 2, n. 2, p. 111-131, 1993.

LAPIDGE, Michael; BLAIR, John; KEYNES, Simon; SCRAGG, Donald. **The Wiley Blackwell Encyclopedia of Anglo-Saxon England**. 2. ed. Chichester: WILEY Blackwell, 2014.

LE JAN, Régine. O historiador e suas fontes: Construção, desconstrução, reconstrução. **Revista Signum**. Belo Horizonte, vol. 17, n. 1, p. 5-26, 2016.

MADDICOTT, J. R. Two frontier states: Northumbria and Wessex c. 650 – 750. In: MADDICOTT, J. R. PALLISER, D. M (org.). **The medieval state: essays presented to James Campbell**. Londres: The Hambledon Press, 2000. Pp. 25 – 46.

MEDEIROS, Elton Oliveira Souza de. **O REI, O GUERREIRO E O HERÓI BEOWULF E SUA REPRESENTAÇÃO NO MUNDO GERMÂNICO**. 2006. 140 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-graduação em História Social, Departamento de História, Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2006.

MENACHE, Sophia. Chronicles and historiography: the interrelationship of fact and fiction. **Journal Of Medieval History**, [s.l.], v. 32, n. 4, p.333-345, dez. 2006.

NORDIN, Nei Marcos A. Concepções sobre o tempo na cronística lopeana. In: MATTOS, Carkubda Narua Fischer; CRUXEN, Edison Bisso; TEIXEIRA, Igor Salomão (org.). **Reflexões sobre o medievo II: Práticas e Saberes no Ocidente Medieval**. São Leopoldo: Oikos, 2012. p. 15-38.

PRATT, David. **The political thought of King Alfred the Great**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

RÉMOND, René (Org). **Por uma história política**. 2. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2003. 464p.

SANTOS, Dominique Vieira Coelho dos; SOUZA, Anderson. Aelfred Venerabilis Rex: A construção da imagem do Rei-Guerreiro na Vita Ælfredi Regis Angul Saxonum. **Roda da Fortuna**, v. 1, n. 2, p.66-79, 30 dez. 2012.

SANTOS, Dominique Vieira Coelho dos; SOUZA, Anderson. Renovatio Alfrediana- As intervenções culturais de Alfred, O Grande. **Revista Brathair**, São Luís, v. 13, n. 1, p.74-85, nov. 2013.

SILVA, Paulo Duarte; XAVIER, Nathalia Agostinho. O cristianismo ocidental em perspectiva: a conversão monárquica nos reinos suevo e de Kent (séculos VI-VII). **Revista Brathair**, São Luís, v. 15, n. 2, p.4-31, abr. 2016. Semestral.

STENTON, Frank. **Anglo-Saxon England**. Oxford: Oxford University Press, 1971.

TEIXEIRA, Igor Salomão. ALMEIDA, Cybele Crossetti de. O Universo Normativo e Relações de Poder na Idade Média: doutrinas, regras, leis e resoluções de conflitos entre os séculos V e XV. **Anos 90**, 2013, v. 20, n. 38.

THACKER, Alan. England in the Seventh Century. In: MCKITTERICK, Rosamond. **The New Cambridge Medieval History**. Cambridge: Cambridge University Press, 2008. Vol I, p. 462-495.

TORO VIAL, José Miguel de. As crônicas universais e a cosmografia medieval. In: TEIXEIRA, Igor Salomão; BASSI, Rafael (org.). **A Escrita da História na Idade Média**. São Leopoldo: Oikos, 2015. p. 158-183.

TYLER, Damian J. Early Mercia and the Britons. In: HIGHAM, N. J. **Britons in Anglo-Saxon England**. Woodbridge: The Boydell Press, 2007. pp. 91-101.

WHITE, Hayden. Introdução: A Poética da História. In: \_\_\_\_\_. **Meta-história: a imaginação histórica do século XIX**. 2. ed. São Paulo: Editora da UNESP, 2008. p. 17-58.

WHITE, Hayden. The Burden of History. **History and Theory**, 1966. Virtual Issue, May 2018. Disponível em: < <https://onlinelibrary.wiley.com/page/journal/14682303/homepage/haydenwhite> > e acessado pela última vez em 31 de maio de 2018.

WHITE, Hayden. The Question of Narrative in Contemporary Historical Theory. **History and Theory**, 1984. Virtual Issue, May 2018. Disponível em: < <https://onlinelibrary.wiley.com/page/journal/14682303/homepage/haydenwhite> > e acessado pela última vez em 31 de maio de 2018.

WHITE, Hayden. **Trópicos do Discurso**: ensaio sobre a crítica da cultura. 2. ed. São Paulo: Editora da USP, 2001.

WHITELOCK, Dorothy. The Anglo-Saxon Chronicle: few comments. **Speculum**, Chicago, v. 37, n. 4, p. 665-667, out, 1962.

WHITELOCK, Dorothy. The pre-Viking age church in East Anglia. In: CLEMOES, Peter.

**Anglo-Saxon England.** Cambridge: Cambridge University Press, 1972. p. 1-42.

WILLIAMS, Gareth. Military institutions and royal power. In: BROWN, Michelle P. FARR, Carol A. (org). **Mercia: An Anglo-Saxon Kingdom in Europe.** Leicester: Leicester University Press, 2001. pp. 295-309.

WOOLF, Alex. Reporting Scotland in the Anglo-Saxon Chronicle. In: JORGENSEN, Alice (org.). **Reading the Anglo-Saxon Chronicle: Language, Literature, History.** Brepols: Turnhout, 2010. p. 221-239.

WORMALD, Patrick. The Age of Bede and Aethelbald. In: CAMPBELL, James; JOHN, Eric; WORMALD, Patrick. **The Anglo-Saxons.** Londres: Penguin Books, 1991. p. 70-100.

WORMALD, Patrick. The Ninth Century. In: CAMPBELL, James; JOHN, Eric; WORMALD, Patrick. **The Anglo-Saxons.** Londres: Penguin Books, 1991. Pp. 132-160.

YORKE, Barbara. **Kings and Kingdoms of Early Anglo-Saxon England.** 2. ed. Londres e Nova York: Routledge, 2003.

YORKE, Barbara. The Origins of Mercia. In: BROWN, Michelle P. FARR, Carol A. (org). **Mercia: An Anglo-Saxon Kingdom in Europe.** Leicester: Leicester University Press, 2001. p. 13-22.

YORKE, Barbara. The Representation of Early West Saxon History in the Anglo-Saxon Chronicle. In: JORGENSEN, Alice (org.). **Reading the Anglo-Saxon Chronicle: Language, Literature, History.** Brepols: Turnhout, 2010. p. 141-160.

YORKE, Barbara. **Wessex in the Early Middle Ages.** Leicester: Leicester University Press, 1995.

ZALUCKYJ, Sarah. Cearl, Penda and Wulfhere. In: ZALUCKYJ, Sarah. **Mercia: the anglo-saxon kingdom of central England.** Herefordshire: Logaston Press, 2001. p. 25-43.



**Anexos**  
**Folha de Aprovação**

**KAUÊ JUNIOR NECKEL**


**Poder, política e escrita da história na *Crônica Anglo-Saxônica*: uma análise dos reinos anglo-saxões dos séculos VII e VIII**

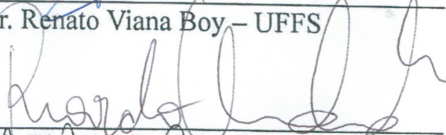
Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito para obtenção do grau de Licenciado em História da Universidade Federal da Fronteira Sul.

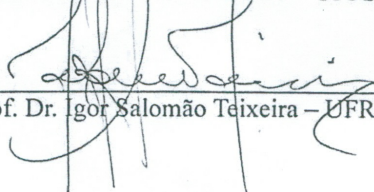
Orientador: Prof. Dr. Renato Viana Boy

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca examinadora em 18 de junho de 2018.

**BANCA EXAMINADORA**

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Renato Viana Boy – UFFS

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Ricardo Machado – UFFS

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Igor Salomão Teixeira – UFRGS